

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**O JAZIGO FUNERÁRIO DE IÇARA NO CONTEXTO  
LITORÂNEO CATARINENSE**

JULIANE MARIA IZIDRO

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz

Dissertação apresentada como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em História, na área de História da América Latina.

São Leopoldo, março de 2001.

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**O JAZIGO FUNERÁRIO DE IÇARA NO CONTEXTO  
LITORÂNEO CATARINENSE**

JULIANE MARIA IZIDRO

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz

Dissertação apresentada como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em História, na área de História da América Latina.

São Leopoldo, março de 2001.

*A São José*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz, meu orientador, pelas valiosas sugestões, e principalmente pela paciência, incentivo, apoio e dedicação nesta caminhada.

À CAPES pela bolsa de mestrado.

Ao Fúlvio pela digitalização das figuras.

Ao Marcus Vinícius por inserir as figuras no texto, montar a lista de figuras, pelas aulas de informática de última hora e principalmente pela amizade, apoio e prestatividade que sempre me dispensou.

À Luisa e à Fabiana pelo companheirismo durante a caminhada, em especial durante toda análise do material.

Ao André por todos esclarecimentos e sugestões relacionados ao ambiente.

À Ivone pela amizade e auxílio nas pesquisas na biblioteca.

A minha mãe Alira, pelo amor, incentivo e compreensão.

A todos os amigos que dividiram diariamente minhas angústias e expectativas, principalmente Leonice, Janaina, Viviana, Dóris, Veridiane, Nivaldo e Clomar.

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	7
RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
1 O SÍTIO DE IÇARA.....	21
1.1 O Sítio e Sua Escavação .....	21
1.2 Os Sepultamentos do Sítio.....	36
1.2.1 Sepultamentos Primários Estendidos .....	39
1.2.2 Sepultamentos Primários Fletidos e Totalmente Fletidos.....	44
1.2.3 Sepultamento Primário de Crianças .....	50
1.2.4 Sepultamentos Secundários Não-Cremados.....	52
1.2.5 Sepultamentos Parcialmente Cremados.....	60
1.2.6 Sepultamentos Secundários Mistos.....	62
1.2.7 Sepultamentos Secundários Cremados .....	63
1.2.8 Material Disperso pelo Trator .....	68
1.3 O Padrão de Sepultamento.....	68
2 outros sítios do litoral catarinense e seus sepultamentos.....	76
2.1 Sambaqui do Morro do Ouro (SC-LN-41) .....	77
2.2 Sambaqui do Cubatãozinho (SC-LN-40).....	86
2.3 Sambaqui de Congonhas I (SC-LS-30) .....	91
2.4 Sambaqui da Carniça I (SC-LL-13).....	96
2.5 Sítio Arqueológico da Armação do Sul .....	98
2.6 Sítio Arqueológico de Laranjeiras I.....	108

2.7 Sítio Arqueológico de Laranjeiras II .....	117
2.8 Sítio Arqueológico da Praia da Tapera.....	129
Comparação e conclusão .....	144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	151
ANEXOS .....	156

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Localização dos Sítios.....	20
Figura 2 – Distribuição aproximada dos principais domínios florísticos da região de Içara ...	26
Figura 3 – Localização dos sepultamentos de Içara nas quadrículas escavadas .....	27
Figura 4 – Perfil transversal, quadrículas A3 a H3. Perfil estratigráfico mostrando área com muitos buracos, quadrícula E5 E F5 (Içara). .....	28
Figura 5 – Distribuição dos refugos alimentares dentro da área escavada (Içara). .....	35
Figura 6 – Visão de conjunto dos sepultamentos do conjunto W (Içara). .....	37
Figura 7 – Sepultamento 93.10. ....	41
Figura 8 – Sepultamento 94.9. ....	41
Figura 9 – Sepultamento 94.18. ....	42
Figura 10 – Sepultamento 94.21. ....	43
Figura 11 – Crianças do sepultamento 94.21. ....	44
Figura 12 – Sepultamento 94.3. ....	45
Figura 13 – Sepultamento 94.10. ....	46
Figura 14 – Sepultamento 95.2. ....	46
Figura 15 – Sepultamento 95.6. ....	47
Figura 16 – Sepultamento 93.9. ....	49
Figura 17 – Sepultamento 94.13. ....	50
Figura 18 – Sepultamento 94.7. ....	51
Figura 19 – Sepultamento 95.5. ....	52
Figura 20 – Sepultamento 92.1. ....	52
Figura 21 – Sepultamento 93.6. ....	54
Figura 22 – Sepultamento 93.8. ....	55

Figura 23 – Sepultamento 94.2.....	55
Figura 24 – Sepultamento 94.14.....	56
Figura 25 – Sepultamento 94.17.....	57
Figura 26 – Sepultamento 94.20.....	58
Figura 27 – Sepultamento 95.1.....	59
Figura 28 – Sepultamento 95.4.....	60
Figura 29 – Sepultamento 94.12.....	61
Figura 30 – Sepultamento 95.7.....	62
Figura 31 – Sepultamento 92.3.....	63
Figura 32 – Sepultamento 94.4.....	64
Figura 33 – Sepultamento 94.8.....	65
Figura 34 – Sepultamento 94.16.....	67
Figura 35 – Sepultamento do Sambaqui do Morro do Ouro. ....	86
Figura 36 – Sepultamento encontrado no Sambaqui do Cubatãozinho.....	90
Figura 37 – Sepultamentos do Sítio Arqueológico de Armação do Sul.....	105
Figura 38 – Sepultamentos do Sítio Arqueológico de Armação do Sul.....	106
Figura 39 – Distribuição dos sepultamentos e das fogueiras com e sem seixos; limite da concreção de ostras (Laranjeiras II).....	113
Figura 40 – Sepultamentos do sítio arqueológico de Laranjeiras 1.....	116
Figura 41 – Planta do sítio arqueológico de Laranjeiras II com a disposição dos sepultamentos e do lugar do lixo ofensivo .....	120
Figura 42 – Sepultamentos do sítio arqueológico de Laranjeiras II.....	126
Figura 43 – Sepultamentos do sítio arqueológico de Laranjeiras II.....	127
Figura 44 – Sepultamentos do sítio arqueológico de Laranjeiras II.....	128
Figura 45 – Fundos de cabana e cemitérios domiciliares (Tapera).....	138
Figura 46 – Sepultamentos do sítio arqueológico da Tapera.....	141
Figura 47 – Sepultamentos do sítio arqueológico da Tapera.....	142
Figura 48 – Sepultamentos do sítio arqueológico da Tapera.....	143

## RESUMO

A dissertação estuda formas de deposição dos mortos no litoral de Santa Catarina. O projeto nasceu da observação das formas variadas de deposição dos mortos no sítio SC-IC-01, resultante de acampamentos sucessivos para pesca, caça e coleta de uma população pré-cerâmica do primeiro milênio de nossa era. No sítio, os 84 mortos, de diferentes idades e ambos os sexos, podem apresentar uma deposição primária, secundária sem cremação, ou secundária com cremação. Os primários são predominantemente simples, os secundários simples ou múltiplos, os cremados geralmente múltiplos.

Para destacar melhor a singularidade dos sepultamentos do sítio, atribuído a uma população nômade, eles foram comparados com outros sítios do mesmo litoral catarinense que sugerem certa estabilidade da população. Para isso foi usada uma amostra de concheiros pré-cerâmicos nos quais aparecem sinais de inícios de hierarquização social, concheiros pré-cerâmicos sem indícios de hierarquização e concheiros cerâmicos da tradição Itararé.

## **ABSTRACT**

The dissertation studies forms of burials of the sea shore of Santa Catarina. The origin of the project was the observation of very divergent forms of deposition of the dead in SC-IÇ-01, a site resulting from successive encampments of a preceramic foraging population of the first millenium of the Christian era. The 84 buried individuals, of different ages and both sexes, present diverging forms of deposition, now primary, then secondary cremated or not cremated. The primary depositions are predominantly single, the secondary single or multiple, the cremated ones generally multiple.

To emphasize the singularity of SC-IÇ-01, attributed to a nomad population, the burials were compared with the depositions of other sites of the same sea shore, testimonies of a more stable settlement. For the purpose we elected samples of preceramic shell mounds with and without traces of hierarchy and shell mounds of the Itararé ceramic tradition.

## INTRODUÇÃO

A arqueologia tem por objetivo reconstituir o modo de vida e a história de grupos humanos para os quais não existem ou existem poucos documentos escritos. Para isso utiliza os restos materiais resultantes de sua atuação, suficientemente preservados para transmitirem fragmentos da atuação humana.

Esses restos, que entendemos como cultura material, podem ser vestígios de suas habitações ou acampamentos, modificações causadas no ambiente, sinalizações de diversa natureza como pinturas, gravuras, acúmulos de pedras ou terra, bem como seus artefatos, restos industriais, alimentares e fecais, e também suas sepulturas.

Faz aproximadamente 150.000 anos, no Paleolítico Médio, com o Homem de Neanderthal, que a humanidade começou a sepultar os seus mortos, dando-lhes um destino conhecido.

E a partir de então, dentre todos os restos materiais deixados pelo Homem, as sepulturas, onde guardavam os restos mortais de seus membros falecidos são um local favorecido pela quantidade e qualidade de informações que contêm. Neste sentido, segundo

Schiffer (1976 *apud* Chapman, Kinnes & Randsborg, 1981, p.11)<sup>1</sup> podem ser considerados como parte da “*memória arqueológica*”.

Segundo Renfrew & Bahn (1993), estudando as sepulturas podem-se recuperar dados biológicos sobre as populações: constituição física, origem, parentesco e relacionamento, saúde, mortalidade, alimentação e estado nutricional, número de filhos das mulheres; dados sociais como tratamento diferenciado de sexo, idade, desempenho pessoal e distinção de classe; dados de ritual ligados ao tratamento proporcionado aos mortos, como o local de sua deposição, as formas de preparação e deposição do corpo e seu invólucro definitivo, o local para ele reservado e sua preparação, as oferendas e acompanhamentos, dados também sobre a tecnologia de produção e uso daqueles elementos que o acompanham.

A recuperação das possíveis informações depende naturalmente tanto do estado de conservação dos elementos incluídos nas sepulturas, quanto da tecnologia e precisão usadas na sua recuperação. A pouca preservação dos elementos, ou pouca precisão ao recuperá-los dificulta, ou até mesmo impossibilita o pesquisador de reconhecer o contexto funerário, e com isso de tirar conclusões mais precisas a respeito.

Além do sepultamento em si, ou seja, da própria deposição do corpo, o lugar onde as comunidades humanas guardam os restos de seus membros falecidos e as relações que mantêm com sua memória, são um tema importante da Arqueologia e da Antropologia.

---

<sup>1</sup> A ABNT sugere que o sobrenome dos autores mencionados, parafraseados ou citados durante o decorrer do texto, seja colocado em letras maiúsculas. Por uma questão de estética não utilizaremos esta sugestão, tendo em vista que a prática adotada não compromete a referência aos devidos autores.

Em nossa sociedade este lugar pode ser um cemitério público e indiscriminado, pode ser o jazigo de uma confraria, associação, igreja ou família, ou uma urna com os restos da cremação. O lugar onde ela guarda os restos materiais de seus falecidos costuma ser muito importante para a comunidade e nos ajuda a entender a população que o pratica.

Bandos nômades que migram num território limitado, sem residência fixa, muitas vezes criam um lugar para onde levam os mortos falecidos durante seu peregrinar. Muitas vezes este lugar é uma caverna, como exemplifica bem a conhecida passagem bíblica na qual Abraão comprou uma caverna para sepultar sua esposa Sara, em Hebron, na terra dos Cananeus (Gênesis, cap. 23); ou então os abrigos rochosos que os Puri e Coroado, do Rio de Janeiro e Minas Gerais usavam para este fim (Dias & Carvalho, 1980 e Luft, 2000). Pode também ser um cemitério a céu aberto, em lugar facilmente identificável pelo grupo e em território de seu domínio.

Um cemitério é um lugar para onde o grupo, ou membros do mesmo, voltam não só para depositar outros falecidos, mas também para praticar rituais ligados com a memória dos mortos e o equilíbrio da sociedade sobrevivente.

Os falecidos na proximidade do cemitério podem ser levados ao mesmo sem grande pré-tratamento do corpo e sem demora na sua deposição, mas os falecidos em acampamentos afastados não podem ser trazidos imediatamente e precisam de tratamento prévio para tornar o transporte viável e não excessivamente incômodo. Para isso o corpo pode ser submetido a tratamentos diferentes: ele pode ser exposto ao ar numa plataforma, como se fazia no Chaco e nas Grandes Planícies norte-americanas, para o intemperismo e os animais o descarnarem.

Em vez disso ele pode ser submetido a outros tipos de descarnamento por animais

(piranhas na Amazônia), ou receber um sepultamento provisório (como entre os Bororo do Mato Grosso (Fagundes, 1995)). Os ossos descarnados são mais fáceis de transportar numa longa jornada e podem esperar a oportunidade da migração anual para o cemitério. Cremar os ossos descarnados reduz ainda mais o volume e peso e possibilita carregar num cesto os restos mortais de vários indivíduos.

O cemitério é um lugar sagrado que pode convidar ao convívio ou à evitação.

O primeiro exemplo de nosso trabalho é de um sítio de populações nômades, SC-IC-01. Para o devido destaque desse jazigo de população nômade nós o comparamos com o de populações consideradas mais estáveis do mesmo litoral de Santa Catarina.

Populações mais estáveis costumam enterrar os seus mortos no lugar onde vivem, mantendo-os perto de si, sepultando-os dentro da casa, em cemitérios domiciliares ou sem ordem aparente no espaço em que habitam. O grau de sofisticação da sociedade pode refletir-se, facilmente, embora não de forma linear, na maneira de depositar os mortos. Na medida em que os povoados crescem são criados espaços reservados e exclusivos para esta finalidade.

O cemitério passa a ser referência para o grupo não só no sentido de marcar sua origem e trajetória, mas também a posse do espaço e do território (Hodder, 1990).

Em nossa dissertação levamos em consideração a discussão atual em torno do povoamento do litoral catarinense, e a organização dos grupos que o habitaram. Dentro desta, salientamos o estudo de Tânia Andrade Lima (2000) que, além de um nível de estabilidade simples, aceito geralmente pelos arqueólogos (Schmitz em seus vários trabalhos; Lima, 2000), sugere a existência de centros hierárquicos atuando a nível intra e intergrupais. Os indícios

destes centros culturais são mais evidentes nas duas áreas com maior densidade de grandes sambaquis: no norte, a Baía de Babitonga e no sul, a região de Laguna.

O estudo de Lima (2000, p.3) supõe que:

"Entre 6.000 e 2000 A.P., os circunscritos ambientes lagunares, repletos de sambaquis, definiram territórios excepcionalmente produtivos, compondo uma paisagem fortemente social, onde a circunscrição atuava como muros simbólicos. A delimitação, no caso, favorecia a concentração e o controle sobre os locais de maior produtividade - assegurando direitos de acesso aos recursos - bem como a defesa contra competidores rivais e inimigos."

Em um ambiente com grande concentração de assentamentos, a distribuição espacial, segundo a autora, parece ter atendido a hierarquias intra e intergrupais, cabendo aos de maior prestígio e poder as implantações mais estratégicas. Estes poderiam atuar no sentido de controle do território, como dos locais mais favorecidos em recursos alimentares, hídricos e minerais.

Esta organização hierárquica refletir-se-ia através do aparente planejamento e no conhecimento necessários para a construção destes grandes sítios; na minúcia da confecção dos zoólitos (pequenas esculturas de animais em pedra), que exige um trabalho especializado que chega a consumir até 200 horas de trabalho de um hábil artesão para a produção de uma só peça (Prous *apud* Lima, 2000, p.3); e também na elaboração e preparação de alguns túmulos que certamente receberam indivíduos considerados importantes dentro do grupo.

Estas atividades necessitariam de maior investimento de tempo e energia, principalmente a confecção dos zoólitos. Isto supõem que:

"Este elenco de artefatos altamente elaborados e artísticos, que exigem grande talento para a sua produção, configura trabalho especializado, cuja organização transcende a unidade doméstica, assim como sinaliza o surgimento de indivíduos

com funções e status diferenciados, exercendo maior controle e poder." (Lima, 2000, p.4).

A autora apresenta ainda, a idéia de que o aparecimento destas peças a grandes distâncias do litoral, sugere a existência de centros de produção e distribuição, visando estratégias de fortalecimento de lideranças emergentes e difusão ideológica.

Esta discussão nos faz pensar sobre a diversidade cultural existente no litoral catarinense.

O presente trabalho estuda sepultamentos em sítios do litoral de Santa Catarina. A problemática nasceu da estranha forma de sepultamento encontrada no sítio SC-IÇ-01, da localidade de Barra Velha, Santa Catarina, onde existem, lado a lado, sepultamentos primários, secundários e secundários cremados, quando o normal nos concheiros é o sepultamento primário.

O objetivo do trabalho é estudar a complexidade funerária que encontramos no litoral catarinense, através da análise do padrão de sepultamento de significativa amostra selecionada; mais especificamente, buscamos saber se o padrão de sepultamento encontrado em Içara é uma forma comum no litoral e qual sua relação com a de outros sítios com dados suficientes para uma comparação.

Com este fim, selecionamos a amostra a ser trabalhada entre grandes sambaquis do norte e do sul, concheiros rasos e sítios da tradição ceramista Itararé; todos considerados de populações estáveis. Entre os grandes concheiros escolhemos o Sambaqui do Morro do Ouro e o Sambaqui do Cubatãozinho, no norte, e o Sambaqui de Congonhas I e o Sambaqui da Carniça I, no sul. Todos se encontravam em áreas culturais apresentando hierarquização, o

que de alguma forma se refletiu nos sepultamentos.

Em área periférica aos grandes sambaquis, selecionamos dois concheiros rasos, pré-cerâmicos, com estruturas menos evidentes e sem hierarquização aparente; são eles Armação do Sul e Laranjeiras I.

Ao falarmos de centros culturais e áreas periféricas a estes, não poderíamos esquecer dos sítios ceramistas da tradição Itararé encontrados no litoral. Estas aldeias litorâneas também são consideradas periféricas à sua área central, o Planalto, que apresenta indícios de hierarquização. Segundo Schmitz (2000), estes indícios são representados por grandes montículos artificiais isolados, ou dentro de recintos entaipados. As aldeias litorâneas também são estruturadas e podem apresentar vestígios de incipiente hierarquização. Entre estas selecionamos Laranjeiras II e Tapera.

Deste modo, o trabalho foi estruturado numa introdução, dois grandes capítulos e uma comparação com conclusão.

O primeiro capítulo estuda um cemitério a céu aberto, junto à desembocadura do rio Araranguá, litoral meridional de Santa Catarina, datado do primeiro milênio de nossa era, criado possivelmente pelos antepassados dos índios Xokleng, uma etnia indígena cujos descendentes vivem hoje na Reserva Duque de Caxias, em Ibirama, Santa Catarina.

O sítio, denominado SC-IC-01, é um acampamento utilizado estacionalmente por população nômade. Apresenta 34 sepultamentos divididos entre quatro áreas bem definidas do sítio, totalizando 84 indivíduos. Nestas áreas, encontram-se sepultamentos de indivíduos adultos, alguns dos quais já em idade avançada, jovens e crianças, de ambos os sexos. Estes, dividem o mesmo espaço e se encontram em diferentes formas de deposição: primários,

secundários e secundários cremados.

No segundo capítulo descrevemos o padrão de sepultamento dos demais sítios selecionados: Sambaqui do Morro do Ouro, Sambaqui do Cubatãozinho, Sambaqui de Congonhas I, Sambaqui da Carniça I, Armação do Sul, Laranjeiras I, Laranjeiras II e Tapera, considerados de populações mais estáveis.

Analisando o padrão funerário destes grupos, percebe-se que os mortos costumam ter sua deposição definitiva acompanhada por rituais complexos, dos quais ficam vestígios na sepultura. A cova em que o morto é depositado pode ser funda ou rasa, forrada ou nua; pode ser simplesmente entulhada ou ter uma cobertura.

O corpo pode ser deixado estendido ou fletido, deitado de costas, de barriga ou de lado; ele pode estar orientado com referência a um fenômeno geográfico, olhar para o centro da choupana ou não ter orientação padronizada. Ele pode estar coberto por ocre, levar seus adornos tradicionais, levar instrumentos de trabalho ou alimentos ou estar desprovido de tudo isso. A forma de enterrar pode dar destaque a mulheres, crianças, lideranças ou pessoas que tiveram desempenho especial<sup>2</sup>.

Depois de apresentar o sítio de Içara e as outras amostras selecionadas, finalizamos o trabalho comparando as diversas formas de sepultamento estudadas e fazemos pequena conclusão.

---

<sup>2</sup> Tainter (1978 *apud* Chapman, Kinnes & Randsborg, 1981) desenvolveu um termo específico para denominar os indivíduos que tiveram um desempenho especial dentro do grupo social em que viviam, que é “*Persona Social*”. Este termo, apesar de criticado por pesquisadores posteriores a ele, ainda é largamente utilizado em trabalhos atuais.

Todos os elementos trabalhados nos falam de ritual e crenças. Mas por mais que se trabalhe é impossível recuperar todo o ritual, os gestos, as vozes, os movimentos, os sentimentos ligados à deposição.

Mesmo assim o estudo dos sepultamentos é muito rico, ao menos para nos mostrar a diversidade cultural das sociedades indígenas que viveram ao longo do litoral de Santa Catarina.

Ao desenvolver o trabalho, tivemos algumas dificuldades relacionadas a pouca, ou fragmentada descrição dos sítios e principalmente dos sepultamentos trabalhados. Porém, temos consciência de que a problemática que levantamos é atual, e de que os pesquisadores responsáveis pela descrição dos dados trabalhados estavam respondendo a questões pertinentes a seu período de estudo. Sem dúvida, descrições mais detalhadas e precisas dos sepultamentos teriam possibilitado conclusões também mais precisas e avançadas.

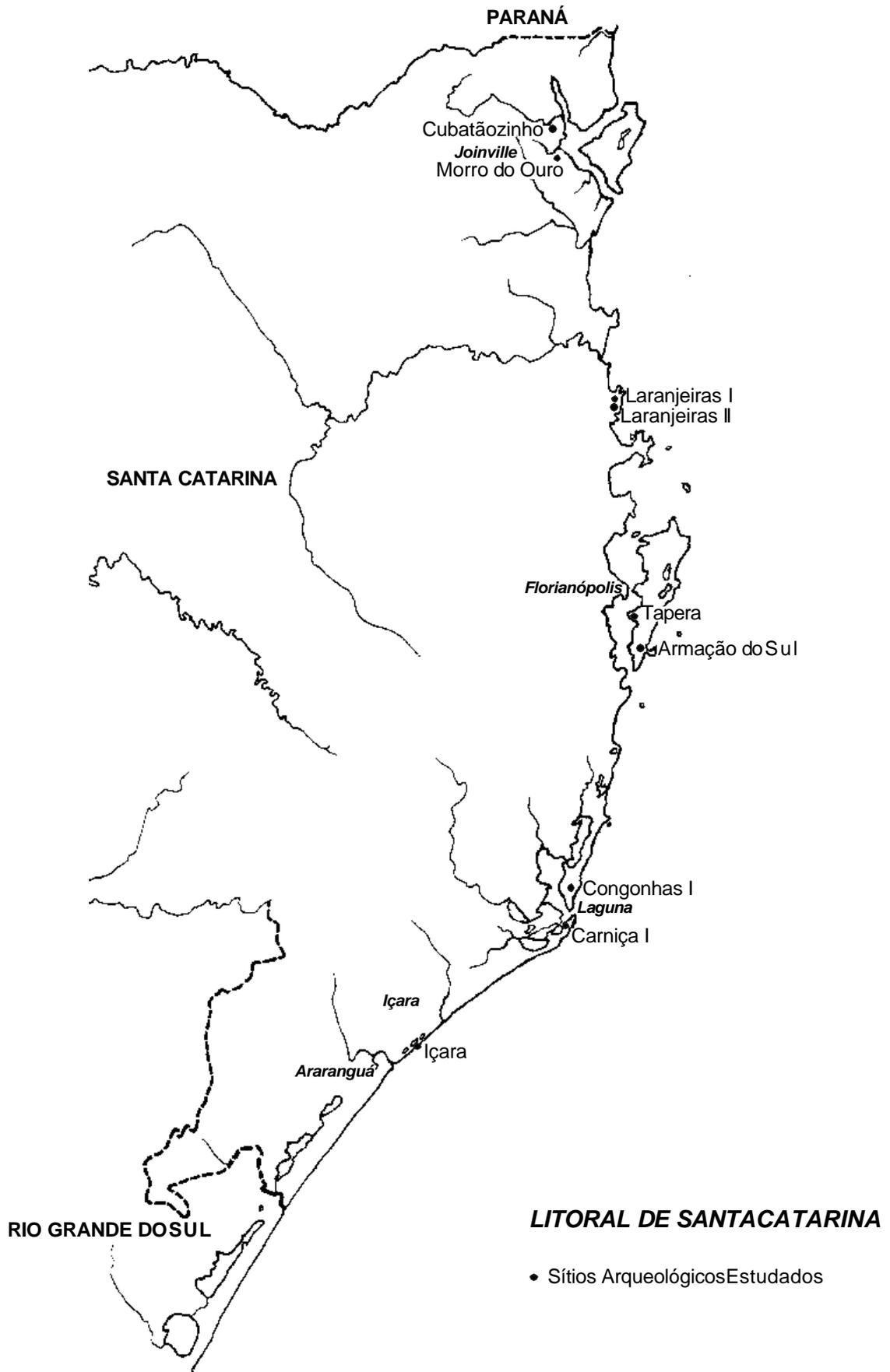


Figura 1: Mapa de localização dos sítios arqueológicos estudados.

# 1 O SÍTIO DE IÇARA

## *1.1 O Sítio e Sua Escavação*

Neste capítulo descreveremos um sítio, denominado SC-IÇ-01, resultante de acampamentos sucessivos para pesca e coleta de uma população nômade do primeiro milênio de nossa era.<sup>3</sup>

O sítio está localizado no Balneário de Barra Velha, município de Içara, SC, em uma região costeira situada, aproximadamente, entre 29° 50' e 29° 55' de latitude sul e entre 49° 15' e 49° 25' de longitude oeste (Figura 2). Situa-se em meio a uma faixa de dunas vegetadas,

---

<sup>3</sup> Este sítio vem sendo estudado pela equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas desde o ano de 1992. Os dados obtidos através da análise de seus remanescentes são interdisciplinares e respondem ao objetivo geral da pesquisa. Seus dados foram publicados em diversos trabalhos, entre os quais tenho participação e nomeação nos seguintes: Schmitz & Gomes, 1997; Gomes, 1998; Gomes, Haubert & Krever, 1999; Haubert, Krever & Gomes, 1999; Krever, Gomes & Haubert, 1999; Krever, Haubert, Gomes & Schmitz, 1999. Outras obras publicadas: Schmitz, 1995-1996; Rosa, 1996, 2000; Beber & Schmitz, 2000. Todos estes trabalhos foram reunidos em uma publicação maior, resultado destes oito anos de intensa pesquisa; trata-se da obra: "*Içara: Um Jazigo Mortuário no Litoral de Santa Catarina*", na qual tenho co-autoria. Os dados nela publicados são de fundamental importância para a elaboração e posterior discussão a respeito do padrão de sepultamento deste grupo, e de sua relevância dentro de um conjunto mais amplo, que é o litoral sul-brasileiro. Com este intuito, utilizaremos diversas informações e dados de todos os capítulos da obra, informando naturalmente sua procedência, principalmente os referentes aos sepultamentos, nos quais tenho parte. A obra é coletiva e nela foram destacadas as atividades dos pesquisadores principais.

junto à margem esquerda do antigo canal do rio Araranguá, que desembocava no mar um pouco mais ao norte do sítio; hoje o mesmo está transformado em área pantanosa, devido ao fechamento da antiga barra e o sítio ficou isolado do mar por dunas movediças. Atualmente, o local, de propriedade do Sr. Mussuline Zanette, serve como campo de pasto para a criação de vacas leiteiras.

É um sítio raso, composto por uma camada de conchas marinhas de no máximo 30 cm de espessura, que afloram na superfície tornando sua presença perceptível em meio à vegetação rala que cobre o local, dando-lhe um tom amarelado. O sítio estende-se por 300 m ao longo da margem norte do antigo canal, e tem aproximadamente 30 m de largura. Segundo Schmitz:

“Antigamente o local estava coberto por mata de restinga com concentração de árvores maiores, como hoje existem junto à vila e formaria uma espécie de ilha em meio a terrenos mais baixos, expostos ao alagamento pelas enchentes.” (Schmitz et al., 1999, p.19).

O local fora desmatado e, segundo informações do proprietário, durante muitos anos foi utilizado como área de cultivos tradicionais, que não chegaram a perturbar a essência do sítio, que se mostrava intacta.

A área em que se encontra o sítio apresenta grande diversidade de formações naturais, entre as quais podemos destacar: o oceano, as praias arenosas, as dunas, as matas de restinga, os campos litorâneos, os banhados, os rios, as lagoas interioranas e a floresta de planície quaternária (Figura 2).

O sítio dista aproximadamente 1km do mar e dá acesso a um rico ambiente com diversificada fauna marinha, na qual se destacam espécies de hábitos costeiros como: tainha, bagre, miraguaia, corvina, robalo, sargo, caranha e peixe-espada, cujos vestígios tiveram grande representação no sítio (Schmitz et al., 1999, p.32). Mesmo sendo peixes marinhos, também freqüentavam as águas estuárias, em especial durante o período de procriação.

A proximidade com o rio, que além de água doce, disponibilizaria uma série de recursos naturais, principalmente a pesca abundante de peixes que sobem o rio, que poderiam ser facilmente obtidos na frente do sítio, ou através de rudimentares embarcações, pode ter sido um dos elementos mais importantes para a instalação do acampamento neste ponto. Outros elementos de igual importância, seriam: a proximidade da praia arenosa, rica em moluscos como o moçambique e o marisco, que habitualmente se encontram na areia da zona entre marés, além das aves marinhas; um banco de ostras que estaria localizado junto à antiga desembocadura do rio; os mamíferos terrestres dos diversos ambientes; os frutos da floresta de restinga e da mata de palmeiras jerivá junto às águas do canal e nos banhados.

A vegetação, no ambiente do sítio é a mata de restinga com predomínio de vegetação arbóreo-arbustiva. Mamíferos que habitavam esses ambientes estão representados no sítio: o gambá, o tatu-galinha, o graxaim-do-mato, a paca, a cotia e a anta (Schmitz et al., 1999, p.43-44).

A exploração desta diversidade ambiental também foi constatada em outros sítios arqueológicos próximos ao SC-IC-01, dos quais trataremos em outro momento.

As escavações do sítio foram feitas nos meses de janeiro de 1992, 1993, 1994 e 1995, totalizando 16 semanas. Não é nosso objetivo detalhar minuciosamente as etapas

desenvolvidas e sim os resultados obtidos através delas, principalmente no que diz respeito aos sepultamentos. Neste sentido saliento apenas o objetivo das escavações e a partir dele, os resultados obtidos. Segundo Schmitz (Schmitz et al., 1999, p.21), as escavações: “(...) *tinham por objetivo conhecer a estrutura do sítio, suas partes e seus materiais.*” Com este sentido foram escavados 364 m<sup>2</sup>, correspondendo a aproximadamente a metade do assentamento, mantendo-se espaços contínuos intocados para que possam ser feitas, se necessário, escavações semelhantes a estas num tempo futuro (Figura 3).

A área escavada foi dividida em quadrículas de 2 x 2 m, respeitando-se, na remoção, as camadas naturais da deposição, subdividindo-as somente quando elas se mostravam muito espessas, dificultando a observação de seu contexto e o mapeamento de seu conteúdo. Essa estratégia foi usada porque o local era visitado diariamente por dezenas de moradores e turistas, aos quais se misturava o gado que tradicionalmente ocupa a área e não se intimidava com as proteções colocadas sobre as quadrículas que estavam sendo trabalhadas. Além disso, todo final de tarde chovia torrencialmente, deixando a área encharcada por um bom tempo, o que alterava a distribuição dos objetos que se encontravam na superfície. A metodologia de trabalho teve que se adaptar a todas estas questões, e neste sentido a “(...) *escavação em quadrículas alternadas possibilitou controlar os perfis das quatro paredes das quadrículas, fato importante para complementar e orientar as plantas dos conteúdos materiais dos estratos e reconstituir a ocupação do sítio.*” (Schmitz et al., 1999, p.20).

As camadas do sítio são pouco espessas, geralmente não passam de 30 a 40 cm, mas na parte central podem atingir, incluídas as covas, de 80 a 90 cm. Estas camadas vão diminuindo de espessura em direção às bordas, até desaparecerem. Nas manchas periféricas, os estratos não chegam a 20 cm.

Os perfis apresentam-se da seguinte maneira: Superficialmente grama bem baixa com afloramento de algumas conchas. Camada 1, composta por areia, silte, húmus, conchas esmigalhadas, com uma espessura de 10 a 15 cm, correspondendo à profundidade alcançada pelos instrumentos agrícolas; é escura e bastante compacta. Camada 2, formada por estratos de moluscos, com ossos de peixes, de mamíferos, aves e pouca areia. Os moluscos dos gêneros *Donax* (moçambique) e *Mesodesma* (marisco) formam estratos bastante densos, mais quebrados e compactados quando formados predominantemente por *Mesodesma*, mais inteiros e soltos quando formados por *Donax*. No meio dos moluscos costuma haver muitos ossos e escamas de peixes, cinza e algum carvão de grânulos muito pequenos. Geralmente também existem ossos de mamíferos, sendo muito aparentes os de anta; a coloração é mais clara. A camada de moluscos dificilmente alcança 20 a 25 cm de espessura. Por baixo dos estratos densos de moluscos costuma vir uma faixa com moluscos mais dispersos e quebrados, e na superfície aparecem fogueiras com mínimos e frágeis grânulos de carvão; também pequenas covas cheias de lixo, ou de sedimentos escuros, mas sem conchas, às vezes com uns poucos ossos humanos não cremados, às vezes seixos; estas covas com sedimentos escuros e finos muitas vezes têm as paredes verticais e o fundo plano. Camada 3, areia clara do cordão fluvial, sem restos arqueológicos. Na superfície desta camada quase sempre aparece um entrelaçado de pequenas galerias com sedimentos mais escurecidos e conchas, que geralmente desembocam em buracos com mais lixo: são as galerias e os ninhos dos tucos (*Ctenomys* sp), que ainda hoje estão representados no lugar por uma grande colônia de animais. Às vezes é difícil separar covas feitas pelo Homem dos ninhos de tuco-tuco. Como eles também furam as camadas, transportam algum material e roem os esqueletos (Schmitz et al., 1999, p. 21-22). (Figura 4).

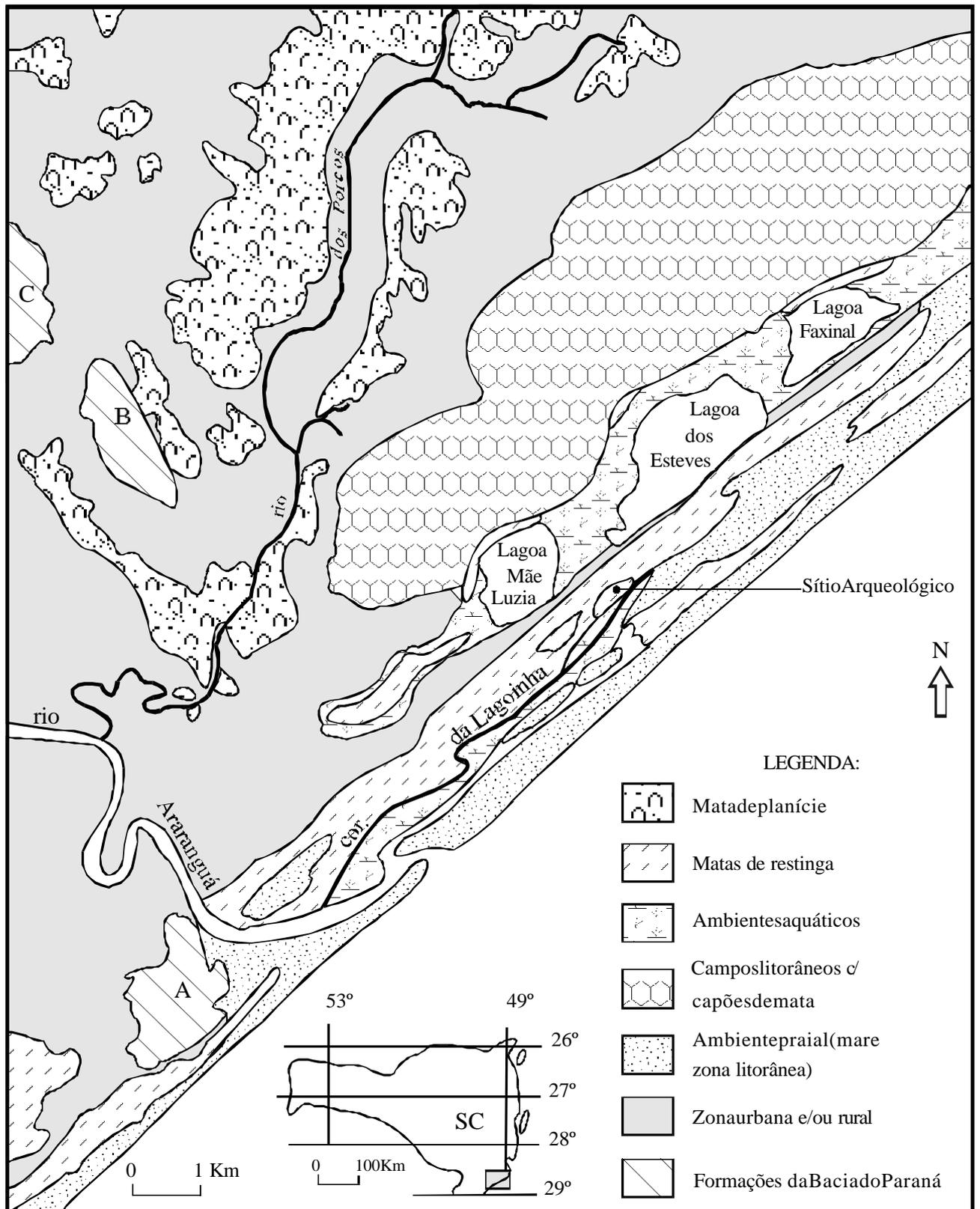


Figura 2: Distribuição aproximada dos principais domínios florísticos. Mapa elaborado por A.L.V.Bitencourt a partir de análise de fotografia aérea e levantamentos de campo. Arte final realizada por Fúlvio Arnt.  
 Fonte.: Schmitz et al., 1999, p.18.

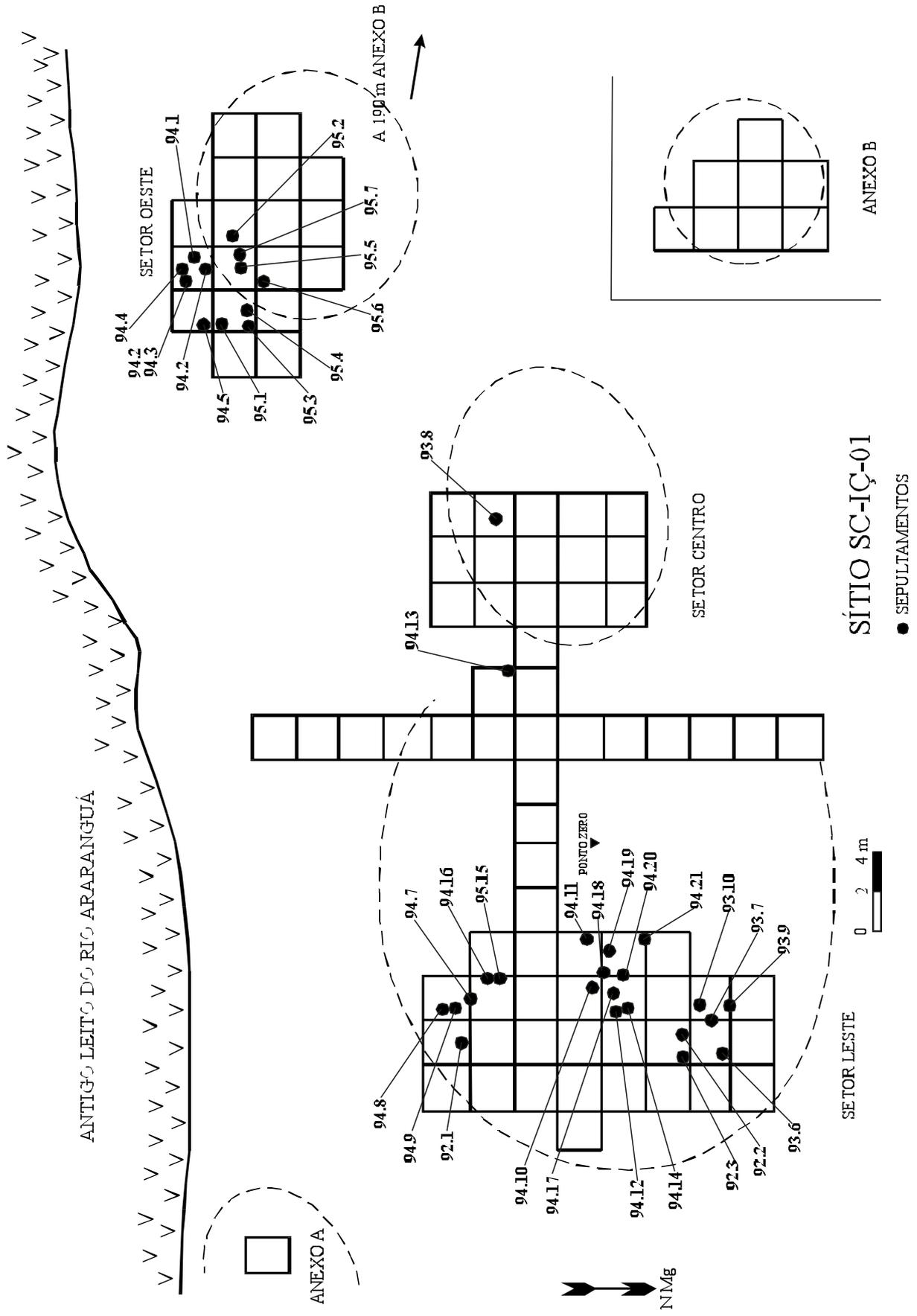


Figure 3: Localização dos sepultamentos nas quadrículas escavadas. Fonte: Schmitz et al., 1999, p. 28.

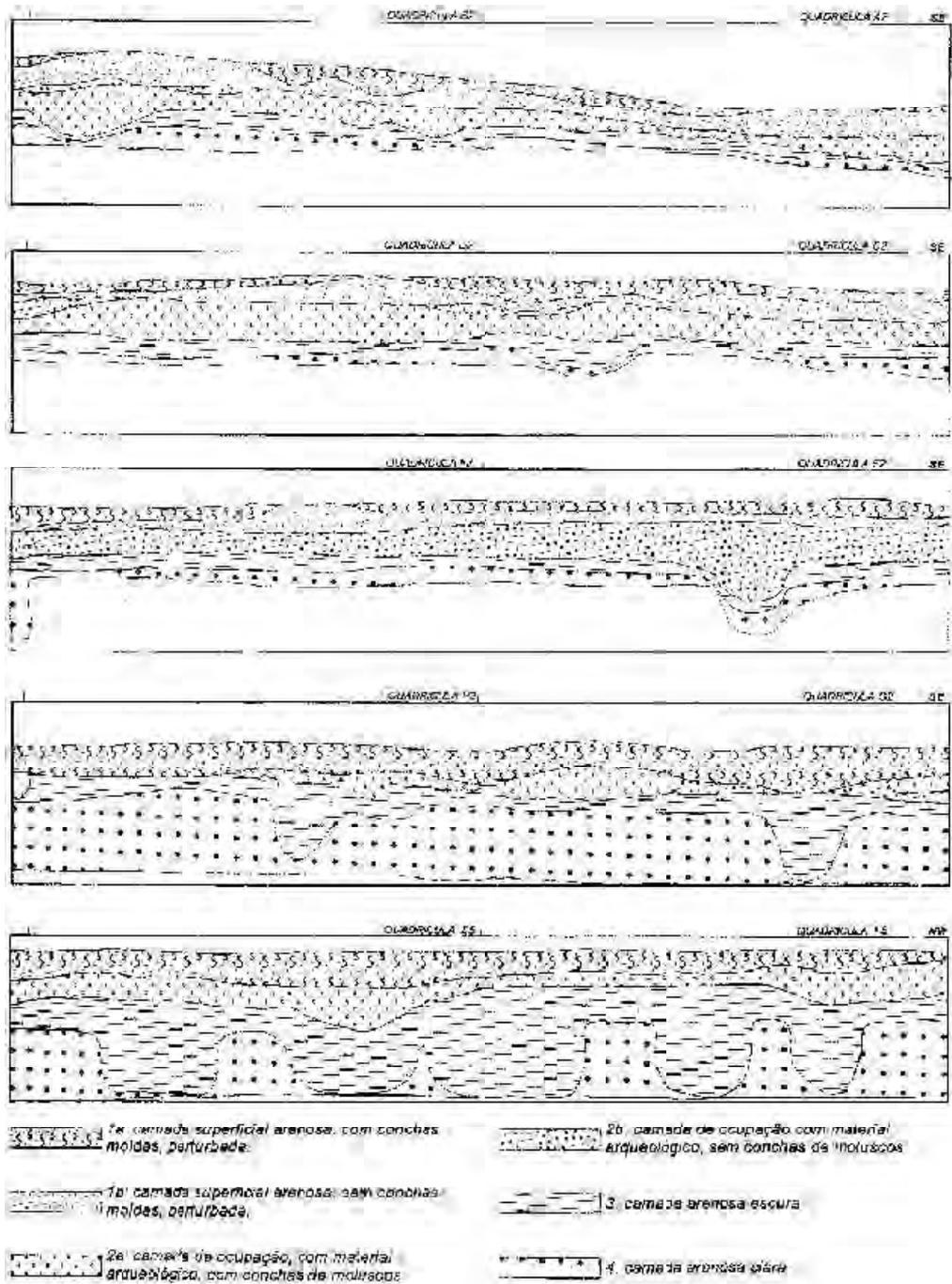


Figura4:Perfilestratigráfico transversal,quadrículasA3 a H3.Perfilestratigráficomostrando área commuitos buracos, quadrículaE5eF5.Fonte.:Schmitzetal.,1999,p.29.

Prosseguindo com o estudo do sítio, os autores destacam estruturas a nível macro, a nível médio e a nível micro, que passamos a descrever.

O nível macro diz respeito à implantação do sítio no ambiente, à exploração dos recursos nele disponíveis e o meio utilizado para isso, a relação com sítios parecidos e o papel deste sítio dentro do ciclo anual e do território de circulação. Como já foi falado anteriormente, a área em que se encontra o sítio, apresenta uma multiplicidade de formações naturais, cujos remanescentes nele estão representados.

A análise feita por Rosa (In Schmitz et al., 1999, p.55) demonstra que os peixes marinhos de hábitos eurialinos, constituem a parcela de maior representatividade e importância dentre os recursos animais efetivamente explorados neste sítio. Podemos destacar entre estes, o bagre, que ingressa de forma mais intensa nas águas doces durante seu período de reprodução, que nesta região, segundo os pescadores que ali ainda vivem, se dá principalmente entre meados do mês de dezembro e final de janeiro, ou seja, em pleno verão. Este fato, aliado à falta de remanescentes dos animais disponíveis no inverno, como o pingüim, por exemplo, comum aos assentamentos permanentes do litoral (sambaquis), demonstra uma exploração sazonal dos recursos disponíveis.

O autor destaca a curiosa ausência de peixes de água-doce, encontrados em abundância nos ambientes próximos ao sítio. Para Rosa (In Schmitz et al., 1999, p. 55): "*(...) a pesca, (...) mantinha forte relação com o mar, ainda que não necessariamente fosse realizada nas águas marinhas.*"

Acreditamos que esta seletividade dos recursos, esteja vinculada à abundância de peixes de hábitos costeiros que podiam ser facilmente apanhados na frente do assentamento, ou junto da praia, ou seja, não havia necessidade de complementarem sua dieta deslocando-se até as lagoas da região, em busca de outros tipos de peixes. Isto explica também a não exploração de outros recursos, ligados aos ambientes lagunares e fluviais, como: cágados, jacarés e moluscos de água doce, bem como tartarugas marinhas.

"(...) a proximidade do sítio com a desembocadura do rio com o mar acreditamos que a pesca seria realizada mais efetivamente às margens do rio, até os limites de sua foz. A pesca em mar aberto realizada em embarcações rudimentares, seria bastante dificultada considerando as fortes arrebentações desta região litorânea de praias retas e sem acidentes maiores. Nota-se que o perfil deste ambiente marinho é bastante diferente do das praias de enseada com a presença de águas mais calmas, predominantes no litoral norte do Estado Catarinense." (Rosa, in Schmitz et al., 1999, p.56).

Devido à presença expressiva de moluscos no sítio, sua coleta, provavelmente seria uma atividade realizada em conjunto, junto à praia, no caso dos mariscos e moçambique, ou à margem do rio, no caso das ostras.

Com relação à caça, Rosa (In Schmitz et al., 1999, p.59) afirma que:

"(...) Esta atividade era praticada de forma generalizada, sendo abatidos animais grandes e pequenos, de diferentes grupos, mas havendo ampla predominância dos mamíferos. As diversas formas constatadas indicam que caçavam os animais encontrados no dia-a-dia, durante as expedições de caça. Considerando toda a área escavada verifica-se um número significativo de restos de porcos-do-mato, anta, cervídeos e paca. Os porcos-do-mato, por formarem grandes bandos, podem ser abatidos em grande número em apenas uma caçada. A presença da anta sugere práticas de caçada coletiva, uma vez que o transporte desse animal ao acampamento necessitaria de uma ação conjunta. Seus remanescentes recuperados no sítio correspondem a várias partes do corpo (...), indicando que estaria sendo levado inteiro ao acampamento, ainda que previamente esquartejado. A captura de mamíferos era feita nas diversas formações naturais da área, como no ambiente praias (lobo-marinho), junto ao rio e lagoas (lontra, ariranha, capivara e ratão-do-banhado), nas zonas de campos (tamanduá-bandeira, lobo-guará e veado-campeiro)

e nas zonas florestadas (mico-prego, coati, jaguatirica, anta, porco-do-mato, ouriço e paca)."

Os meios para se apropriar dos recursos deixaram alguns resquícios nos artefatos em pedra, como quebra-coquinhos e mãos-de-pilão, ligados predominantemente à preparação dos produtos naturais. Porém, não existem registros de como os peixes eram obtidos. Não foram encontrados, no sítio, os pesos de rede e anzóis comumente presentes nos sambaquis. Rosa (In Schmitz et al., 1999, p.57) levanta a hipótese de que poderiam estar utilizando as ostras como pesos de rede, tendo em vista sua grande representação no sítio, e a facilidade para a aquisição de fibras vegetais no ambiente em que ele se insere (mata de restinga).

O mesmo autor afirma que os bagres "*Eram levados inteiros ao local do acampamento e ali processados como demonstra o registro de todas as partes do esqueleto no depósito arqueológico.*" (Rosa, in Schmitz et al., 1999, p. 56).

Quanto à obtenção de proteínas:

"(...) A diversidade de mamíferos apresentada nos vestígios arqueológicos, cujos hábitos se apresentam bastante variados, sugere certa flexibilidade no aspecto tecnológico e forma de caça. A evidência material potencialmente relacionada à atividade de caça está representada sob a forma de algumas pontas de projéteis produzidas em ossos, mas que curiosamente são pouco comuns entre o material recuperado." (Rosa, in Schmitz et al., 1999, p.59).

No que diz respeito aos artefatos encontrados no sítio, o autor afirma que:

"Considerando a ampla diversidade de animais utilizados à época da ocupação poder-se-ia esperar uma instrumentação abundante e variada para abater e preparar presas de vários tipos, entretanto, poucos artefatos foram recuperados. Foram encontradas em toda a escavação seis pontas ósseas, todas confeccionadas em ossos de mamíferos. Duas foram recuperadas inteiras, afiladas em ambas extremidades. As demais aparecem fragmentadas em uma das extremidades, sendo

possível que a parte quebrada também estivesse afilada. As pontas inteiras foram recuperadas junto ao sepultamento (94.16). Ao todo as peças medem entre 12,5 e 5,6 cm de comprimento. De acordo com a forma estes elementos poderiam ser utilizados como armaduras de projéteis ou mesmo partes de anzóis compostos. Também um esporão de raia, apresentando leve desgaste na porção proximal, pode ter sido utilizado da mesma forma." (Rosa, in Schmitz et al., 1999, p.60).

A nível médio se percebe que o sítio é composto por manchas diferenciadas, que formam um conjunto hierarquizado. Neste, há um núcleo onde os estratos das manchas individuais são mais espessos e densos e uma periferia, onde as manchas são menores, os estratos mais finos e alguns elementos não estão presentes, como os sepultamentos e os aglomerados de ostras. Segundo Schmitz: "*(...) o fato de se perceber uma hierarquia interna no sítio não quer dizer que suas partes sejam sincrônicas. Pelo contrário tudo indica que o sítio se compõe de elementos que foram criados sucessivamente, embora seja difícil dizer exatamente quando surgiu cada uma de suas partes e quais eram sincrônicas.*" (Schmitz et al., 1999, p.24).

As duas datas de  $C^{14}$ , uma para a borda leste, de  $1.160 \pm 50$  AP (ajustada por  $C^{13}$  1.580  $\pm 50$  AP) (Beta-72196), a outra, para a parte central, de  $1.040 \pm 60$  AP (ajustada por  $C^{13}$  1.450  $\pm 60$  AP) (Beta-72197), colaboram para essa hipótese (Schmitz et al., 1999, p.25).

Da mesma forma que as manchas, os cemitérios não parecem sincrônicos. Segundo Schmitz (Schmitz et al., 1999, p.25), provavelmente, cada um deles corresponda a um período de ocupação diferente do sítio, ou seja, deposições coletivas realizadas em tempos e por isso em espaços também diferentes.

Esta questão fica mais clara ao estudarmos as estruturas a nível de micro-análise. O nível micro se refere às estruturas correspondentes às choupanas individuais dentro do

assentamento. Na maioria das manchas, independentemente da espessura do estrato de conchas, se percebe que o acúmulo de lixo principal se agrupa num círculo, cujo diâmetro pode variar de 6 a mais de 10 metros, o que segundo Schmitz (Schmitz et al.1999, p.22), certamente corresponde ao fundo de um assentamento familiar individual (Figura 5). A camada de refugos costuma ser mais espessa no centro, diminuindo para a borda até desaparecer. Ao redor da lente de conchas ainda existem alguns artefatos espalhados, onde as conchas e os ossos de peixe já desapareceram.

Infelizmente, não há vestígio dos abrigos ou choupanas que utilizavam, mas, segundo Schmitz (Schmitz et al., 1999, p.22), eles deveriam ser muito simples, pois estavam protegidos na sombra das árvores da mata de restinga.

Percebem-se nas camadas, lugares de descarte primário de lixo alimentar e industrial, junto com indícios de fogueiras desmanchadas. Os locais das fogueiras podem apresentar-se como manchas mais escuras, geralmente no centro de aglomerados grandes de ossos de peixes e moluscos, ou como aprofundamentos escuros na areia clara da base. Nestes aprofundamentos podem ser encontrados poucos ossos de animais, algumas vezes pequenos ossos humanos (principalmente dentes e vértebras), seixos ou carvão granulado. Geralmente estes aprofundamentos são periféricos às lentes de ossos e moluscos.

Não há vestígio de nenhum fogão com armação de pedras, e são raros os conjuntos de pequenos fragmentos de rocha, que poderiam ter servido de lastro para o fogo.

As estruturas mais comuns, espalhadas por todo o sítio, são os aglomerados de ostras, que contêm desde poucas unidades até várias centenas de conchas; parecem pequenos buracos

de lixo e poderiam representar desde o resto da refeição de uma família até o resíduo de um grande banquete coletivo. As demais espécies de moluscos (moçambique e marisco), formam camadas relativamente homogêneas, dentro das quais, ou abaixo das quais, se encontram as ostras.

Nas concentrações de conchas os ossos de peixe também formam pacotes, no meio dos quais se encontra a maior parte dos ossos de caça. O conjunto das conchas e dos ossos, formando lentes de 6 a 10 m de diâmetro e até 30 cm de espessura no centro, parecem resíduos de um pequeno grupo de pessoas, que permanece acampado no mesmo local e larga os resíduos dentro e ao redor do abrigo. Desses abrigos, como já tratamos anteriormente, nenhum outro resto permaneceu.

Ossos, aparentemente do mesmo indivíduo, especialmente de anta, são encontrados em diversas fogueiras ou lentes, como se tivesse havido partilha da mesma caça pelas famílias acampadas.

Segundo Schmitz:

“Os artefatos líticos não apresentam um padrão de distribuição dentro dos círculos de conchas e os ossos de peixes, nem no sítio como um todo; os diversos tipos de artefatos costumam estar representados nas diferentes manchas, embora alguns (especialmente os quebra-coquinhos) apareçam mais numerosos na proximidade do canal.” (Schmitz et al.,1999, p.23)

Ao lado das manchas de conchas, encontramos os cemitérios, que são outra micro-estrutura freqüente no sítio. O estudo desta estrutura é o que mais interessa para o nosso trabalho, e por isto trataremos dele em separado.

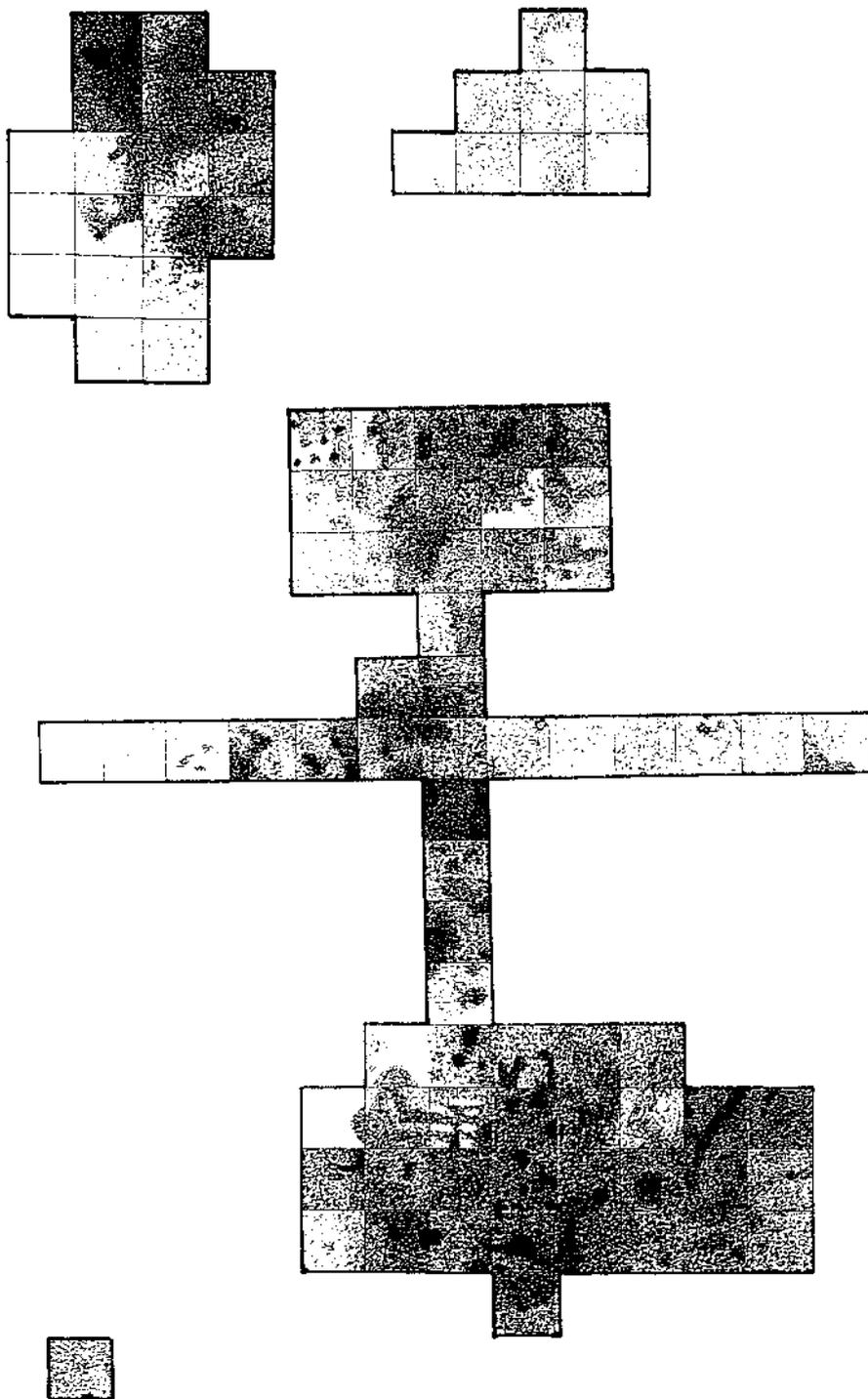


Figura 5: Distribuição dos refúgios alimentares dentro da área escavada: mais escuro, maior volume de restos. Fonte: Schmitz et al., 1999, p. 30.

## *1.2 Os Sepultamentos do Sítio*

Esta etapa de nosso estudo pode ser considerada como um aprofundamento da análise das estruturas identificadas no sítio SC-IC-01. Em nível médio, podemos observar quatro áreas de deposição dos esqueletos, que formam aglomerados bem definidos dentro da estrutura geral do sítio: três deles, denominados grupos 1, 2 e 3, estão na borda leste, onde as camadas são mais espessas; e um, grupo 4, na borda oeste, onde as camadas também são potentes (ver figura 6). Dois sepultamentos encontram-se isolados na proximidade da mancha central do sítio, não chegando a formar um conjunto determinado como os demais.

“Os cemitérios reúnem, sem distinção de espaço, sepultamentos primários, sepultamentos secundários e sepultamentos secundários cremados, correspondentes a indivíduos dos dois sexos e pertencentes às diversas classes de idade. Os sepultamentos costumam aparecer na areia subjacente à camada de lixo, ou na base desta, indicando covas bastante rasas e sem revestimento.” (Schmitz et al., 1999, p.23).

Nestas áreas de deposição, foram encontrados 14 sepultamentos em deposição primária e 21 em secundária. Dos 20 indivíduos sepultados em deposição primária, 5 estavam estendidos, 4 fletidos e 2 totalmente fletidos. Nos outros sepultamentos, por se tratar de indivíduos muito jovens, mesmo estando em conexão anatômica, não foi possível especificar a posição dada ao corpo, se houve alguma. Os indivíduos sepultados desta forma, apresentavam-se, com exceção de um caso, em decúbito ventral, isto é, com o rosto voltado para o chão. Normalmente não estão acompanhados com nenhum objeto que possa ser identificado como acompanhamento funerário, muito menos, oferendas funerárias. O sepultamento 94.21 é uma exceção neste sentido, pois um colar com aproximadamente 60 contas vinha acompanhando o enterramento de duas crianças.

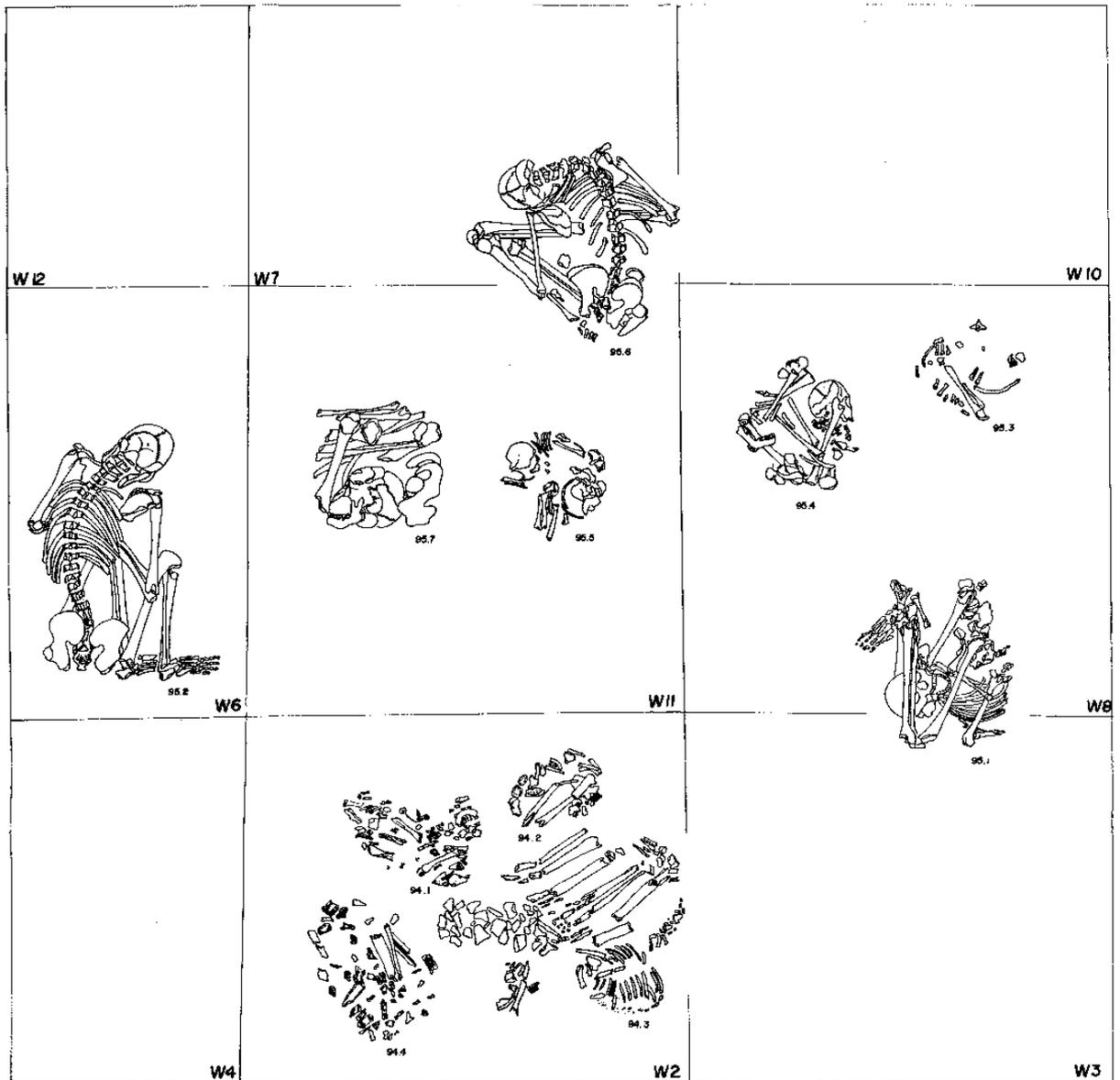


Figura6: Visão de conjunto dos sepultamentos do conjunto W. Fonte.: Schmitz et al., 1999, p.123.

O tamanho da cova dos sepultamentos primários varia de acordo com a posição dada aos membros do corpo. Estes sepultamentos normalmente costumam ser individuais, quando de adultos, aparecendo múltiplos quando de crianças, ou destas associadas a adultos.

Foram encontrados 17 sepultamentos secundários, compreendendo 64 indivíduos, dos quais 20 não-cremados, 2 parcialmente cremados, a maioria com sepultamentos individuais; 7 indivíduos de sepultamentos considerados mistos e 35 cremados, todos múltiplos. Estes sepultamentos geralmente não contêm todos os ossos, mas costumam estar presentes o crânio, os ossos longos e as extremidades. Em alguns casos foi possível identificar que os indivíduos ainda apresentavam partes em conexão anatômica. As covas costumam ser pequenas e circulares, medindo de 40 a 50 cm de diâmetro, “...com os restos bem compactados e os ossos longos muitas vezes em posição vertical, indicando que foram acomodados num espaço pequeno como poderia ser um cesto (...)” (Schmitz et al., 1999, p.24). Geralmente estão sem acompanhamentos funerários, com algumas exceções.

“(...) Os sepultamentos secundários cremados também contêm o crânio, ossos longos, extremidades e outros ossos do esqueleto; eles podem ter sido cremados quando os ossos já estavam descarnados e relativamente secos, ou os ossos estavam com bastante colágeno, existindo até um caso em que o corpo ainda deveria estar coberto pela maior parte dos músculos; (...)” (Schmitz et al., 1999, p.24).

Costumam ser coletivos, e as covas, assim como a dos secundários não cremados, são pequenas, onde os ossos chamuscados e carbonizados formam uma massa compacta e limpa, sem muitos resíduos de carvão.

Alguns sepultamentos cremados apresentavam acompanhamentos funerários, geralmente objetos que poderíamos caracterizar como de uso pessoal, e assim como os ossos, estavam cremados. Dentre os acompanhamentos encontram-se: 40 pequenas contas circulares de aproximadamente 9 mm de diâmetro confeccionadas em conchas de moluscos, associadas ao sepultamento 94.16; 172 pequenas conchas de moluscos (família Olividae) junto ao sepultamento 95.7; dentes de tubarão; pontas de projétil; um rádio de ave afilado em uma de suas extremidades (agulha); e sobre um deles, uma carapaça de tartaruga.

Os sepultamentos não estão dispersos aleatoriamente pela mancha em que se encontram, mas agrupados em espaços definidos dela, notando-se clara intencionalidade neste agrupamento.

Descreveremos agora cada uma das formas de deposição, com o objetivo de aprofundarmos a análise do padrão de sepultamento do grupo.

### **1.2.1 Sepultamentos Primários Estendidos**

Foram encontrados 5 sepultamentos primários estendidos, compreendendo 8 indivíduos. São eles:

**Sepultamento 93.10** - Sepultamento primário de adulto feminino com idade em torno de 35 anos<sup>4</sup>, estendido em decúbito dorsal, com a parte distal das pernas fletida. Sepultamento do grupo 3, localizado na quadrícula G4. Estava enterrado a, mais ou menos, 30 cm abaixo da camada mais espessa de conchas, em areia clara, com raras conchas de moçambique misturadas a ela. Nas camadas superiores não havia sinal de cova, perceptível somente durante a remoção dos ossos; a areia estava marcada, muito suavemente, pela decomposição do corpo.

O tronco estava estendido, a cabeça voltada para o lado esquerdo, os braços dobrados sobre o tórax, com as mãos junto ao pescoço, o braço esquerdo sobre o direito, as pernas dobradas para trás a partir dos joelhos. Em decúbito dorsal. Abaixo do crânio havia algumas conchinhas de moçambique, indicando que quando o corpo foi enterrado, já havia uma certa camada de ocupação. O espaço ocupado pelo esqueleto estava bem delimitado, dando claramente a impressão de ter estado envolto (esteira, rede ou envoltório semelhante). O pé direito estava puxado para trás, formando linha reta com a perna, o que não aconteceria naturalmente. Os braços estavam muito justos sobre o tórax, não se sobressaindo e as mãos

---

<sup>4</sup> O dimorfismo sexual dos sepultamentos foi verificado através da morfologia do crânio e da mandíbula, sendo que o crânio masculino se caracteriza pelas cristas occipitais e linhas temporais bem acentuadas, protuberância externa e processo mastóide bem desenvolvidos, arcadas supra-orbitais mais proeminentes, margem superior da órbita mais arredondada, assim como a extensão da parte posterior do processo zigomático além do meato acústico externo na forma de uma saliência bem definida e através da mandíbula que é mais robusta e com o ramo mais largo, havendo grande desenvolvimento do processo coronóide; na mulher estas estruturas são menos salientes (Machado, 1984). O sexo de crianças e lactentes não foi indicado devido ao estágio de formação dos ossos ou, ainda pela ausência de ossos característicos.

Quanto à idade biológica, foram utilizados basicamente dois critérios: a análise dos dentes e a da fusão das epífises. A mais utilizada foi a análise dos dentes, apesar de não ser um dos fatores mais aceitáveis, uma vez que eles variam de um indivíduo a outro. Em nosso caso foram analisados dentes permanentes e da primeira dentição eclodidos ou não, aliados à presença ou ausência de abrasão dentária e reabsorção alveolar (Ubelaker, 1978). O critério da fusão das epífises às diáfises dos ossos longos, carpo e tarso, também foi utilizado para estimar a idade, já que elas, segundo Gray (1946), se consolidam totalmente entre 18 e 21 anos, com exceção da pélvis que se consolida mais tarde, em torno dos 25 anos.

ficavam junto ou ao redor do pescoço. As pernas dobradas ocupavam uma posição simétrica, voltadas para trás, confirmando a hipótese de que o corpo estaria envolto. Sem acompanhamentos funerários.



Figura 7- Sepultamento 93.10.

**Sepultamento 94.9** - Sepultamento primário de adulto feminino com idade em torno de 25 anos, estendido em decúbito ventral. Sepultamento do grupo 1, localizado entre as quadrículas A4/B4, na camada de areia clara (70 cm). A cova de 40 x 45 cm, era definida pela areia levemente mais escura. Em ótimo estado de conservação.



Figura 8 – Sepultamento 94.9.

**Sepultamento 94.11** - Sepultamento primário de adulto de sexo e idade indeterminados, estendido em decúbito ventral. Sepultamento do grupo 2, localizado na quadrícula D5. Apareceu no término da escavação; os ossos não foram recolhidos, nem o sepultamento aberto. Sem fotografia.

**Sepultamento 94.18** - Sepultamento primário de adulto masculino com idade acima de 25 anos, estendido em decúbito ventral. Sepultamento do grupo 2, localizado entre as quadrículas D5/E5/D4; parte na terceira camada, areia escura (60 cm) e parte na quarta camada, areia clara (70 cm). Os ossos dos pés do indivíduo estavam sob e ao redor do sepultamento 94.10 e foram removidos junto com este. Não se apresentava muito conservado, sendo que as costelas e as vértebras não foram removidas.



Figura 9 - Sepultamento 94.18.

**Sepultamento 94.21** - Sepultamento primário de quatro indivíduos, sendo um adulto masculino com idade em torno de 30 anos, estendido em decúbito ventral e a parte distal das

pernas fletida; e três crianças de idades que variam entre 1 e 2 anos, 5 e 6 anos e outra de aproximadamente 8 anos. A posição dada aos corpos, se houve alguma, não pode ser identificada devido à pouca conservação dos ossos.

Sepultamento do grupo 2, localizado na quadrícula E5, entre as camadas três, areia escura, e quatro, areia clara; a cerca de 70 cm de profundidade. A cova media cerca de 40 x 130 cm. O adulto estava em decúbito ventral, com as pernas dobradas para trás a partir dos joelhos, paralelas aos fêmures. As crianças estavam depositadas entre seu ombro direito e o crânio, tinham idades diferentes (1 e 2 anos, 5 e 6 anos e outra de aproximadamente 8 anos) e também estavam em deposição primária. Foram encontradas cerca de 60 contas perfuradas entre os crânios das crianças, que provavelmente faziam parte de um grande colar. Só os crânios e poucos ossos foram recolhidos devido à péssima conservação dos mesmos.



Figura 10 – Sepultamento 94.21.



Figura 11 – Crianças do sepultamento 94.21.

### 1.2.2 Sepultamentos Primários Fletidos e Totalmente Fletidos<sup>5</sup>

Foram encontrados 4 sepultamentos fletidos, que compreendem 5 indivíduos. São eles:

**Sepultamento 94.3** - Sepultamento primário de adulto de sexo e idade indeterminados, fletido em decúbito ventral. Sepultamento do grupo 4, localizado entre as quadrículas W2/W3, na área perturbada pelo trator. A cova tinha cerca de 60 x 70 cm, aparecendo os ossos a partir de 30 a 40 cm. A cova estava na areia clara, sem lixo, em área sem conchas. Devido à ação do trator, o crânio estava esmigalhado e os fragmentos deslocados. A fragmentação dos ossos impossibilitou a identificação do sexo e da idade do

---

<sup>5</sup> Utilizamos esta distinção devido ao fato de que alguns sepultamentos estão fletidos de forma mais solta e outros de forma bastante rígida, com indícios de envoltório.

indivíduo. O corpo, aparentemente, foi sepultado depois dos cremados do sepultamento 94.4, pois ele encaixa perfeitamente no meio deles. Sem acompanhamento funerário.



Figura 12 - Sepultamento 94.3.

**Sepultamento 94.10** - Sepultamento primário de adulto feminino com idade acima de 35 anos, fletido em decúbito ventral. Sepultamento do grupo 2, localizado na quadrícula D4. A cova tinha cerca de 60 x 90 cm, e os ossos começaram a aparecer entre 40 e 50 cm de profundidade, na camada 4, de areia clara, abaixo da camada de conchas. As pernas e os braços estavam completamente fletidos, e as mãos encontravam-se junto ao crânio. Sobre este sepultamento estava depositado um peixe inteiro.

Ao enterrar este corpo, a extremidade inferior do sepultamento 94.18 foi perturbada, sendo que os ossos dos pés deste, ficaram espalhados pelos arredores, geralmente nas camadas superiores da mesma quadrícula.



Figura 13 - Sepultamento 94.10.

**Sepultamento 95.2** - Sepultamento primário de dois indivíduos, sendo um deles adulto masculino com idade acima de 35 anos, fletido em decúbito ventral; e uma criança de sexo e idade indeterminados. Sepultamento do grupo 4, localizado na quadrícula W6. A cova tinha 80 x 55 cm e estava preenchida por lixo de conchas. Não possuía acompanhamento funerário.



Figura 14 - Sepultamento 95.2.

**Sepultamento 95.6** - Sepultamento primário de adulto masculino com idade em torno de 35 anos, fletido em decúbito ventral. Sepultamento do grupo 4, localizado na quadrícula W7. A cova, quadrangular, tinha cerca de 65 x 60 cm, e estava preenchida por conchas. O esqueleto estava em decúbito ventral, com os braços e as pernas debaixo do corpo. A coluna apresentava vestígios de fratura no início das vértebras cervicais, indicando claramente um processo intencional com objetivo de fazer com que o indivíduo coubesse dentro do espaço retangular que está bem definido. Não apresentava acompanhamentos funerários.

Os ossos deste indivíduo apresentam uma série de deformidades que nos possibilita caracterizá-lo como defeituoso. Seu fêmur direito é atrofiado, não apresenta nenhum encaixe com a pélvis, apenas um local de contato com esta, sendo possível distinguir a epífise distal que apresenta deformidade na estrutura morfológica; também apresenta alterações na articulação do fêmur com a tíbia. A pélvis direita é completamente atrofiada, bem como a patela direita, o rádio esquerdo e alguns ossos do carpo e tarso. Também apresenta vestígios de artrite, *osteofitos marginais* e um aprofundamento nas extremidades do sacro com saliências semelhantes a *osteofitos marginais*.

A gravidade patológica associada à longevidade alcançada por este indivíduo, faz com que o sepultamento seja um caso diferenciado que merece destaque.



Figura 15 - Sepultamento 95.6.

Foram encontrados 2 sepultamentos totalmente fletidos, compreendendo 3 indivíduos.

São eles:

**Sepultamento 93.9** - Sepultamento primário de adulto masculino com idade superior a 35 anos, totalmente fletido em decúbito ventral. Sepultamento do grupo 3, localizado entre as quadrículas G4/H4, na camada de areia clara. Sua cova rompeu a camada de conchas, e está marcada por sedimentos cinzentos, o que quase não a distingue em meio à areia circundante; dentro dela encontramos esparsas conchas de moçambique (*Donax hanleyanus*).

A face estava voltada para o lado direito, mas muito pouco, quase na posição ladeada do fardo. O braço esquerdo estava totalmente fletido sobre si mesmo e a mão também fletida. O braço direito estava ao longo do corpo e a mão sob a perna direita, que estava totalmente dobrada e o pé para o lado, debaixo da perna direita. O indivíduo apresentava um problema patológico na tíbia e na fíbula esquerdas, não identificado, que ocasionou um espessamento anormal da diáfise destes ossos, deixando as inserções musculares bem marcadas, em forma de saliências longitudinais.

Pela posição do esqueleto, ocupando um espaço muito limitado, com todos os ossos acomodados de forma rígida: a mão direita fechada por baixo da perna, o pé esquerdo dobrado sob a perna direita, o braço esquerdo fortemente dobrado acomodado junto ao tórax, o corpo, provavelmente, estava envolto (esteira, rede, ou envoltório semelhante) ao ser enterrado. Os buracos de tuco-tuco (*Ctenomys* sp), a limpeza e a posição um pouco ladeada do fardo (o lado direito deveria estar um pouco mais alto que o esquerdo), provavelmente são responsáveis pela destruição de parte dos ossos, que não estavam bem conservados. Não se notou nenhum acompanhamento funerário, nem recheio especial da cova.



Figura 16 - Sepultamento 93.9.

**Sepultamento 94.13** - Sepultamento primário de um indivíduo, adulto feminino com idade em torno de 21 anos, totalmente fletido em decúbito ventral; acompanhado de poucos ossos (mãos e pés) de um adulto de sexo e idade indeterminados. Sepultamento isolado, localizado na quadrícula B12 e extensão, nas proximidades da mancha de conchas central do sítio. A cova (52 x 32 cm) começou a aparecer aos 23 cm de profundidade, perturbando a camada de ocupação, sendo que o corpo foi colocado no meio do lixo, enchendo de conchas não só o dorso, mas também a cavidade abdominal e todo o espaço da cova.

O corpo estava fortemente fletido, como que assentado, inclinado para a frente e de bruços. Ele estava intacto. As pernas dobradas estavam mais para o lado direito, o pé esquerdo sobressaindo na base, no lado esquerdo. Os braços estavam estendidos ao longo do corpo e as mãos em sua parte traseira (correspondente às nádegas). Ele estava fortemente apertado, comprimido dentro de algum envoltório, provavelmente um saco.

A deposição das conchas em sua cavidade abdominal não parece ser apenas um processo pós-deposicional. A maneira como o corpo foi fletido, o acompanhamento de um sepultamento secundário e a presença das conchas entre os ossos, indicam que certamente o corpo veio transportado até o acampamento, onde chegou já em adiantado estado de decomposição. Isto justificaria a quantidade de conchas em sua cavidade abdominal e o acompanhamento de mãos e pés de outro indivíduo, o que não costuma ocorrer com os sepultamentos primários. Não apresentava nenhum acompanhamento funerário.



Figura 17 - Sepultamento 94.13.

### **1.2.3 Sepultamento Primário de Crianças**

Foram encontrados 3 sepultamentos primários de crianças, compreendendo 4 indivíduos. São eles:

**Sepultamento 92.2** - Sepultamento primário de um lactente com idade em torno de 6 meses. Sepultamento de grupo 3, localizado na quadrícula F3. Foi sepultado no fundo de um buraco de lixo, deitado sobre a camada de areia clara, uns 10 cm dentro da mesma. A cova possuía cerca de 40 x 20 cm. O lixo que estava acima (no buraco) pode ser o recheio da cova feita na areia. A camada de conchas, no lugar era muito espessa. Sem acompanhamento funerário. Sem fotografia.

**Sepultamento 94.7** - Sepultamento primário de um lactente com aproximadamente 9 meses. Sepultamento do grupo 1, localizado na quadrícula A4, nível 4, na camada de areia clara. As dimensões do esqueletinho eram de 15 x 7 cm, ou seja, os ossinhos estavam dobrados em espaço bastante reduzido. Não havia acompanhamentos funerários.



Figura 18 - Sepultamento 94.7.

**Sepultamento 95.5** - Sepultamento primário de dois lactentes, ambos com idade de aproximadamente 9 meses. Sepultamento do grupo 4, localizado na quadrícula W11. A cova

tinha dimensões de 35 x 33 cm. As duas pequenas crianças estavam sepultadas lado a lado na mesma cova, e possuem o mesmo tamanho, o que pode ser indício de que eram gêmeos. Por cima e por baixo dos ossos havia lixo de conchas. Sem acompanhamento funerário.

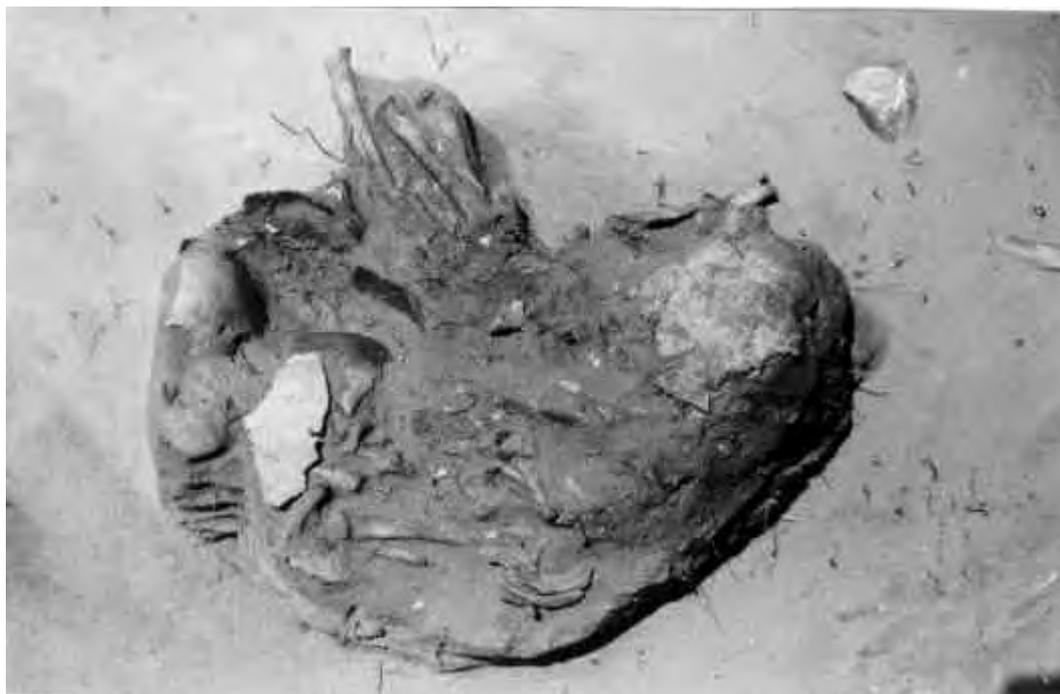


Figura 19 – Sepultamento 95.5.

#### 1.2.4 Sepultamentos Secundários Não-Cremados

Foram encontrados 12 sepultamentos secundários não-cremados, compreendendo 20 indivíduos. São eles:

**Sepultamento 92.1** - Sepultamento secundário não-cremado de uma criança de idade indeterminada. Sepultamento do grupo 1, localizado na quadrícula A3, na borda externa do sítio, onde as conchas estão acabando. Não havia sinais anteriores da cova (20 x10 cm), a 20 cm dentro da areia clara, uns 60 cm de profundidade, cercado por areia cinzenta. A cova não estava definida na superfície e formava uma pequena depressão na areia amarela, pela qual parecia estar coberta. Em cima dos ossos havia uma pequena camada de carvão granulado,

mas sem que o esqueleto tenha sido cremado. Perfeitamente conservado. Sem acompanhamentos funerários.



Figura 20 - Sepultamento 92.1.

**Sepultamento 93.6** - Sepultamento secundário não-cremado de indivíduo adulto de sexo indeterminado e idade em torno de 45 anos. Sepultamento do grupo 3, localizado na quadrícula G3. Os ossos foram encontrados na areia clara, numa cova com areia cinzenta não muito marcada, um pouco mais de 20 cm abaixo da terra preta. Aparecem dispersos sobre mais de 1 m por uns 50 cm, sendo que os ossos de uma das mãos estavam em conexão anatômica e as costelas também pareciam estar. Os demais ossos presentes estavam desarticulados. O sepultamento estava perturbado ou seriam restos de manipulação. Sem acompanhamentos funerários.



Figura 21 - Sepultamento 93.6.

**Sepultamento 93.7** - Sepultamento secundário não-cremado de uma criança com idade entre 4 e 8 anos. Sepultamento do grupo 3, localizado entre as quadrículas G3/G4, em cova com sedimentos muito escuros e aderentes que davam a impressão de o sepultamento ser cremado. Sem fotografia.

**Sepultamento 93.8** - Sepultamento secundário não-cremado de um indivíduo jovem, de sexo indeterminado e idade entre 15 e 18 anos. Sepultamento isolado, localizado na quadrícula A15, nos arredores da mancha de concha central do sítio. Cova com sedimentos muito escuros e aderentes aos poucos ossos. Sem acompanhamentos funerários.



Figura 22 - Sepultamento 93.8.

**Sepultamento 94.2** - Sepultamento secundário não-cremado de uma criança com idade entre 3 e 5 anos. Sepultamento do grupo 4, localizado na quadrícula W2, em área perturbada pelo trator. Cova pequena, 30 x 25 cm, com criança parcialmente articulada. Os ossos começaram a aparecer a partir de 30 a 40 cm de profundidade, em área sem conchas e sem lixo na cova, só de areia clara levemente escurecida. Sem acompanhamento funerário.



Figura 23 - Sepultamento 94.2.

**Sepultamento 94.5** - Sepultamento secundário não-cremado de uma criança com idade entre 9 e 10 anos. Sepultamento do grupo 2, localizado na quadrícula W2, em área perturbada pelo trator. Buraco com sedimentos escuros, de 60 x 50 cm, começou a aparecer a cerca de 30 cm de profundidade, com 30 cm de espessura. Sem acompanhamento funerário. Sem fotografia.

**Sepultamento 94.14** - Sepultamento secundário não-cremado de dois indivíduos, sendo um adulto de sexo indeterminado com idade entre 21 e 25 anos; e um lactente com idade entre 9 e 12 meses. Sepultamento do grupo 4, localizado na quadrícula E4. Estava abaixo de um buraco de lixo, a 80 cm de profundidade, em areia clara. Ossos de pés articulados, como se fossem os restos de um sepultamento, cujo restante havia sido recolhido. Sem acompanhamento funerário.



Figura 24 - Sepultamento 94.14.

**Sepultamento 94.17** - Sepultamento secundário não-cremado de um jovem de sexo indeterminado e idade em torno de 18 anos. Sepultamento do grupo 2, localizado na quadrícula E4. Cova de 70 x 60 cm, com sedimentos escuros e aderentes. Cobrindo completamente os sedimentos escuros, de barriga para baixo, apareceu um casco bem conservado de uma grande tartaruga de água-doce (*Phrynops* sp). O casco da tartaruga, pelo tamanho e posição, parecia representar uma tampa para o cesto onde os ossos foram depositados. Na mesma quadrícula havia outros buracos escuros, mas sem um número representativo de ossos longos.



Figura 25 - Sepultamento 94.17.

**Sepultamento 94.20** - Sepultamento secundário não-cremado de três indivíduos adultos, sendo um deles de sexo masculino com idade acima de 25 anos; os outros dois de sexo e idade indeterminados. Sepultamento do grupo 2, localizado na quadrícula E5. Os ossos começaram a aparecer a mais ou menos 40 cm de profundidade, ainda na camada 3 (areia escura), medindo em torno de 20 cm de espessura; no final, a cova chegou aos 50 cm de

diâmetro. As vértebras estavam articuladas; e havia partes de outros ossos que estavam parcialmente queimados, porém não de forma homogênea. Ao lado do sepultamento havia resquícios de uma fogueira pequena, que poderia ter ocasionado a queima dos ossos, sugerindo que ela não foi intencional. Havia um dente não-cremado de tubarão, como acompanhamento funerário.



Figura 26 - Sepultamento 94.20.

**Sepultamento 95.1** - Sepultamento secundário não-cremado de adulto masculino com idade em torno de 30 anos. Sepultamento do grupo 4, localizado na quadrícula W8. Indivíduo apresentando o lado direito do corpo com partes articuladas, bem como parte dos ossos da perna esquerda; acomodado em espaço bastante reduzido (55 x 50 cm). Sem acompanhamento funerário.



Figura 27 - Sepultamento 95.1.

**Sepultamento 95.3** - Sepultamento secundário não-cremado de três indivíduos, sendo dois adultos de sexo e idade indeterminados; e um lactente de idade indeterminada. Sepultamento do grupo 4, localizado na quadrícula W8. A cova, 40 x 37 cm, estava preenchida por lixo de conchas. Os ossos estavam desarticulados, em espaço reduzido. A quantidade de ossos é muito pequena, em relação ao número de indivíduos. Sem acompanhamento funerário. Sem fotografia.

**Sepultamento 95.4** - Sepultamento secundário não-cremado de quatro indivíduos, sendo três adultos, dos quais um de sexo masculino e um do sexo feminino, com idades entre 21 e 25 anos e um de sexo e idade indeterminados; e um lactente, com idade indeterminada. Sepultamento do grupo 4, localizado na quadrícula W8. A cova, 45 x 40 cm, estava preenchida por lixo de conchas. Os corpos dos indivíduos estavam sobrepostos. Sem acompanhamento funerário.



Figura 28 - Sepultamento 95.4.

### 1.2.5 Sepultamentos Parcialmente Cremados

Foram encontrados dois sepultamentos secundários parcialmente cremados, compreendendo 2 indivíduos. São eles:

**Sepultamento 94.12** - Sepultamento secundário parcialmente cremado de indivíduo jovem do sexo feminino com idade em torno de 18 anos. Sepultamento do grupo 2, localizado na quadrícula E4. Os ossos começaram a aparecer entre 30 e 40 cm de profundidade, em cova de 30 x 30 cm. Sepultamento com ossos normalmente não-cremados, mas apresentando alguns cremados no fundo. Os ossos bem juntos, abrangendo o crânio de um indivíduo jovem parcialmente cremado, pareciam ter sido enterrados dentro de um recipiente estreito e alto, que permitiram a acomodação dos ossos longos em pé. Sem acompanhamento funerário.



Figura 29 - Sepultamento 94.12.

**Sepultamento 95.7** - Sepultamento secundário parcialmente cremado de um indivíduo adulto masculino com aproximadamente 30 anos. Sepultamento do grupo 4, localizado na quadrícula W11. A cova, 43 x 40 cm, estava preenchida por lixo de conchas. O indivíduo está muito bem representado e os ossos apresentam irregularidades na textura da superfície externa (rugosidade), como se o indivíduo tivesse sofrido um processo decorrente de alguma patologia. Ossos em bom estado de conservação.

No fundo havia um conjunto de 172 contas confeccionadas em moluscos da família *Olividae*, que deveriam ter formado um colar. Estavam aglomeradas num curto espaço e não desdobradas como um colar aberto.



Figura 30 - Sepultamento 95.7.

### 1.2.6 Sepultamentos Secundários Mistos

Foram encontrados dois sepultamentos secundários mistos, compreendendo 7 indivíduos. São eles:

**Sepultamento 92.3** - Sepultamento secundário misto, de quatro indivíduos, sendo dois adultos, dos quais um masculino com idade em torno de 45 anos, e um de sexo indeterminado com idade em torno de 21 anos; uma criança com aproximadamente 6 anos e um lactente de idade indeterminada. Sepultamento do grupo 3, localizado na quadrícula F3. A dimensão da cova era em torno de 40 cm de diâmetro; o pacote tinha aproximadamente 30 cm de espessura, repousando sobre a areia clara e sem mistura do lixo de conchas no meio dos ossos.

O conjunto dos ossos era compacto e com areia infiltrada. Com certeza trata-se de um sepultamento secundário e, ao menos na parte superior, de uma cremação. Os indivíduos estavam um em cima do outro em espaço reduzido, como se os ossos estivessem ajeitados em um cesto, sendo que os da camada superior estão cremados e os da inferior não, porém, alguns ossos desta foram chamuscados pela sobreposição do cremado, que ainda deveria estar quente ao ser depositado sobre os demais. Sem acompanhamento funerário.



Figura 31 - Sepultamento 92.3.

**Sepultamento 94.1** - Sepultamento secundário misto de três indivíduos, sendo duas crianças com aproximadamente 5 anos e um lactente com aproximadamente 12 meses. Apenas uma das crianças está cremada, a outra e o lactente não apresentam nenhum tipo de queima. Sepultamento do grupo 4, localizado na quadrícula W2, em área perturbada pelo trator. A cova, 40 x 30 cm, apresentava areia escura, fina e aderente, sem a presença do lixo de conchas em torno dos remanescentes. Os ossos começaram a aparecer entre 30 e 40 cm de profundidade real e não ocupando mais de 20 cm de espessura. Os ossos haviam sido depositados com certa organização, mas os esqueletos estavam incompletos. Sem acompanhamento funerário. Sem fotografia.

### 1.2.7 Sepultamentos Secundários Cremados

Foram encontrados 5 sepultamentos cremados, que compreendem 35 indivíduos. São eles:

**Sepultamento 94.4** - Sepultamento secundário cremado de cinco indivíduos, sendo três adultos de sexo e idade indeterminados, mas com idades aparentemente diferentes devido aos diferentes graus de abrasão dentária; uma criança com idade entre 5 e 7 anos e um lactente de idade indeterminada. Sepultamento do grupo 4, localizado na quadrícula W2, em área perturbada pelo trator. Os ossos começaram a aparecer a partir de 20 a 30 cm de profundidade, com 25 cm de espessura, chegando a atingir, no final, dimensões de 60 x 40 cm. Estava em área sem lixo de conchas, em sedimentos escuros, diferente dos indivíduos anteriores que apareceram na camada de areia clara. Sem acompanhamento funerário.



Figura 32 - Sepultamento 94.4.

**(Sepultamento 94.6)** - Sepultamento secundário cremado com fragmentos de um indivíduo adulto que, por estar numa área de intensa perturbação, não foi contabilizado como indivíduo e sim, unido ao sepultamento 94.4, por apresentar características semelhantes e estar bem próximo a ele. Sem fotografia.

**Sepultamento 94.8** - Sepultamento secundário cremado de ao menos oito indivíduos, sendo quatro adultos de sexos indeterminados, dos quais um com aproximadamente 21 anos e

os demais de idade indeterminada; dois jovens de sexos indeterminados, um deles com idade em torno de 15 anos e o outro de idade inferior a 18 anos; uma criança entre 3 e 4 anos e um lactente entre 6 e 9 meses. Sepultamento do grupo 1, localizado na quadrícula A4. Cova de 55 x 50 cm, na camada 4, areia clara e fina, começando a aparecer a mais ou menos 40 cm de profundidade, com um pouco mais de 20 cm de espessura. A areia dentro da cova era escura, mas solta. Trata-se de uma cova coletiva, com todos os indivíduos cremados. Os ossos não apresentam o mesmo grau de queima; estão bastante fragmentados, e os correspondentes aos crânios foram mantidos juntos. Como acompanhamento funerário foram encontrados 27 dentes cremados de tubarão, alguns dos quais foram trabalhados. Um dos crânios de adulto tem, impresso na calota e na mandíbula, com intensidade diferente de cor, a malha que deve ser de um cesto de trama fina.

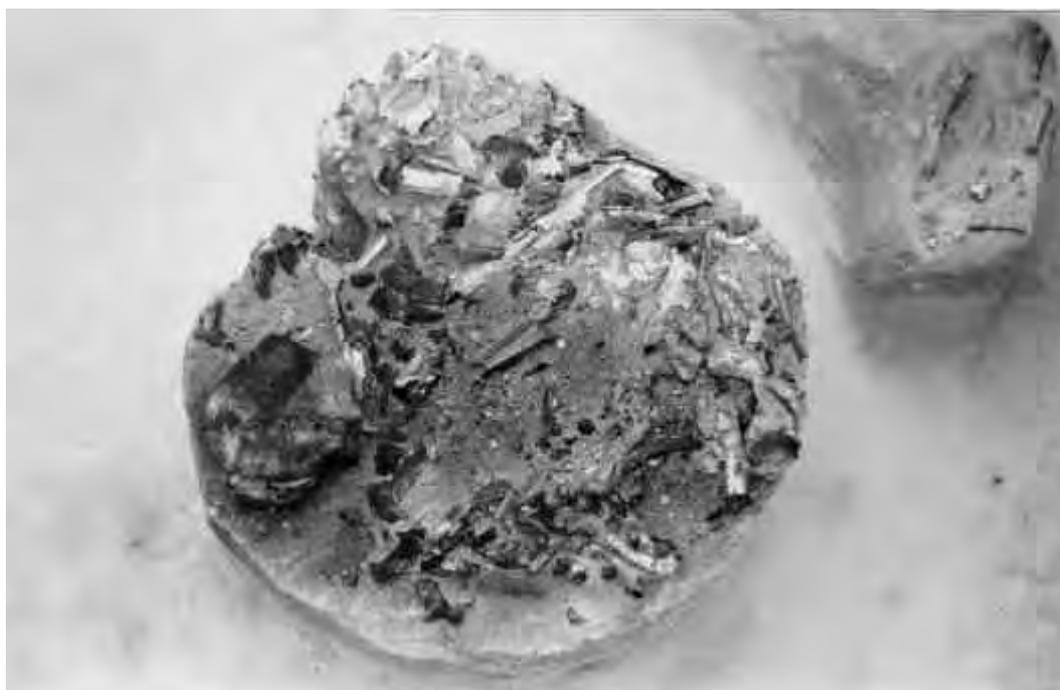


Figura 33 – Sepultamento 94.8.

**Sepultamento 94.15** - Sepultamento secundário cremado de indivíduo adulto do sexo masculino com idade entre 26 e 30 anos. Sepultamento do grupo 1, localizado na quadrícula B5. Os ossos começaram a aparecer entre 30 e 40 cm de profundidade, na areia clara da camada 4, em cova de 30 x 20 cm. Por cima dos ossos havia dentes cremados de tubarão, um lítico e alguns ossos de peixe. Sem fotografia.

**Sepultamento 94.16** - Sepultamento secundário cremado de no mínimo onze indivíduos, sendo três adultos de sexo e idade indeterminados; um jovem com idade entre 15 e 18 anos; quatro crianças com idades de 3 a 4 anos,  $\pm 5$  anos,  $\pm 6$  anos e  $\pm 12$  anos; e três lactentes, com idades de  $\pm 12$  meses,  $\pm 6$  meses e um de idade indeterminada. Sepultamento do grupo 1, localizado na quadrícula B5. Cova de mais ou menos 50 x 35 cm. Os ossos começaram a aparecer entre 40 e 50 cm de profundidade, na areia clara da camada 4.

Foi possível distinguir duas partes: um aglomerado maior, com ossos muito cremados de vários indivíduos, cobertos por dentes de tubarão, também cremados, pequenos gastrópodes e fragmentos de contas feitas em carapaças de moluscos. Este bloco foi quase todo transportado para o Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP), para ser desmontado em laboratório. Em continuidade com ele havia outro aglomerado, numa profundidade um pouco maior, que continha ossos cremados do primeiro e de uma criança não-cremada. Este aglomerado, como os outros, costumam só ter, e bem compactados, ossos cremados muito fragmentados. Já estariam quebrados quando foram depositados, menos, talvez, os crânios, cujos fragmentos costumam estar depositados juntos. Com os ossos cremados podem aparecer ossos não-cremados, confirmando que a cremação não foi feita na cova em que se encontravam depositados.

Por ser secundário cremado, não é possível afirmar o número exato de indivíduos e sim, o número mínimo, através dos ossos que se encontram repetidos, assim como não é possível definir precisamente, dentro de cada faixa etária, a que indivíduos os ossos pertencem. O mesmo ocorre com os dentes que apresentam queda pós-deposicional. Em razão do alto grau da queima os ossos não estão bem conservados, já que a maioria está muito fragmentada.

Acompanhamentos funerários: um pingente em dente de tubarão, com duas perfurações paralelas na raiz; duas bi-pontas de projétil em osso de mamífero; um osso longo de ave, afilado em uma das extremidades, semelhante a uma "agulha"; 40 fragmentos de contas de colar e 1 dente de tubarão cremado.



Figura 34 - Sepultamento 94.16.

**Sepultamento 94.19** - Sepultamento secundário cremado de no mínimo dez indivíduos, sendo cinco adultos de sexo e idades indeterminados; quatro crianças com idades que variam entre  $\pm 3$  anos, 5 a 6 anos, 8 a 9 anos e  $\pm 11$  anos; e um lactente com aproximadamente 9 meses. Sepultamento do grupo 2, localizado na quadrícula E5. Os ossos começaram a aparecer entre 30 e 40 cm de profundidade, entre as camadas 3, de areia escura, e 4, de areia clara; a cova tinha 30 x 30 cm de diâmetro. Os ossos do indivíduo adulto estão fortemente retorcidos, indicando que foram cremados ainda com carne, ou úmidos. Como acompanhamento funerário havia um dente cremado de tubarão. Sem fotografia.

### **1.2.8 Material Disperso pelo Trator**

Junto ao material disperso pelo trator, foram encontrados remanescentes de cinco indivíduos (três adultos e cinco crianças), que não foram incluídos ao número total de indivíduos, por não sabermos sua procedência, ou seja, podem fazer parte dos sepultamentos perturbados na mesma área.

### ***1.3 O Padrão de Sepultamento<sup>6</sup>***

Ao todo foram recuperados 84 indivíduos em diferentes formas de deposição, correspondentes a ambos os sexos, dos quais 42 eram adultos, 6 jovens, 21 crianças e 15 lactentes. Do total, 11 são do sexo masculino, 6 do sexo feminino e em 67 não foi possível determinar o sexo. Do conjunto dos sepultados apenas 20 estão em deposição primária, predominantemente simples, em posição estendida, fletida ou fortemente fletida, em decúbito ventral, com exceção de um caso. Todos os demais, 64 indivíduos, estão em deposição secundária, cremados ou não. Os cremados são predominantemente coletivos, ao contrário dos não-cremados e dos primários. Os primários coletivos são de crianças, ou destas associadas a adultos masculinos, como os sepultamentos 94.21 e 95.2.

As covas dos sepultamentos secundários costumam ser circulares, com diâmetros em torno de 40 a 50 cm, em espaço reduzido, principalmente para os coletivos, nos quais os ossos apresentam-se depositados cuidadosamente, fortemente compactados, indicando que foram depositados em recipientes de diâmetro e profundidade como de cestos médios. No caso dos

sepultamentos 94.12 e 95.7 isto fica bastante claro, pois os ossos longos sobressaem verticalmente em meio aos demais. Mesmo com os ossos fortemente compactados e muitas vezes bastante fragmentados, é possível perceber a intenção que tiveram, ao deixar os ossos do crânio sempre juntos, mesmo quando coletivos.

Poucos sepultamentos possuem acompanhamentos funerários, que se apresentam como: contas de colar circulares ou nos próprios gastrópodes, dentes de tubarão (cremados ou não), pontas ósseas em ossos de mamífero e uma agulha em osso longo de ave.

Na mesma sepultura podem encontrar-se esqueletos cremados junto com não ou pouco cremados, sugerindo formas semelhantes de deposição ou rito final.

Segundo Schmitz (Schmitz et al., 1999, p.135), se os indivíduos dos sepultamentos primários certamente correspondem aos falecidos no lugar, os secundários indicam transporte. Estes, embora apareçam com ossos correspondentes ao corpo inteiro, costumam estar incompletos, mesmo os que ainda apresentam partes do esqueleto articuladas.

Analisando os ossos dos sepultamentos cremados, observa-se que alguns indivíduos submetidos a este processo ainda tinham os ossos verdes, ficando retorcidos após a queima, em outros eles já estavam bem secos e apresentavam fraturas típicas, em outros ainda foram atingidos somente alguns ossos pouco protegidos por músculos, como o crânio e as extremidades. *“Essas diferenças indicam que a cremação não era realizada em prazo fixo*

---

<sup>6</sup> Basearemos este subcapítulo na análise feita por Pedro Ignácio Schmitz, “Um Jazigo no Litoral” (capítulo 7), in Schmitz et al., 1999.

*após a morte individual, sendo em alguns casos cremado o corpo, em outros casos um esqueleto já descarnado e em outros ainda os ossos já secos.”* (Schmitz et al., 1999, p.135).

O autor questiona por que procedimentos diferentes nos quais uns seriam apenas descarnados antes da deposição definitiva, outros descarnados e cremados e alguns cremados sem descarnar; e conclui que talvez tudo tivesse a ver com o momento da decessão e o prazo para a deposição definitiva no jazigo do grupo, na suposição de que houvesse uma data para isso, que podia estar ligada a uma festa, a uma migração ou a ambas as coisas ao mesmo tempo.

Schmitz (Schmitz et al., 1999, p.136) examina várias hipóteses a fim de entender estas diferenças no tratamento do corpo. A primeira delas diz respeito a distinção etária, sexual ou social entre os indivíduos tratados de forma diferente. Porém, ela não se aplica a este caso tendo em vista que indivíduos de diferentes faixas etárias e sexos são encontrados nas diversas formas de tratamento e podem estar juntos na mesma cova. A distinção social também é difícil de ser aceita quando indivíduos de diferentes formas de tratamento são encontrados juntos, sobrepostos ou misturados.

A segunda hipótese para explicar a diferença de tratamento seria a distância cronológica entre diversos sepultamentos, pertencentes a uma mesma população; ou a utilização dos cemitérios por populações diferentes. Mas, estas hipóteses também não se aplicam pois as mesmas formas de tratamento se encontram repetidas nos quatro pequenos cemitérios escavados.

“A alternativa que nos resta é a de tratamento diferente de acordo com o lugar e o tempo do decesso, uns depositados no acampamento do litoral em que morreram, outros levados para esse acampamento a partir do lugar de seu decesso e para isso tratados de maneira a poderem ser transportados e submetidos ao ritual definitivo.

Assim teríamos uma explicação para a desproporção entre o número de indivíduos sepultados por um lado e os resíduos alimentares e industriais por outro.” (Schmitz et al., 1999, p.136).

Para fundamentar a cremação, o autor baseia-se no trabalho de Rodrigo Lavina (1994) e nos relatos de Antonio Ruíz de Montoya, S.J. (In Cortesão, 1951). O trabalho de Lavina (1994) estuda os índios Xokleng, de Santa Catarina, antigos donos do território em que se encontra o sítio de Içara. Este grupo, até recentemente, cremava os corpos de seus mortos e realizava um ritual solene que encaminhava os falecidos para a terra dos seus antepassados. Já os relatos de Montoya, fundador de reduções no planalto do Paraná, em 1628, descrevem o ritual de sepultamento dos índios Gualachos (Kaingáng/Xokleng),

“(...) dizendo que primeiro o morto era conservado dentro da choupana em que tinha vivido até o cheiro da decomposição se tornar insuportável, depois ele era exposto numa plataforma na proximidade da aldeia ou na roça até secar e finalmente os ossos eram reunidos e cremados e as cinzas enterradas solenemente numa sepultura aberta no mato próximo. Dá igualmente algumas informações sobre o ritual de encaminhamento do morto ao outro mundo.” (Montoya in Cortesão 1951 *apud* Schmitz et al., 1999, p.136).

O transporte do corpo, segundo Schmitz, é fundamentado pela deposição dos restos descarnados e/ou cremados num recipiente do tipo de um cesto. Mas, que não nos revela donde, nem de que distância.

No sítio de Içara não foi encontrado nenhum local onde a cremação tivesse sido realizada. Os sepultamentos cremados restringem-se ao espaço de um cesto médio, nos quais costumam estar apenas os ossos, eventualmente com algum acompanhamento funerário. A coleta dos ossos no local da cremação deve ter sido muito cuidadosa, pois na cova existe muito farelo de osso, ossinhos pequenos (falanges de crianças com menos de 1 ano de idade), ornamentos pequenos como dentes de seláquio e, num deles, um grande número de pequenos

moluscos perfurados (Schmitz et al., 1999, p.137).

Schmitz afirma que a presença de dentes de seláquio e de ossos cremados de peixes, essencialmente estes últimos, nos pacotes, poderia indicar que a cremação se realizou aí mesmo, perto do mar, antes da deposição final, acomodando-se, depois, as cinzas nos recipientes com os quais foram sepultados.

Mas, segundo o autor, contrapondo-se a eles, está a quantidade de mãos-de-pilão, feitas com matéria-prima estranha e que apontam como sua origem o planalto ou a borda do mesmo.

“Poderíamos, então, pensar alternativas: esqueletos descarnados e/ou cremados (eventualmente corpos), trazidos de outros acampamentos estacionais do interior ou de concheiros próximos; esqueletos descarnados, eventualmente também corpos, trazidos nessas condições, manipulados e cremados antes da entrega ao jazigo definitivo; não se pode nem mesmo excluir que o tratamento tenha sido aplicado a moradores do mesmo sítio.” (Schmitz et al., 1999, p.137).

Os quatro pequenos cemitérios, nos quais se repetem os mesmos fenômenos, parecem corresponder a sucessivos acampamentos de um mesmo grupo.

Depois de analisar o tratamento dado ao corpo e a forma de deposição dos indivíduos sepultados em Içara, Schmitz apresenta os dados relativos ao estado de saúde e idade da morte destes.

“A idade alcançada mostra grande mortalidade de infantes (17, 86%), de crianças (25%), uma mortalidade menor de jovens (7, 14%), somando 50% de mortos imaturos. Dos 50% que morreram adultos, a idade alcançada vai de 21 a 45 anos entre os homens e de 21 a 35 anos entre as mulheres; mas somente 3 desses indivíduos foram considerados de idade avançada, tendo alcançado aproximadamente 45 anos.” (Schmitz et al., 1999, p.137).

Dos 84 indivíduos encontrados em Içara, 33 apresentaram algum tipo de patologia. As mais comumente detectadas foram: nos dentes, abrasão, cálculo dental, cárie, abscesso dentário e perda dentária *pré-mortem* com reabsorção alveolar; nas vértebras, deformidades como *osteofitos marginais* (“bico de papagaio”) e marcas de artrite. Ocorrem em indivíduos de ambos os sexos e diferentes faixas etárias.

Alguns indivíduos (95.6, 93.9, 94.3, 94.10 e 95.7) configuraram casos especiais de patologia. Estes, assim como os anteriores eram de diferentes idades e de ambos os sexos. O quadro mais complexo foi constatado no sepultamento 95.6, correspondente a um indivíduo adulto, de sexo masculino e idade entre 35 e 45 anos, que além de cárie, cálculo dental, abscesso dentário, reabsorção alveolar e *osteofitos marginais*, também apresentou atrofia na pélvis, no fêmur e na patela direitos; rádio esquerdo, três ossos do carpo e cinco do tarso deformados; e o 4º e o 5º metatarso fundidos. Os sepultamentos 93.9 e 94.10 apresentaram espessamento anormal da diáfise da tíbia direita e do rádio esquerdo respectivamente, associado a outras patologias mais comuns. No sepultamento 94.3 foi constatada a atrofia de uma falange; e o 95.7 apresentou deformidade em cinco ossos do tarso (saliência óssea), bem como em vértebras cervicais e torácicas, nas quais também havia marcas de artrite e *osteofitos marginais*.

“Em relação aos casos patológicos pode-se inferir que tenham sido causados pelo elevado esforço físico, dieta alimentar ou ainda por algum tipo de doença infecciosa, provocada por alguma fratura ou lesão, exceto no sepultamento 95.6 que também pode ter sido por um problema congênito.” (Schmitz et al., 1999, p.110).

Todas as características destacadas mostram que o sítio de Içara é diferente dos sambaquis pré-cerâmicos, dos concheiros com cerâmica de tradição Itararé e mais ainda dos sítios dos horticultores de tradição cerâmica Tupiguarani.

Schmitz apresenta um modelo construído com base na análise de todos os dados levantados até então. Segundo o autor (Schmitz et al., 1999, p.138) Içara seria um sítio de acampamentos sucessivos, no período quente do ano, em área de recursos variados e abundantes, que são explorados parcial e seletivamente. Sendo a quantidade de indivíduos sepultados desproporcional às estruturas do sítio faz-se necessário pensar no transporte para ele de indivíduos mortos em outros locais do território. Os corpos desses indivíduos seriam previamente manipulados em função da deposição no jazigo definitivo.

“O sítio SC-IÇ-01, por enquanto, é um sítio isolado para cuja compreensão se faz necessária a localização e estudo de outros sítios semelhantes, que ajudem a entendê-lo em termos de função, espaço e tempo. Estes sítios podem ter a forma de concheiros junto ao litoral, ou de sítios completamente diferentes na floresta atlântica da planície costeira e da borda do planalto sul-brasileiro, ou encosta da Serra do mar. Só entendendo a movimentação territorial do grupo criador podemos ter uma idéia do que ele representa de fato.” (Schmitz et al., 1999, p.139).

Para populações nômades que migram dentro de um território, a idéia de um jazigo funerário fixo preencheria a necessidade de uma referência para o grupo. Segundo Lavina (1994) os Xokleng ocupavam o leste do estado de Santa Catarina, com extensões para o Rio Grande do Sul e o Paraná. Faziam anualmente acampamentos mais longos junto ao litoral para rituais comunitários, especialmente a perfuração dos lábios dos meninos. Para a reunião do grupo eram necessários abrigos maiores e abastecimento mais abundante, este último mais fácil de encontrar na desembocadura de rios como o Araranguá. Sílvio Coelho dos Santos, antropólogo catarinense, trabalha com os remanescentes do grupo Xokleng aldeados na Reserva Duque de Caxias desde o início da década de 1960. Este autor afirma que em elaborado ritual, os meninos Xokleng recebiam nomes de parentes falecidos e, com isso, também o tratamento correspondente (Santos, 1966 *apud* Schmitz et al., 1999, p.139).

Schmitz finaliza a análise com a seguinte conclusão: “*No final, temos que dizer que nossas especulações não têm condições de oferecer respostas incontestes, mas foram a maneira de pensar o sítio ultrapassando a simples descrição dos restos materiais.*” (Schmitz et al., 1999, p.139).

## **2 OUTROS SÍTIOS DO LITORAL CATARINENSE E SEUS SEPULTAMENTOS**

Depois de estudar o padrão de sepultamento encontrado em Içara, buscamos saber se este é comum no litoral de Santa Catarina, e qual sua relação com o de outros sítios. A diversidade do litoral catarinense é muito grande, e tornaria o estudo excessivamente abrangente, assim, selecionamos amostras significativas de diferentes áreas deste litoral.

Para isto baseamo-nos em estudos atuais (Lima, 2000 e Gaspar, 2000) que refletem sobre o povoamento do litoral catarinense, sugerindo a existência, além de áreas pouco estruturadas, de centros de hierarquia intra e intergrupais, principalmente nas duas áreas de alta densidade de sítios: no norte, a Baía de Babitonga e no sul, a região de Laguna. Estes centros seriam responsáveis por uma suposta rede de produção e difusão cultural, favorecendo a concentração de poder e o controle sobre outras áreas do litoral.

Selecionamos então, nossas amostras entre os grandes concheiros do sul e do norte, concheiros rasos de áreas pouco perturbadas e sítios da tradição ceramista Itararé.

Entre os grandes concheiros escolhemos o Sambaqui do Morro do Ouro e o Sambaqui do Cubatãozinho, no norte, e o Sambaqui de Congonhas I e o Sambaqui da Carniça I, no sul. Todos eles apresentam estruturas bem definidas e indícios de hierarquização.

Em área periférica a estes, ou seja, intermediária às duas áreas de concentração dos grandes sambaquis, selecionamos os sítios de Armação do Sul e Laranjeiras I, dois concheiros rasos, pré-cerâmicos, com estruturas menos evidentes, sem hierarquia aparente.

Os sítios de tradição ceramista Itararé também são periféricos à sua área central, o Planalto, que apresenta indícios de hierarquização. As aldeias litorâneas desta tradição são estruturadas e podem ou não apresentar indícios de hierarquização. Entre estas selecionamos Laranjeiras II e Tapera.

Estes sítios foram escolhidos não apenas por seu espaço dentro do contexto litorâneo, mas também por mais detalhada descrição de seus sepultamentos, que possibilitou a construção deste trabalho.

### ***2.1 Sambaqui do Morro do Ouro (SC-LN-41)***

O Sambaqui do Morro do Ouro - SC-LN-41 - localiza-se na baía de Babitonga, no município de Joinville, Santa Catarina. A baía de Babitonga apresenta um mosaico ambiental que proporciona grande abundância de recursos naturais, dentre os quais se destacam a fauna malacológica, os peixes e os crustáceos. A grande quantidade destes recursos, de fácil obtenção, foi um dos fatores que contribuíram para a atração dos grupos humanos que povoaram esta região, formando uma das áreas de maior concentração de sambaquis de todo o Brasil.

O Sambaqui está localizado sobre bloco residual, constituído de quartzitos, filitos e itabiritos. Apresentava grandes dimensões, que devido ao intenso processo de destruição a que foi submetido, não são conhecidas. Originalmente situava-se, ao norte, sobre a margem

direita do rio Cachoeira; a oeste, é banhado por um canal, antigo braço direito do rio Bucarein; e a leste, estende-se o mangue.

O sítio está localizado dentro da área urbana do município de Joinville, o que contribuiu para seu rápido processo de destruição. Este processo foi acompanhado e descrito por vários pesquisadores, dentre os quais destacamos Castro Faria (1959) e Tiburtius & Bigarella (1960). Em 1968, foi escavado pela equipe de Anamaria Beck, e os resultados publicados por Beck, Duarte & Reis (1969), Beck, Araújo & Duarte (1970) e Beck (1972); sendo que este último reúne todos os dados e considerações dos demais. Entre os anos de 1979 e 1980, o sítio teve outra intervenção coordenada por Marilandi Goulart (1980).

Ao descrever o sítio, utilizaremos estes dois últimos trabalhos, ou seja, Beck (1972) e Goulart (1980).

A primeira fase de destruição do sítio foi descrita por Castro Faria da seguinte forma:

"Situado dentro da área urbana da cidade de Joinville. Trata-se de enorme jazida, rica em material humano, esqueletos e indústria lítica, que está sendo totalmente arrasado por meio de força hidráulica. No barracão de madeira que serve de escritório para o encarregado das obras de desmonte encontravam-se, por ocasião da nossa visita ao local, dezenas de utensílios de pedra, de crânios e de outras partes do esqueleto, retirados ao acaso, por operários curiosos. Nada se aproveitou desta jazida, que uma indiferença monstruosa condenou ao desaparecimento total." (Faria, 1959, p.109).

Em visita ao sambaqui, Tiburtius & Bigarella (1960, p.17), descrevem o sítio de forma muito semelhante:

" O sambaqui do Morro do Ouro, relacionado sob n.º 41, era um sambaqui de grandes dimensões, do tipo 'sujo' extraordinariamente rico em material

arqueológico, artefatos de pedra e osso, esqueletos humanos e espinhas e vértebras de peixe. Encontra-se hoje quase que totalmente destruído."

Os autores dão ênfase aos objetos zoomorfos encontrados junto a um sepultamento do sítio, que descreveremos mais adiante. Estes objetos só foram encontrados por estes autores, fato bastante enfatizado pelas duas pesquisadoras que posteriormente escavaram o sítio.

Em 1968, Anamaria Beck efetuou uma sondagem no sítio, totalizando 24 m<sup>2</sup>, que atingiu a profundidade de 8,85 m da superfície até a base do Sambaqui.

A autora (1969, p.33) descreve as camadas da estratigrafia do sambaqui da seguinte forma:

“1ª - situada superiormente e por ordem cronológica, a mais recente, atingiu a profundidade de 3,15 metros, caracterizando-se por numerosos sepultamentos, artefatos líticos e estruturas de corante vermelho. Até a profundidade de 0,90 metros apresentou níveis compactos de argila, valvas de moluscos. A seguir, os níveis tornaram-se mais friáveis, constituídos por valvas de moluscos, apenas, quer em camadas quer em bolsões.

2ª - caracterizou-se por extrema pobreza, em relação aos achados arqueológicos. Poucos fragmentos líticos e restos ósseos de peixes constituíram os principais achados. Atingiu a profundidade de 5,50 metros. Apenas uma estrutura foi aí localizada e nenhum sepultamento.

3ª - Estendendo-se até a base da trincheira, esta unidade se caracterizou por evidências marcadas de ocupação, revelando várias estruturas horizontais identificadas como solos de cabana e fogueiras; artefatos líticos e um sepultamento (S.10), (...). O perfil apresentou uma sucessão de camadas claras, formadas por valvas de moluscos, inteiras e fragmentadas, e de camadas escuras constituídas ora por argila escura, ora por carvão, cinzas e valvas de moluscos calcinadas.”

Segundo Beck (1972), os elementos mais importantes de toda a estratigrafia do sítio foram as estruturas; encontradas com frequência na terceira unidade estatigráfica revelam elementos importantes para o entendimento da ocupação humana no local.

Quanto aos recursos alimentares a autora afirma que os moluscos foram altamente utilizados pela população do Sambaqui, principalmente *Anomalocardia brasiliana* e *Ostrea* sp. O consumo de peixes não parece ter sido tão freqüente quanto o de moluscos. Por outro lado, a fauna terrestre representou um importante papel, tanto em relação à alimentação, quanto ao fornecimento de matéria prima para a confecção de artefatos. Em relação à questão da alimentação, a autora afirma:

“(...) podemos dizer que a alimentação dos grupos construtores do Sambaqui do Morro do Ouro – SC-LN-41 – estava apoiada no consumo de moluscos, cujas conchas constituem o principal substrato do sítio. Esta dieta estava complementada por aves, peixes e mamíferos, cujos restos, não muito abundantes, evidenciam sua utilização. Quanto ao uso de vegetais nada pudemos averiguar, uma vez que nem mesmo restos de cocos de geriva (*Arecastrum romanzoffianum*) carbonizados, foram encontrados neste Sambaqui.” (Beck, 1972, p.144).

Entre os anos de 1979 e 1980 Marilandi Goulart escavou duas trincheiras no Sambaqui do Morro do Ouro. Uma delas, com orientação norte-sul, de 36 m, e a outra, de 32 m, com orientação leste-oeste. A estratigrafia do sítio e o padrão de subsistência do grupo, são descritos de forma muito semelhante aos apresentados por Beck (1972). Segundo Goulart:

“As evidências arqueológicas extraídas das escavações no Sambaqui do Morro do Ouro permitem inferir que o grupo e/ou grupos humanos que nele se estabeleceram, constituem-se em grupos coletores de moluscos, pescadores e caçadores. Tais evidências são representadas por grande quantidade de valvas de moluscos que formam as camadas do Sambaqui; ossos de peixes, otólitos, ossos de mamíferos e aves, coletados durante as escavações, que sugerem atividades de caça e pesca.” (Goulart, 1980, p.98).

Na escavação feita por Goulart os ossos de peixe foram mais evidentes, aparecendo em quase todos os níveis. A autora comenta que a afirmação de Beck a respeito dos coquinhos de Geriva não se confirmou na escavação, ao contrário, eles apareceram abundantemente em todos os níveis dos blocos escavados, o que segundo ela, é um indício de que os moradores do

Sambaqui também utilizaram vegetais em sua alimentação (Goulart, 1980, p.99).

Os artefatos utilizados para a captação destes recursos são divididos pelas autoras em: artefatos de pedra, osso e concha; com a ressalva de que os confeccionados em fibra, provavelmente utilizados, não deixaram vestígios.

Beck (1972) afirma que o material lítico era pouco abundante, e o produzido em osso e concha praticamente inexistente, contradizendo as referências bibliográficas (Castro Faria, 1959 e Tiburtius & Bigarella, 1960) que afirmam abundância destes materiais.

Marilandi Goulart afirma a esse respeito:

“Quanto aos elementos da cultura material BECK (...), salienta que ‘*os artefatos encontrados na área escavada foram muito poucos ... a escavação revelou apenas um artefato de concha e nenhum artefato ósseo*’, enquanto que TIBURTIUS e BIGARELLA (1960) e Castro Faria (1959), afirmam tratar-se de um sítio arqueológico rico em material ósseo humano e artefatos líticos. Os resultados de nossa pesquisa corroboram as afirmações dos autores acima, sendo que a cultura material caracteriza-se por uma indústria lítica bem elaborada (1.403 exemplares) e 155 artefatos ósseos, representados por vértebras perfuradas (59), vértebras alisadas (59), pontas simples (21), ponta dupla (1), dentes trabalhados (3), pendentes (3) e artefatos ósseos não identificados (9).” (Goulart, 1980, p.101).

Prous (Prous e Piazza, 1977, p.87) analisou o material coletado por Guilherme Tiburtius, que hoje faz parte do acervo do museu de Joinville, e afirma que a indústria óssea é bem mais desenvolvida do que se poderia supor. Segundo os autores, este material é composto por: 5 bastões trabalhados em osso de baleia, 1 prancha cortada do mesmo material, vários elementos de colar, também em osso de baleia (junto a um sepultamento), 5 discos perfurados, 25 pontas de flecha em osso de anta ou de peixe, 8 vértebras de tubarão perfuradas e 15 objetos diversos.

Estes autores chegam à conclusão de que Beck escavou uma zona particularmente pobre do sítio, pois a indústria óssea apresentou-se abundante e diversificada.

Marilandi Goulart endossa Beck (1972) quanto à inexistência de zoólitos na área escavada.

Tiburtius e Bigarella (1960, p.19-20) descrevem três zoólitos encontrados junto a um sepultamento, durante a fase de destruição do sítio. Um deles representaria um pássaro (n.4334), o outro um mamífero em repouso (n.4335) e o último um animal altamente estilizado, provavelmente um peixe. Os autores ressaltam o admirável acabamento das peças, confeccionadas com extremo cuidado e conhecimento da técnica.

Como comentamos na introdução, esta atividade exige conhecimento, especialização e muito tempo (em média 200 horas) de trabalho de um hábil artesão, na confecção de apenas uma peça.

Os outros artefatos líticos, segundo Goulart (1980, p.98), são de ordem funcional, ou seja, perfeitamente ligados à exploração do meio ambiente circundante: lâminas de machado polidas e lascadas, quebra-coquinhos, facas, lascas, seixos e fragmentos de seixos.

As duas autoras (Beck, 1972 e Goulart, 1980) dividem as estruturas que evidenciam a ocupação do sítio em restos de fogueiras, estruturas de corante vermelho, “solos de cabana” e sepultamentos. Segundo as autoras estas estruturas (menos os sepultamentos para Beck) foram numerosas podendo ser observadas facilmente na estratigrafia do sítio.

Os restos de fogueira apareceram de duas formas: com e sem conjuntos de pedra. As primeiras são constituídas por uma série de elementos inter-relacionados que formam um agrupamento significativo, representado por blocos líticos que delimitam um espaço rico em carvão, cinza, terra queimada, em cujo interior estão os restos de peixe, otólitos e massa alimentar que revelam sua função de queima e cozimento dos alimentos (Beck, 1972, p.162; Goulart, 1980, p.46).

As fogueiras sem conjuntos de pedras são constituídas simplesmente de manchas de carvão vegetal, no interior das quais encontram-se, algumas vezes, restos de conchas calcinados (Beck, 1972, p.162).

As estruturas de corante vermelho são descritas por Beck e apenas mencionadas por Goulart. Segundo Beck (1972, p.162) elas ocorreram apenas na parte superior do sítio. Uma delas foi encontrada entre 1,80 e 1,95 metros de profundidade, e a outra entre 3 e 3,15 m. Tinham forma ovalada e eram constituídas por espessa camada de corante vermelho. As dimensões eram de ordem de 1m de comprimento e cerca de 60 cm de largura por 6 a 8 cm de espessura. *“Estavam envoltas por conchas limpas e soltas que constituíam uma camada friável cuja remoção era difícil.”* (Beck, 1972, p.162).

Os solos de cabana são descritos pelas duas autoras, porém optamos pela descrição de Beck por ser mais clara e objetiva. Segundo esta, estas estruturas foram as de maior evidência. Ao contrário das estruturas de corante vermelho, os “solos de cabana” foram encontrados apenas na parte inferior do sítio.

“Eram estruturas de grandes dimensões, de coloração mais escura que as camadas envolventes e no interior das quais encontravam-se os artefatos, restos de fogueiras, ossos de animais. Apresentavam-se compactadas dando a impressão de ter sido o local muito pisoteado. A coloração e a compactação são os elementos que nos permitiram distinguir rapidamente as estruturas deste tipo das camadas em que estavam envoltas.” (Beck, 1972, p.163).

Os sepultamentos foram mais numerosos na escavação de Goulart. Beck (1972) encontrou apenas 10 sepultamentos, num total de 12 indivíduos. Já Marilandi Goulart, encontrou 89 sepultamentos, com o mesmo número de indivíduos (Ver tabela 1 em anexo 1). O padrão de sepultamento não diferiu nas duas sondagens. Todos os sepultamentos eram primários, sendo a maioria depositada em posição fletida, em decúbito lateral. Alguns sepultamentos possuíam acompanhamento funerário que variou entre instrumentos líticos, seixos, corante vermelho e conchas e vértebras de peixe perfuradas.

Com exceção de um caso, todos os sepultamentos encontrados por Beck estão localizados na superfície do sítio. Esta exceção, o sepultamento nº.10, corresponde a uma criança com aproximadamente 7 anos, cujo esqueleto não foi escavado.

Beck finaliza a análise dos sepultamentos com a seguinte afirmação: “*O que, porém, chama a atenção, nos sepultamentos deste sambaqui é a uniformidade dos costumes funerários, em alguns detalhes: posição, disposição, localização.*” (Beck, 1972, p.161).

Goulart (1980, p.100), ao contrário de Beck, afirma que os sepultamentos encontrados na escavação estavam distribuídos desde a superfície até a base do sítio, com maior concentração na base dos blocos I e II. Não se encontravam em posição tão uniforme quanto os de Beck, mas também seguiram certa padronização.

Tiburtius e Bigarella (1960, p.18-19) descrevem um elaborado sepultamento que encontraram na primeira fase do processo de destruição do sítio. Este, contrasta com a simplicidade dos encontrados e descritos por Beck e Goulart. Segundo os autores:

“Dos sepultamentos encontrados neste sambaqui mencionaremos o que apresenta interesse para este trabalho.

Trata-se de um sepultamento no qual o esqueleto achava-se cercado por diversos objetos entre os quais três zoomorfos. Encontrava-se no lado SE do sambaqui, a 1,30 m acima da base, numa camada de aproximadamente 50 cm de espessura, de cor marron carregada. Aparentemente fora cuidadosamente preparado.

Foi possível verificar numerosos detalhes (conforme esquema da fig.1<sup>7</sup>) mas infelizmente nada se conservou do material ósseo, extremamente friável e que se desfazia ao menor contato.

Era nitidamente visível que nesta camada foi escavada uma cova principal de aproximadamente 2,8 m de comprimento, por 1,5 m de largura na qual se notavam mais três escavações menores: uma delas à altura da cabeça e duas outras aos pés. O esqueleto encontrava-se no meio, em decúbito lateral direito e com pernas e braços fletidos (a face dirigida para o sul) com as mãos a aproximadamente 15 cm de distância do crânio (...).

Aparentemente tratava-se do esqueleto de uma pessoa idosa. O maxilar inferior era estreito e apresentava apenas quatro dentes incisivos extremamente gastos. O maxilar superior não apresentava dente algum.

Em redor do esqueleto encontravam-se diversos objetos: próximos ao crânio e com a cavidade para baixo os zoólitos n. 4334 col. Tib. e 4335 col. Tib. (...); três seixos rolados de forma ovalada (indicados pelos n. 1, 2 e 3 na fig.1 e de 74, 80 e 112 mm de diâmetro máximo, respectivamente) e uma pedra que parece ter sido usada como objeto manual para amolar outras pedras (indicada pelo n.10 na fig.1).

Na altura da região cervical encontra-se uma pedra base para batedor (...), ‘anvil stone’(fig.1 n.7). Próximo aos ossos dos pés, encontrava-se dois batedores com depressão (...) (pedras trabalhadas do tipo freqüentemente denominado ‘quebra-coco’).

A frente do esqueleto achavam-se os seguintes objetos: próximo às mãos um martelo de pedra de 115 mm de comp. (fig.1 n.4) e mais duas pedras trabalhadas com evidência de uso (fig.1, n. 5 e 6).

A mais ou menos 80 cm de distância dos joelhos foi encontrado o terceiro zoólito, alongado de forma altamente estilizada (objeto n.5561 col. Tib.) (...).

Os objetos de n. 15, 16, 17, 18 e 19, na fig.1, encontrados entre este zoólito e os fêmures do esqueleto, são constituídos por pequenas peças de osso trabalhadas.

Além destes achados, devemos mencionar ainda as pequenas escavações (indicadas pelos n. 20, 20<sup>a</sup> e 21 na fig.1). Sem dúvida elas faziam parte do sepultamento. Tinham uma profundidade de aproximadamente 25 cm e circunferência de 18 cm sendo que as próximas dos pés continham carvão vegetal e valvas soltas de

---

<sup>7</sup> Em nosso trabalho figura 35.

berbigão (*Anomalocardia brasiliensis*) e a que se encontrava perto do crânio continha numerosos restos de peixe de tamanho reduzido.

É provável que, além destes, outros objetos tivessem sido depositados ao lado do morto, os quais, entretanto, teriam sido destruídos pelas intempéries.”

O Sambaqui do Morro do Ouro é um dos representantes das áreas hierarquicamente organizadas. Isto fica evidente ao observarmos a estruturação bem definida do assentamento, conhecimento e domínio da técnica de confecção dos zoólitos e dos artefatos em osso, e também pelo planejamento e elaboração de um complexo sepultamento. Estas atividades exigiriam tempo, conhecimento e energia, indicando especializações dentro do grupo, bem como organização social hierárquica.

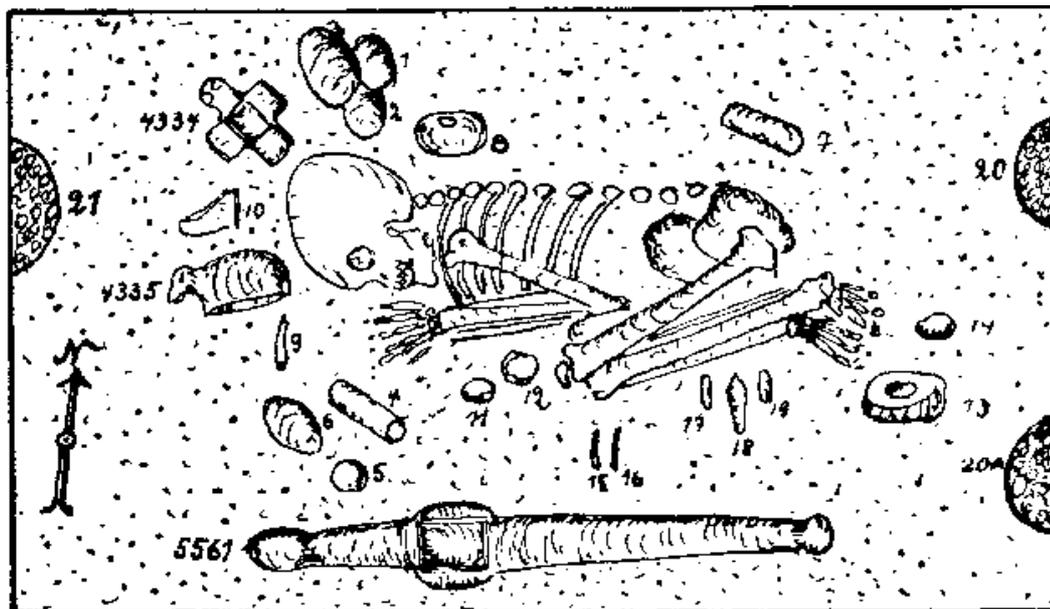


Figura 35 - Sepultamento do Sambaqui do Morro do Ouro. Fonte: Tiburtius & Bigarella, 1960, p.39.

## 2.2 Sambaqui do Cubatãozinho (SC-LN-40)

O Sambaqui do Cubatãozinho localizava-se no município de Joinville, Santa Catarina, sobre sedimentos arenosos, à margem de um pequeno riacho com manguesal. Suas dimensões

originais são desconhecidas, mas supõe-se que tenha sido um grande sambaqui (Prous & Piazza, 1977, p. 85). Os únicos trabalhos sobre o sítio provêm de dois relatórios de visita feitos em diferentes momentos de seu processo de destruição. O primeiro deles foi escrito por Bigarella, Tiburtius & Sobanski (1954), e relata a primeira fase de desmonte do sítio (1948); o segundo, por Tiburtius & Bigarella (1960), apresenta uma síntese de informações obtidas nas duas etapas da destruição.

O material retirado do sambaqui serviu de aterro para a construção do aeroporto da cidade, que dista somente 3 km do local. Na segunda visita (1958), o sambaqui já estava praticamente destruído.

Foram encontrados 12 lâminas de machado polidas, 1 recipiente em pedra, 1 bastão em osso trabalhado, semelhante aos encontrados no Morro do Ouro, 2 alisadores, alguns percutores e bigornas, ao menos 11 zoólitos e um interessante sepultamento acompanhado de um zoólito (Prous & Piazza, 1977, p.86), motivo de nossa atenção neste sítio.

Tiburtius & Bigarella (1960, p.21-22) descrevem a estrutura da borda leste do sambaqui, exposta através do processo de desmonte do sítio. A camada 1<sup>8</sup>, com cerca de 40 cm de espessura, era constituída por terra preta e poucos moluscos. Nela encontravam-se numerosos restos de fogueiras com lastro de pedra e vestígios de cerâmica. As camadas 2, 3 e 4 eram pouco espessas (até 10 cm), sendo a segunda composta por conchas limpas e soltas de

---

<sup>8</sup> Os autores apresentam as camadas em ordem decrescente, de 6 (superior) a 1 (inferior). Para padronizar o trabalho utilizaremos a ordem crescente, comum a todos os trabalhos analisados.

*Anomalocardia brasiliiana*; a terceira pelo mesmo molusco acompanhado por ossos de peixe, ambos calcinados; e a quarta, composta por pedaços de carvão vegetal misturados com cinza, ostras de tamanho médio, poucas conchas de *Anomalocardia brasiliiana* e raras de *Modiolus* sp. A quinta camada tinha uma composição diferente das demais, era constituída por ostras de vários tamanhos, numerosos fragmentos de rocha, que segundo os autores possivelmente acompanhavam as ostras, restos de peixes de grande tamanho, vestígios de fogueira e de *Modiolus* sp e algumas pedras corantes.

A última camada, assentada sobre os sedimentos arenosos, apresentou uma espessura média de 2,60 m. Nela encontravam-se camadas compactas de *Modiolus* sp, alternadas com faixas de argila cinzenta, *Anomalocardia* e ostras. Também havia vestígios de fogueiras (algumas cercadas por seixos rolados), poucos artefatos líticos, fragmentos de pedra corante vermelha e espinhas (14 cm), vértebras (8 cm) e escamas de peixe (3 cm) de tamanho excepcional.

Segundo os autores, nesta camada os esqueletos eram "(...) *frequentemente encontrados. Estavam completamente decompostos e formavam apenas um delgada massa friável de ossos.*" (Tiburtius & Bigarella, 1960, p.21).

A cerca de 25 metros da área analisada pelos pesquisadores, encontraram um sepultamento muito diferente dos até então observados no sítio: tratava-se de um enterramento cuidadosamente preparado, assim descrito pelos autores:

"Encontrava-se este achado na parte mais profunda da camada 6 [1]. O esqueleto de uma pessoa adulta, em decúbito lateral esquerdo, jazia em cima de um osso de baleia ligeiramente abaulado.

As pernas e braços estavam fortemente fletidos e a ossada dirigida em sentido oeste para leste com a face voltada para o sul. A maior parte dos ossos estava

completamente decomposta, o crânio, porém, por achar-se em posição ligeiramente mais elevada, encontrava-se em bom estado de conservação (...).

O osso de baleia sobre o qual se situava o esqueleto era uma peça ligeiramente abaulada (de 1450 mm de comprimento por 480 mm de largura e 80 mm de espessura) com vestígios de corante em ambas as extremidades. Jazia esta peça ligeiramente inclinada em direção aos pés do esqueleto, resultando assim encontrar-se o crânio em posição mais elevada. Sobre ela e nas imediações laterais ao esqueleto, não se encontraram vestígios de ofertas mortuárias. Estas ocorriam, entretanto, abaixo da peça em uma escavação retangular (cova) de 900 mm de comprimento por 300 mm de largura e 280 mm de profundidade que atravessava as camadas 5 a 2. [2 a 5].

A base desta cova estava forrada com 124 seixos rolados pequenos (até 5 cm de diâmetro máximo) em nenhum dos quais se encontravam vestígios de fogo ou de trabalho humano.

Sobre esta camada de seixos, quase no centro, encontrava-se um zoólito em forma de pássaro estilizado (...) ao lado do qual havia um pequeno amontoado de moluscos perfurados (*Olivella mutica patiolita*, Dall 1889), presumivelmente os restos de um adorno.

Ao lado oposto destes achados, encontram-se 236 grandes escamas (30 mm de diâmetro) de peixe, dispersas. O espaço vazio deixado na cova faz supor que nela ainda se encontravam outros objetos que não resistiram às intempéries." (Tiburtius & Bigarella, 1960, p. 22). (Ver figura 36).

Prous & Piazza (1977, p.86) descrevem um bastão que acompanhava este sepultamento. Segundo os autores, este achado aproximaria Cubatãozinho de outros sítios, como Conquista e Matinhos, mas que por outro lado, os zoólitos, nele encontrados, aproximariam-no mais da Barra Sul, pois possuem a mesma matéria prima e o mesmo cuidado na elaboração artística.

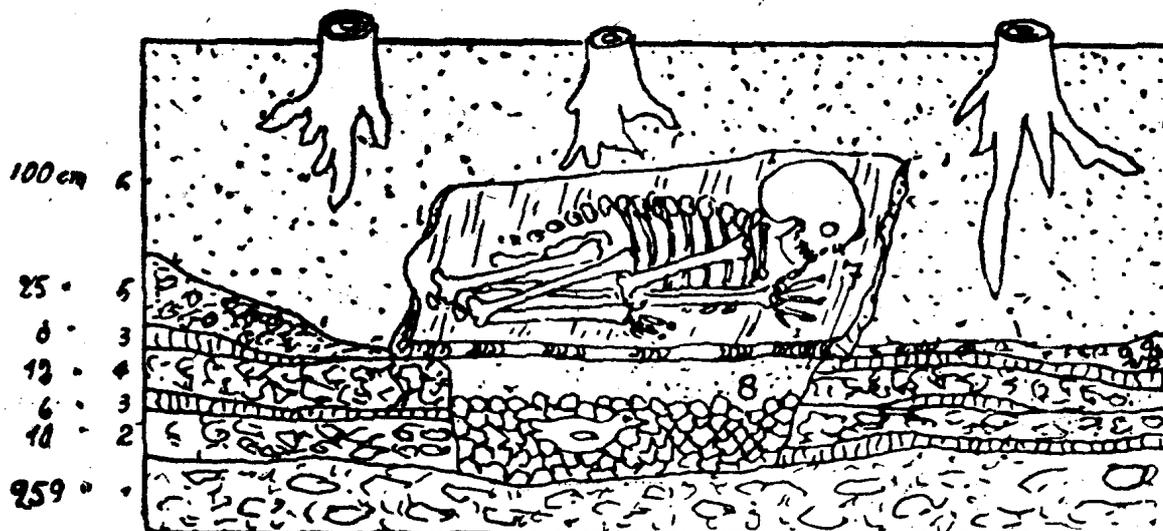


Figura 36 - Sepultamento encontrado no Sambaqui do Cubatãozinho.<sup>9</sup>

O sepultamento e os vestígios de cerâmica se encontram na parte superior do sítio, o que pode ser indicativo de que a última ocupação do sambaqui tenha se dado por uma tradição diferente da dos níveis anteriores. Isto explicaria o enterramento diferente dos encontrados na última camada, bem como a posição tão destacada do zoólito que o acompanha. Infelizmente, Tiburtius & Bigarella (1960) não indicam a disposição em que os demais achados, fora o sepultamento, foram encontrados, o que enriqueceria a análise do sítio, tendo em vista que não há registros de outros sambaquis da região com uma produção tão grande de zoólitos como a encontrada em Cubatãozinho.

O zoólito que se supõe associado ao sepultamento de um indivíduo da ocupação cerâmica, poderia não ter sido produzido no período em que o morto viveu, mas recolhido das camadas pré-cerâmicas do sambaqui.

---

<sup>9</sup> Fonte: Tiburtius & Bigarella, 1960, p.49.

### ***2.3 Sambaqui de Congonhas I (SC-LS-30)***

O Sambaqui de Congonhas I (SC-LS-30)<sup>10</sup> localizava-se no município de Tubarão, Santa Catarina, na zona do litoral de Laguna, próximo ao rio Congonhas. O sítio foi construído no sopé de um bloco cristalino, no limite entre este e a planície litorânea (Beck, 1972, p.81). Segundo Beck (1972), originalmente este sambaqui estaria situado à margem de uma antiga laguna, provavelmente de grande extensão, atualmente entulhada por sedimentos trazidos pelo rio Congonhas, que após meandrar pela planície deságua na Lagoa de Jaguaruna. Este processo de sedimentação, transformou a laguna em área alagadiça, com grande potencial em recursos naturais.

A região de Laguna é rica em lagos, enseadas e baías, formando um ambiente favorável para a ocupação humana, o que se observa através dos sambaquis, normalmente de grandes dimensões, que aí se encontram.

Este sambaqui foi analisado por Anamaria Beck, que efetuou duas sondagens no ano de 1962, a primeira delas sobre uma área de 16 m<sup>2</sup>, que atingiu 6,20 m de profundidade, e a segunda de 6,25 m<sup>2</sup>, chegando a 4,50 m de profundidade. As camadas foram removidas através de níveis artificiais de 15 cm. Os resultados obtidos através das sondagens, foram publicados pela autora em dois trabalhos (1968 e 1971), retomados e complementados em sua tese de doutorado (1972).

---

<sup>10</sup> Em alguns trabalhos encontramos SC-LL-30.

O sítio foi datado a partir de uma amostra retirada na fase final do seu processo de destruição, a cerca de 1 m acima da base, e indica que o início da ocupação se deu em  $3.270 \pm 200$  A.P. (Prous & Piazza, 1977, p.101).

Congonhas I é um sambaqui pré-cerâmico e como os demais desta região, apresenta grandes dimensões: 400 m de extensão, por 50 m de largura, e altura entre 8 e 10 m. Em 1970 estava praticamente destruído.

Com o propósito de disciplinar a exposição dos dados, a autora (Beck, 1968, p.40-41) estabeleceu quatro unidades estratigráficas básicas: a primeira delas, *Unidade Estratigráfica I*, surgiu 30 cm abaixo da superfície, tinha entre 1,40 m e 2,40 m de espessura, perturbada por profundas raízes. Alternavam-se camadas de *Anomalocardia brasiliana*, areia e húmus, com camadas de *Modiolus brasiliensis* e argila; argila e valvas de moluscos fragmentados, e bolsões de *Anomalocardia brasiliana*, cinza, lentes de carvão e bolsões de *Ostréa* sp. Devido à presença de argila as camadas eram compactas. Nesta unidade encontravam-se seis sepultamentos, instrumentos líticos, alguns ossos de peixe e aves.

A *Unidade Estratigráfica II*, dividia o sítio horizontalmente em duas partes. Sua espessura variou de 1,30 a 2,50 m. Era composta por uma camada de argila, húmus, carvão e moluscos, principalmente *Anomalocardia brasiliana*. Em algumas regiões apresentava níveis de carvão. Nesta camada encontrava-se a maioria dos sepultamentos.

Já a *Unidade Estratigráfica III*, era formada por pequenas camadas de coloração alternada (clara e escura), compostas respectivamente por *Anomalocardia brasiliana* e areia, e *Anomalocardia brasiliana*, areia, carvão e cinza. Os bolsões deste molusco e as lentes de

carvão são numerosos. Sua espessura variou entre 2 e 2,20 m. Foram encontrados poucos sepultamentos, artefatos de ossos e conchas, na forma de pontas e adornos, e material lítico menos elaborado do que os encontrados nas unidades superiores.

A *Unidade Estratigráfica IV*, repousa sobre a base do sítio. É composta por camadas alternadas de areia e moluscos, com várias lentes de carvão; valvas de moluscos inteiras; e a última com areia e poucas conchas. Nesta camada foi encontrado um sepultamento diferente dos demais, do qual trataremos mais adiante.

Os artefatos líticos encontrados no Sambaqui de Congonhas I foram numerosos, dividiam-se entre instrumentos polidos (lâminas de machado, facas e pesos-de-rede), lascados (lâminas de machado, lascas, raspadores e pesos-de-rede) e outros com evidência de uso mas não modificados (mãos-de-mó e batedores). Em outro trabalho a autora descreve um prato lítico totalmente polido (1971, p.77). Prous & Piazza (1977, p.101) também mencionam dois zoólitos encontrados no sítio e um a 200 m do local.

Segundo Beck (1972, p.89) todas as peças encontradas neste sítio, principalmente as polidas, mostram um cuidadoso trabalho de confecção e perfeito conhecimento da técnica utilizada.

Os artefatos e adornos em osso, dentes e conchas, são poucos mas muito bem elaborados. São eles: dois adornos (1 em osso e outro em dente), 1 ponta ovalada e 1 ponta triangulóide (ambas em osso), 18 pingentes feitos em concha. Todos os artefatos e adornos estavam associados a sepultamentos.

As estruturas mais relevantes do sítio são os vestígios de fogueira com restos de conchas calcinadas, na maioria sem estrutura lítica; as fossas culinárias; as lentes de corante junto aos sepultamentos, e os sepultamentos.

Na primeira sondagem foram encontrados 14 sepultamentos e na segunda 4, totalizando 22 indivíduos, dos quais 11 adultos e 11 crianças. Todos os sepultamentos são primários e grande parte deles está entre 2,50 e 3,50 m de profundidade, na *Unidade Estratigráfica II* (Ver tabela 2 em anexo 2). A maior parte dos indivíduos, 18 dos 22, foram depositados em posição estendida, predominantemente em decúbito dorsal, com vestígios de corante vermelho (Beck, 1972).

Ao contrário da maioria dos sepultamentos, que se caracterizam por extrema simplicidade, três deles chamam a atenção por sua elaboração e complexidade. Dois destes (S.1 e S.13) são duplos, compreendendo, cada um, uma mulher e uma criança com idade inferior a 12 meses. Os corpos destas, tanto das mulheres quanto das crianças, estavam estendidos em decúbito dorsal.

Segundo Beck (1972, p.99), nos dois casos, “*A criança se apoiava sobre o membro superior esquerdo da mulher, que a envolvia, como se estivesse segurando, apoiando os ossos da bacia (...).*” Ambos apresentavam os corpos cobertos com grande quantidade de corante vermelho, e um deles (S.1) tinha como acompanhamento funerário, pequenas conchas de gastrópodos perfuradas.

Outro sepultamento, ainda mais complexo é um enterramento triplo, de dois adultos de sexo indeterminado e de uma criança com cerca de 7 anos. Beck (1972, p.104) assim o

descreve<sup>11</sup>:

“(...) este (2 S.3) estava revestido de grande complexidade, cova de argila, bem elaborada, de forma ovalada e uma espessura de 25 cm [*disposta em três camadas de argila nas cores vermelha, verde e cinza, de cima para baixo*]; grande número de artefatos de pedra [*3 lâminas de machado, um raspador e algumas lascas*], osso [*duas pontas e 1 pingente*] e conchas [*18 plaquetas triangulares perfuradas e contas de colar*], estavam associados aos três esqueletos; a presença de corante vermelho, cuja quantidade foi de tal ordem que impregnou a argila da camada superior, os esqueletos e os artefatos associados; e, a disposição dos esqueletos em relação um ao outro; os dois esqueletos de adultos [*semi-fletidos, em decúbito lateral direito e outro em esquerdo*] ladeando o esqueleto da criança [*estendida em decúbito dorsal*].”

Segundo Beck (1972, p.104) estes elementos, cuidadosamente preparados e reunidos, poderiam indicar uma possível diferenciação social em relação aos demais.

Na base do sambaqui, Beck encontrou um sepultamento de adulto, com idade avançada, totalmente fletido, em decúbito lateral direito (2 S.4), sobre o qual ela comenta:

“(...) trata-se de um achado isolado, e que nos impede de estabelecer generalizações. Possivelmente, poderia tratar-se de um indivíduo morto durante a primeira ocupação do local, por grupos humanos. Sobre este sepultamento e, certamente, por muitos outros que nossas sondagens não localizaram, teria sido construído o Sambaqui de Congonhas I – SC-LS-30.” (Beck, 1972, p.104-105).

O conteúdo cultural do Sambaqui de Congonhas I se assemelha aos demais sítios da mesma região. Vale a pena destacar que, além da volumosa construção do próprio sambaqui e da presença de zoólitos, indicadores da especialização de seus habitantes, o sítio ainda apresenta um sepultamento com elaborada preparação da cova em argila colorida. Mesmo em

---

<sup>11</sup> Complementamos entre colchetes os dados obtidos em outro artigo da autora (Beck, 1968, p.47-48).

uma cultura ceramista, que não é o caso de Congonhas I, esta atividade acarretaria grande investimento de tempo, energia e conhecimento, contrapondo-se à aparente simplicidade dos demais sepultamentos. Isto poderia indicar hierarquia entre seus moradores.

#### ***2.4 Sambaqui da Carniça I (SC-LL-13)***

O Sambaqui da Carniça I, localizava-se no município de Laguna, Santa Catarina, sobre a planície sedimentar litorânea, no delta do Rio Tubarão. Em 1966, Wesley Hurt, auxiliado por Anamaria Beck, fez algumas sondagens no sítio, já em adiantado processo de destruição. Os dados da pesquisa foram parcialmente publicados por Hurt (1974) e mencionados em alguns trabalhos de Beck (1971 e 1972).

Trata-se de um Sambaqui pré-cerâmico de grandes dimensões, cuja estratigrafia era composta, predominantemente, por *Anomalocardia brasiliana* (Prous & Piazza, 1977, p.100).

Não temos o número preciso dos sepultamentos encontrados no sítio, nem sua forma de deposição. Apenas um sepultamento múltiplo, encontrado por Hurt em uma de suas sondagens, foi descrito, por ser uma estrutura muito diferente das demais. O autor a descreve da seguinte forma:

“No verdadeiro centro do Sambaqui, intrusiva na duna estéril subjacente, havia uma grande sepultura múltipla com uma guarnição no chão, na tampa e nos lados. Essa guarnição estava decorada, no exterior, com uma combinação livre de desenhos de linhas paralelas, em ocre vermelho.”<sup>12</sup> (Hurt, 1974, p.13).

---

<sup>12</sup> Na descrição original de Hurt, encontramos que a guarnição era no chão, na base e nos lados, o que não faz sentido. Esta estrutura encontrava-se exposta no Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa

Maria Dulce Gaspar observou o sarcófago exposto no Museu de Antropologia da UFSC, e descreveu-o como uma estrutura de argila pintada com listras nas cores preta e vermelha, formando um intricado e belo mosaico (Gaspar, 2000, p.71).

Em comunicação pessoal (dia 15/12/00), o Prof. Pedro Augusto Mentz Ribeiro lembra que no Museu os ossos estavam deitados em cima da superfície que tinha as pinturas.

Hurt, apresenta várias datas para este sítio, algumas obtidas através de amostras de carvão, e outras de amostras de conchas. Comparando as datas obtidas através das amostras de carvão, a mais antiga de  $3.370 \pm 100$  A.P. (A-919), e a mais recente de  $2.400 \pm 110$  A.P. (A-884), teríamos um período de ocupação de  $1.300 \pm 100$  anos. A mesma comparação feita através da análise das conchas, diminui essa margem para  $670 \pm 150$  anos. Ao analisar os dados, Hurt (1974) afirma que a datação feita sobre carvão seria mais confiável que a das conchas, porém, segundo ele, se compararmos as dimensões de Carniça I, três vezes mais alto que o Sambaqui de Macedo, no Paraná, que foi ocupado por 200 anos, teríamos novamente uma data próxima aos 600 anos de ocupação obtidos através da análise das conchas.

Anamaria Beck ao descrever a variação do padrão funerário dos sambaquis da região de Laguna, faz um breve e confuso comentário a respeito de sepultamentos múltiplos supostamente encontrados em Carniça I. Nas palavras da autora: “*Não é raro a presença de*

---

Catarina, e segundo informações, possuía uma belíssima tampa decorada. Assim, supomos que seja um erro de digitação, e ao invés de *base*, como diz o texto, o correto seria *case* (tampa). Para evitar dúvidas segue o trecho original: “*In the very center of the mound intruded into the underlying sterile dune was a large multiple grave with a clay lining on bottom, base, and sides. This lining was decorated on the exterior with a patchwork design of parallel lines of red ochre.*” (Hurt, 1974, p.13).

*mais de um indivíduo, em um mesmo sepultamento. Podem estar constituídos por dois adultos, por um adulto e uma criança, por dois adultos e uma criança e excepcionalmente, por cinco adultos e uma criança.*” (Beck, 1971, p.74). E complementa em nota de rodapé: *“Estes sepultamentos foram localizados nos sambaquis da Caiera e da Carniça I, IA e II (...).”*(Beck, 1971, p.74).

Carniça I foi um imenso sítio ocupado, no mínimo, por 600 anos. Assim como o de Congonhas I apresentava especialização na construção do sítio e na confecção de seus artefatos. Esta especialização também pode se manifestar no investimento de tempo, energia e conhecimento, necessários para a confecção de um sarcófago de argila decorado, para o enterramento de membros desta sociedade.

Segundo Gaspar (2000, p.71): *"Tal investimento na cerimônia funerária deve relacionar-se ao status pessoal e pode ter sido decorrência de habilidades, laços familiares ou poderes políticos."*

## ***2.5 Sítio Arqueológico da Armação do Sul***

O sítio arqueológico da Armação do Sul localizava-se no sul da Ilha de Santa Catarina, em balneário de mesmo nome. A região em que o sítio se encontra é intermediária às duas áreas de concentração dos grandes sambaquis catarinenses - a porção central do litoral de Santa Catarina. Foi escavado parcialmente, de forma sistemática, em duas etapas, pelo Pe. João Alfredo Rohr, S.J.. A primeira etapa foi realizada em 1969 e a segunda em 1974, totalizando 270 m<sup>2</sup> escavados, que atingiram 1 m de profundidade, através dos quais foram

recuperados 86 sepultamentos primários. O início de sua ocupação é colocado entre 2.760 e 2.580 A.P..

As informações obtidas através deste trabalho foram compiladas e concluídas por Schmitz et al. (1992), obra da qual nos utilizamos para o estudo deste sítio.

Segundo Schmitz et al. (1992, p.205), o sítio ocupava um lugar estratégico com vistas a obter os elementos necessários para a sobrevivência da população que o habitava, não só água e alimentos, mas também matérias primas, lenha e materiais de construção. A tecnologia desenvolvida para se apropriarem destes recursos não era muito elaborada, sendo que a maioria dos artefatos líticos recuperados no sítio, estão: “(...) *entre o estado natural da matéria prima e o resultado final que é o artefato, testemunhando os diversos estágios de transformação.*” (Schmitz et al., 1992, p.206). São eles: percutores, esmagadores, bigornas, polidores, lascas cortantes, raspadeiras, facas, machados e talhadores com lâmina polida, semi-polida ou lascada.

Os utilitários em osso estão representados, principalmente, pelas pontas de projétil. Os dentes e conchas raramente eram usados como ferramentas utilitárias, mas aparecem abundantemente como adornos.

Os perfis da escavação de 1969 apresentam sete estratos, cuja estruturação é de fundamental importância para a análise dos sepultamentos:

“1 – Camada de húmus e raízes; 2 – Camada de ocorrência de caliça, pedras e entulho da antiga estrutura da armação para caça de baleias; 3 – Camada de húmus e fragmentos de material sub-recente; 4 – Camada descrita como terra preta com areia, compacta, com conchas e grandes lentes de conchas, nas profundidades em

que não mais ocorrem pedras da estrutura da Armação; 5 – Camada composta por areias de cor marrom escura com terra; 6 – Camada composta por areias de cor marrom clara; 7 – Camada de areias de cor marrom clara, que formam a base do sítio.” (Schmitz et al., 1992, p.26).<sup>13</sup>

O material arqueológico achava-se, principalmente, nas camadas 4, 5, 6 e 7, sendo que o desta geralmente se constituía de sepultamentos e seus acompanhamentos.

Na primeira etapa da escavação (1969) foram encontrados 81 sepultamentos, e na segunda (1974) 5 sepultamentos, totalizando 86 indivíduos. A maioria deles, com exceção de 3 casos, encontrava-se em posição estendida, predominantemente em decúbito dorsal (62, 29%) (Schmitz et al., 1992, p.151). Os sepultamentos são individuais, apenas um deles apresenta um adulto e uma criança associados (Ver tabela 3 em anexo 3).

Nas descrições de 1969 vários esqueletos são apresentados como incompletos. Segundo os autores (1992, p.151), isto se deu pelo fato de que muitos deles não puderam ser escavados integralmente porque se encontravam parcialmente por baixo dos muros que cercavam a área de trabalho, ou por baixo da casa do proprietário do terreno. “*Outros foram perturbados pelos pilares da antiga armação das Baleias, alguns por sepultamentos posteriores ou pelas árvores que cobriam o sítio. Os sepultamentos da escavação de 1974 se apresentavam em condições piores que os de 1969.*” (Schmitz et al., 1992, p.151).

---

<sup>13</sup> Os perfis da escavação de 1974 são semelhantes aos de 1969, mas nestes a camada 4, de terra preta, era menos espessa.

Os sepultamentos apresentam um padrão funerário bem definido: os corpos eram depositados em covas rasas, estendidos, em decúbito dorsal (62, 29%) ou ventral (34, 1%). Apenas uma criança e três adultos foram enterrados com as pernas fletidas ou semi-fletidas.

“Os braços estão estendidos ao longo do corpo e as mãos colocadas sobre ou sob a bacia, ou no lado dos fêmures correspondentes; só está indicado um caso de braços dobrados sobre o peito e as mãos junto da mandíbula, mas este é um caso especial (o de n.º 31). Os pés geralmente estão um ao lado do outro, raramente um pé (ou uma perna), em cima do outro.” (Schmitz et al., 1992, p.151).

Através da análise dos sepultamentos mais completos e criteriosamente descritos, Schmitz (Schmitz et al., 1992) constatou dois momentos diferentes no sepultamento dos mortos: um novo, no qual a deposição foi feita na camada de terra preta, e um mais antigo e numeroso com a deposição nas camadas de areia subjacentes. “*Os ditos antigos encontram-se em toda a extensão da escavação, ao passo que os ditos novos se concentram no canto direito inferior da planta.*” (Schmitz et al., 1992, p.151).

Os sepultamentos considerados antigos, se encontram nas camadas 5, 6 e 7, subjacentes à camada de terra preta, com exceção de 5 casos (8, 34/34A, 63 e 73) que adentram a camada 4, onde se encontram os sepultamentos novos. Muitos sepultamentos apresentavam-se sobrepostos a outros, ou perturbados por deposições posteriores, indicando não serem totalmente contemporâneos (Schmitz et al., 1992, p.152).

Os vestígios indicam que os corpos eram envoltos em pigmentos vermelhos, que em alguns casos chegaram a colorir as areias adjacentes e subjacentes, deixando a cova mais evidenciada.

“Em 10 casos se indica a forração da cova anteriormente à deposição do corpo com elementos líticos variados; em 4 casos o corpo está coberto com eles; em 10 casos

não se especifica se o material se encontra acima ou abaixo do corpo.” (Schmitz et al., 1992, p.152).

Segundo os autores, o acompanhamento corporal encontrado junto a estes sepultamentos, é mais diversificado do que o dos considerados novos. Ele aparece associado a crianças, jovens e adultos sendo que o mais comum são as contas de colar feitas de conchas e/ou conchas perfuradas, que se encontravam sobre o tórax, na proximidade do pescoço, ou em um caso circundando os ossos do indivíduo.

As vértebras de peixe perfuradas estavam associadas a um adulto e a uma criança. Já os artefatos fusiformes apareceram em 5 sepultamentos, dos quais 3 jovens, 1 adulto e 1 criança. Assim como as contas de colar, eles estavam depositados sobre o peito ou perto do pescoço. Sobre o tórax podem aparecer ainda, fragmentos de corante. Lâminas de machado polidas e parcialmente polidas também apareceram diretamente associadas a sepultamentos, bem como 3 ossos de baleia trabalhados, dos quais ao menos dois são descritos como faca, que acompanhavam o sepultamento de n.º 36 (Schmitz et al., 1992).

“Como se vê, os adornos predominam absolutamente entre as crianças e os jovens; os adultos vêm mais freqüentemente acompanhados de instrumentos de trabalho.” (Schmitz et al., 1992, p.153).

Os sepultamentos considerados novos, 19 indivíduos, encontravam-se na camada 4, composta por terra preta. Assim como os descritos anteriormente, entre eles existem sobreposições, mas ao contrário dos ditos antigos, estes não vêm acompanhados de pigmentos vermelhos, e o material associado, também é diferente daqueles. Segundo os autores (1992, p.151):

“(...) 4 deles tinham uma ou mais pontas de projétil em osso na altura do tórax, um deles um artefato fusiforme, nenhum deles, nem mesmo as crianças, um colar. Em suas covas aparece variedade de material lítico, conchas, restos de alimentos, ossos de baleia: o material em 7 casos aparece como forração da cova antes da deposição do corpo, em 3 casos cobrindo o corpo e em 5 casos sem especificar a posição (...).”

Ao analisarem os elementos recuperados nas sepulturas, de todo o conjunto, os autores destacam a forração das covas antes da deposição dos mortos, que segundo eles, é rica e variada, opondo-se à cobertura ou recheio dos sepultamentos.

“Nesta forração mais freqüentemente aparecem fragmentos de rocha, seixos, lâminas polidas, fragmentos de artefatos e ossos de baleia; com menos freqüência, moluscos, cristais de quartzo, material corante, percutores, artefatos fusiformes, lascas e pontas de osso.” (Schmitz et al., 1992, p.152-153).

Quando não era uma forração completa, fazia-se um suporte para a cabeça. Com base nestes dados, afirmam: *“Pela abundância do material e a repetição nas sepulturas vê-se claramente que se trata de uma atividade intencional e que os elementos usados foram juntados na superfície do sítio; não se pode excluir que alguma vez se trata dos materiais da própria camada arqueológica.”* (Schmitz et al., 1992, p.153).

Na composição do recheio da cova, depois da deposição, apareceram ossos de baleia e raramente fragmentos de rocha, fragmentos de artefatos, seixos, percutores, material corante, lascas, conchas e ossos de peixe. Segundo os autores (1992, p.153), esses elementos, com exceção dos ossos de baleia, até poderiam ser originários do solo no qual o buraco foi cavado e ao qual são devolvidos.

A partir destas descrições, é possível perceber que há diferenças bem marcadas na estruturação da sepultura e no acompanhamento corporal.

“Como estruturação diferente de sepultura podemos colocar a de n.º 31. O tórax estava coberto por um grande bloco de rocha que mantinha os braços dobrados; o corpo inteiro estava protegido por um osso de mandíbula de baleia. O acompanhamento corporal é desconhecido porque o esqueleto foi cimentado em campo sem ter sido completamente exposto.” (Schmitz et al., 1992, p.153).

Dentre os sepultamentos em que foram registrados acompanhamentos corporais, encontrou-se um caso diferente. Trata-se de um indivíduo de sexo masculino (n.º 29), que teve depositadas consigo, 50 pontas de projétil em osso, 2 artefatos fusiformes junto com 2 pequenas lâminas polidas e um artefato de ametista, junto da cabeça, e na proximidade do pé uma lâmina polida de machado (Schmitz et al., 1992, p.153). A estruturação da sua sepultura também demonstrou maior cuidado. “*Os elementos que acompanham o corpo certamente são os objetos pessoais e estes devem oferecer bastante variação numa sociedade de coletores-caçadores.*” (Schmitz et al., 1992, p.153). Seria apenas isto?

Segundo os autores (1992, p.154-155), há vários indicadores de que os corpos não teriam sido sepultados diretamente no chão, mas envoltos em esteiras, redes e outros materiais perecíveis. Estes envoltórios mantinham os membros e adereços em posição.

“Os elementos que sugerem que o morto estava envolvido são os seguintes: aproximadamente uma terça parte dos mortos estão depositados em decúbito ventral, portanto com o rosto para baixo, o que seria pouco admissível se os enterradores vissem a posição em que deixavam o falecido; os outros elementos estão de tal maneira padronizados que seria difícil admitir uma discrepância dessas. Mesmo quando em decúbito ventral as mãos permanecem na posição original sobre os ilíacos, mas debaixo do corpo. Os adereços permanecem em posição sobre o peito. Os braços do 29, apesar de ao menos o esquerdo não estar debaixo do bloco que os segura, permanecem dobrados. Em diversos casos um pé ou uma perna fica em cima da outra, o que não acontece nenhuma vez no caso de estarem em decúbito dorsal. O próprio fato de que haja poucas perturbações de sepultamentos por deposições posteriores pode servir para reforçar a idéia; ao abrir uma cova, primeiro se batia no envoltório e se tomava consciência do morto e só depois se atingiria o corpo.” (Schmitz et al., 1992, p.155).

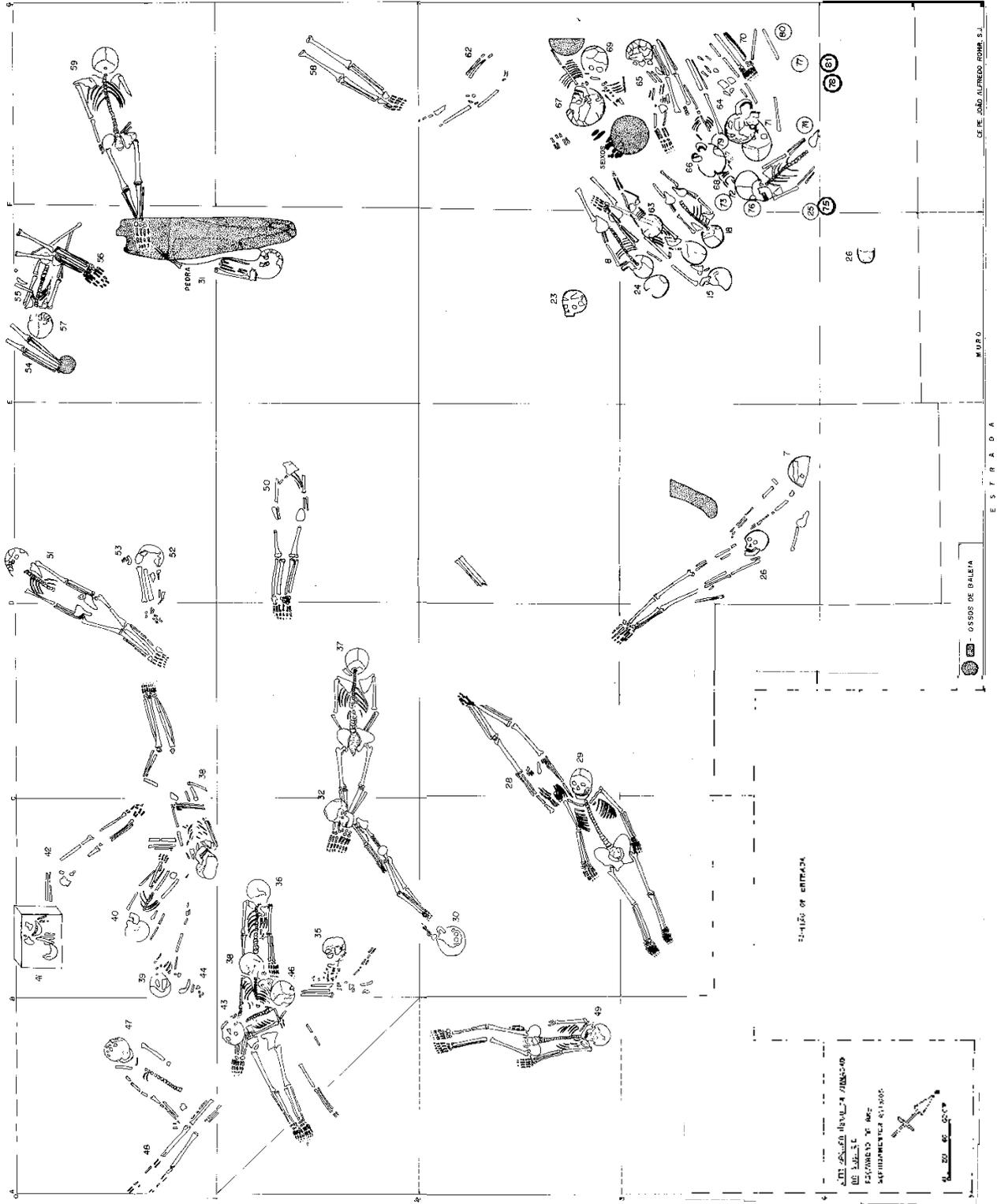


Figura 37: Sepultamentos do Sítio Arqueológico de Armazém do Sul. Fonte: Schmitz et al., 1992, p.156.

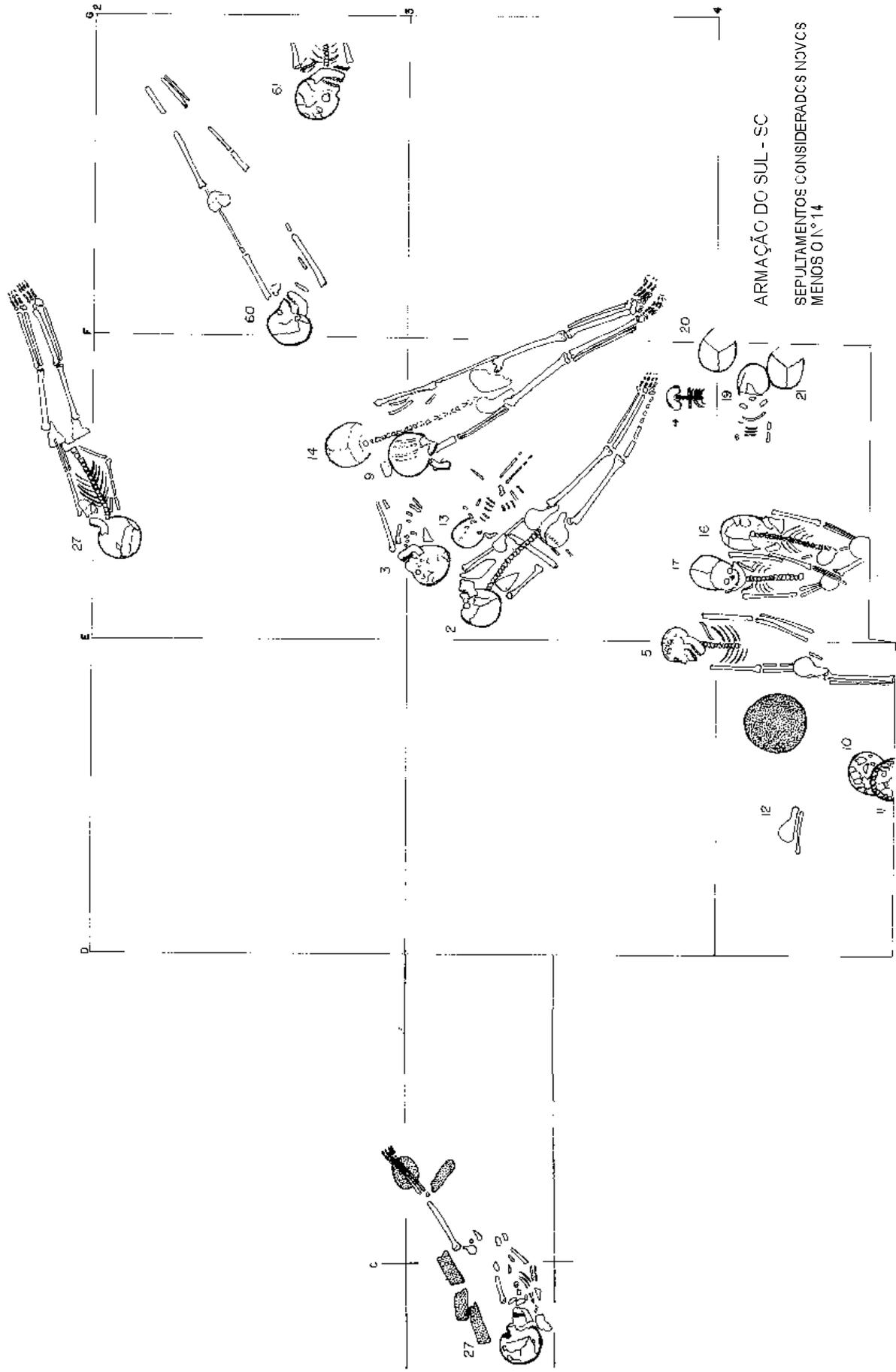


Figura 38: Sepultamentos do Sítio Arqueológico de Armção do Sul. Fonte: Schmitz et al., 1992, p. 157.

Schmitz (Schmitz et al., 1992, p.208) ao analisar, de forma mais ampla, o assentamento da Armação do Sul, faz uma retomada geral dos dados que possibilita visualizar muito bem como os sepultamentos eram realizados. Segundo este:

“Os sepultamentos se fizeram densamente nos espaços que circundam o lugar das estruturas de combustão. As covas rasas deveriam ser abertas nas choupanas ou ao lado delas; não se vêem muitos agrupamentos que poderiam ser chamados de ‘cemitérios domiciliares’, como acontece em sítios litorâneos da tradição Itararé em Santa Catarina, mas os sepultamentos eram preferencialmente individuais e dispostos sem ordem aparente. Muitas covas, antes da deposição do morto, eram forradas com pedras ou estruturadas de outra forma. Os mortos, deitados estendidos, com as pernas paralelas, tinham os braços ao longo do corpo e as mãos muitas vezes sobre a bacia. Levavam seus adornos e bens pessoais; há fortes indicadores de que estavam circundados por esteiras, redes e outros envoltórios. Os adornos eram constituídos predominantemente de colares feitos de pequenos gastrópodes perfurados ou de rodela de bivalves; ou adornos peitorais, feitos com artefatos fusiformes, ossos de costela, discos intervertebrais, vértebras de peixe ou dentes perfurados.” (Schmitz et al., 1992, p.208).

Os autores, ao analisarem as duas séries de sepultamentos, afirmam que a mais antiga recebeu um tratamento mais cuidadoso do que a nova, pois seus acompanhamentos são mais variados, há menos lixo em suas covas, e a maioria dos mortos estavam envoltos em pigmentos vermelhos. Já na série recente, os mortos não eram mais envoltos em pigmentos vermelhos, quase não possuíam adereços, suas covas continham muito lixo e as pontas de projétil em osso, em cima ou dentro do tórax são bastante frequentes. *“As flechas que então acompanham os mortos, e a pobreza geral das sepulturas, podem indicar que o conflito aumentou ao longo do litoral por movimentação dos grupos e pressão populacional.”* (Schmitz et al., 1992, p.208-209).

A diferença do acompanhamento pessoal entre os sepultamentos da série antiga é comum em uma sociedade caçadora-coletora. Ela reflete diferenças de idade, sexo e desempenho pessoal entre os membros do grupo. *“Assim era esperado que as crianças e*

*jovens viessem acompanhados de seus ornamentos, os adultos de seus instrumentos de trabalho, e que alguns tivessem uma sepultura mais estruturada que outros.”* (Schmitz et al., 1992, p.209).

A sobreposição dos sepultamentos no mesmo lugar, as estruturas de combustão crescendo através do tempo e o espaço entre as choupanas sendo mantido, “(...) *sugerem que o assentamento permaneceu no mesmo lugar por gerações sucessivas da mesma etnia.*” (Schmitz et al., 1992, p.209).

Os autores fecham o texto com a seguinte análise:

“Pelos sepultamentos regulares do primeiro período tem-se a impressão de que este seria um período de paz. A multiplicação dos projéteis no fim do período (...), e o seu aparecimento sobre o tórax de vários mortos do segundo período, nos faz pensar em agitação e intranqüilidade, que teria resultado no abandono do sítio.” (Schmitz et al., 1992, p.209).

Não havia destaque aparente para nenhum dos indivíduos que apresentavam acompanhamento funerário. Dentre estes encontra-se o de n.º 29, um adulto masculino, acompanhado por mais de 50 pontas de flecha, que poderia indicar privilégio pessoal em relação aos demais.

## ***2.6 Sítio Arqueológico de Laranjeiras I***

O sítio arqueológico de Laranjeiras I localizava-se na praia das Laranjeiras, município de Camboriú, Santa Catarina. Estava implantado na borda da praia, a aproximadamente 30 m do mar, no primeiro suave aclave não mais atingido pelas marés (Schmitz & Bitencourt, 1996). A 200 m dele, encontrava-se um córrego permanente, que o abastecia de água potável.

No outro extremo deste, havia um sítio cerâmico de tradição Itararé, do qual trataremos em outro momento. Assim como Armação do Sul, este sítio encontra-se em região onde não existem grandes sambaquis.

Em março de 1978, Pe. João Alfredo Rohr, S.J. realizou as primeiras sondagens no sítio, objetivando determinar sua extensão e potência, para em outubro de 1979 efetuar a escavação, que atingiu 262 m<sup>2</sup>. O sítio media cerca de 60 m x 50 m, chegando à profundidade máxima de 1m. Através de sua escavação, foram recuperados 52 sepultamentos primários.

Laranjeiras I é um sítio pré-cerâmico, considerado antigo para o litoral regional (3.815 ± 145 anos A.P. - I - 10.893)<sup>14</sup>. O material e toda a documentação referente ao sítio, foram retomados e analisados pela equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas, e publicados por Pedro Ignácio Schmitz e Ana Luiza Viatti Bitencourt (1996), obra da qual nos utilizamos para o estudo deste assentamento.

Segundo os autores (1996, p.14):

"O sítio assenta sobre terraço marinho de areia clara. As camadas que são portadoras de material arqueológico se constituem, de cima para baixo, de um estrato humoso ou mais arenoso, recente, de um estrato humoso com conchas de moluscos inteiras ou moídas, correspondente ao depósito principal do sítio, e de um estrato de areia escura, no qual se encontrava a maior parte dos esqueletos humanos."

Dos 52 sepultamentos encontrados, 10 foram cimentados para serem expostos em

---

<sup>14</sup> Data obtida de amostra retirada na camada escura abaixo da camada de conchas. (Schmitz & Bitencourt, 1996, p.15).

diversos museus. Após a escavação o terreno foi nivelado e serve como estacionamento para automóveis de veranistas.

O ambiente em que estava inserido proporcionava a seus habitantes os recursos alimentares e matéria prima necessários a sua sobrevivência. Ao redor do sítio há uma cadeia de morros e encostas da Serra do Mar, de onde obtinham matéria prima para a produção de instrumentos e suporte para o seu acabamento. As enseadas, constituídas pela formação acima descrita. Com suas praias arenosas, "(...) *defendidas por esporões rochosos, as defendem dos ventos mais intensos. Os córregos que drenam os morros fornecem água potável.*" (Schmitz & Bitencourt, 1996, p.15). Através dos córregos, também podiam obter seixos rolados para a confecção de seus artefatos.

Segundo os autores, os recursos alimentares mais densos e permanentemente renovados,

"(...) são facilmente encontrados no mar, com seus moluscos, crustáceos, equinodermas, répteis, peixes, aves e mamíferos. A floresta atlântica dos morros circundantes e a de restinga das superfícies arenosas, na qual o sítio se acha instalado, além de abrigar alimentos, oferecem material de construção, combustível e matéria-prima variada. Como o sítio é posterior à transgressão do *ótimo climático* acreditamos que o ambiente geral não seria essencialmente diferente do que hoje existe e o nível do mar semelhante ao atual." (Schmitz & Bitencourt, 1996, p.15).

O material lítico era abundante. Em cada quadrícula eram encontrados de 50 a 450 seixos. Foram recolhidos apenas os artefatos reconhecíveis, mas não os seixos quebrados e fragmentos naturais ou rachados pelo fogo. A amostra analisada se compõe de 1.201 peças, dentre elas:

"(...) os ligados à produção ou transformação de materiais e alimentos: machadinhas, machados, outros artefatos com gumes e seus fragmentos, destinados a cortar, desbastar, partir, retalhar, lascas formam 22, 5%; pequenos blocos ou seixos com entalhes laterais ou terminais, em posição simétrica, normalmente conhecidos como *pesos-de-rede* e que se destinariam a lastrar (eventualmente como percutores encabados) formam 17%; esmagadores encabados somam 3,7%; alisadores 4,5%." (Schmitz & Bitencourt, 1996, p.74).

Os artefatos ligados à ornamentação pessoal são muito menos numerosos, e concentravam-se, principalmente, em um pequeno espaço na borda oeste da área dos sepultamentos. São eles: artefatos fusiformes (1,7%) e placas perfuradas (0,75%). Foram encontrados poucos artefatos em osso e concha. Restringem-se a: 7 dentes de tubarão, dos quais 4 com perfuração central na base; 1 dente de porco-do-mato; 21 pontas; 12 ossos cortados, alisados ou modificados de outra maneira; e 3 conchas perfuradas (Schmitz & Bitencourt, 1996, p.43).

Os vestígios alimentares, mostram que a base protéica era obtida de forma abundante nas águas do mar. Poderia ser obtida através do consumo de: moluscos, peixes e alguns mamíferos marinhos.

"A preparação do alimento para o consumo deixou poucas marcas: fogueiras diretas sobre a areia ou com pequeno lastro de seixos. Não se mencionam fornos subterrâneos, tão comuns em sítios mais recentes, nem panelas. Diante disso podemos conjecturar que os alimentos (moluscos, peixes e mamíferos) teriam sido preparados diretamente sobre o fogo, assando-os." (Schmitz & Bitencourt, 1996, p.73).

A camada arqueológica do sítio era de pequena espessura, mas apresentava um elevado número de sepultamentos [52], indicando que o mesmo não era um acampamento ocasional.

Os sepultamentos não se encontravam distribuídos aleatoriamente pela área escavada,

eles ocupavam um espaço onde estavam aglomerados, sendo que poucos encontravam-se isolados, fora deste. Nestes espaços, onde se encontravam aglomerados, os sepultamentos estavam, muitas vezes, sobrepostos ou justapostos, o que freqüentemente acarretou na perturbação dos enterramentos anteriores. Muitos esqueletos encontravam-se incompletos, justamente devido a esta sobreposição. A maior parte dos sepultamentos encontrava-se na camada de areia escura abaixo da camada de conchas, não chegando a adentrar na areia estéril que subjaz a esta. "*Alguns estão sepultados mais superficialmente, na camada de conchas e húmus.*" (Schmitz & Bitencourt, 1996, p.56).

As covas não eram muito profundas. A ausência de forração, ou cobertura especial da mesma, indica que os corpos eram depositados nestas, e cobertos com sedimentos retirados e outros da mesma qualidade (Schmitz & Bitencourt, 1996). A perturbação dos esqueletos, é um indicativo de que as sepulturas não eram demarcadas, pois ao serem depositados os novos sepultamentos, os antigos eram atingidos.

Segundo os autores (1996, p.56), com exceção de um caso (S.47), os sepultamentos, independentemente da faixa etária e do sexo, eram enterramentos primários. (Ver tabela 4 em anexo 4). A maioria foi enterrada em posição estendida, em decúbito ventral; mas também aparecem alguns indivíduos semi-fletidos, e um caso (n.º 26) em que o corpo foi fletido. Neste caso, o indivíduo, "*(...) está claramente deslocado do conjunto dos sepultamentos, encontrando-se na proximidade do bloco de rocha do sudoeste.*" (Schmitz & Bitencourt, 1996, p.56).

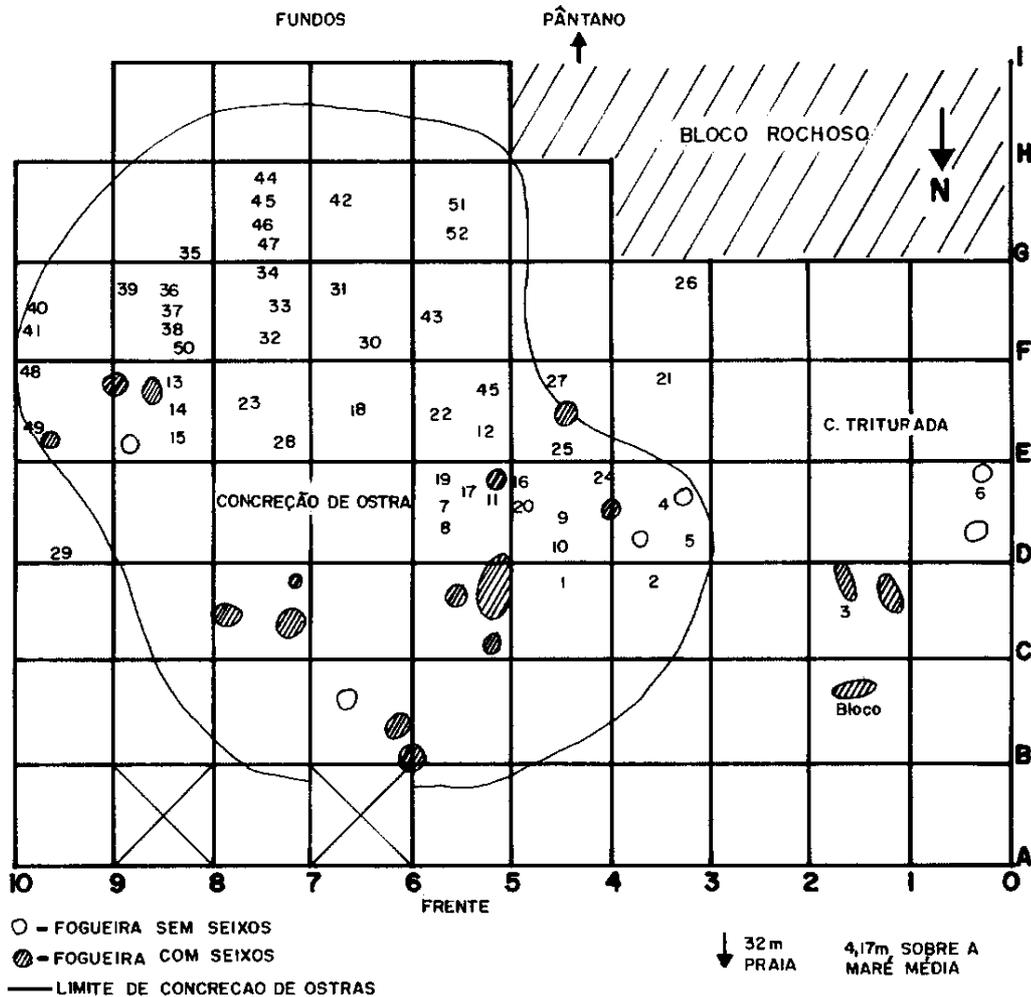


Figura 39 – Distribuição dos sepultamentos e das fogueiras com e sem seixos; limite da concreção de ostras. Fonte: Schmitz & Bitencourt, 1996, p.63.

Dos 52 sepultamentos, 32 eram adultos, 6 jovens e 14 crianças. São poucas as indicações de sexo (Schmitz & Bitencourt, 1996).

Ao analisarem o conjunto dos sepultamentos, Schmitz & Bitencourt (1996) observam que a orientação geral dos corpos (cabeça), na maioria dos casos, está voltada para a terra, ficando os pés em direção ao mar (Ver figura 40). Poucos são aqueles que foram sepultados com a cabeça em direção à praia ou paralela a esta, em direção oeste.

A maior parte dos sepultamentos, não apresentou acompanhamentos funerários.

"Quando aparece, o mais comum é o envolvimento dos ossos em ocre vermelho (...)."

(Schmitz & Bitencourt, 1996, p.57). Este tratamento foi registrado em 14 sepultamentos, sendo a maioria jovens e crianças.

"Seixos de ocre ao redor da cabeça foram registrados para um adulto feminino (5); um adulto masculino (37) associado a crianças foi registrado como se também tivesse ocre, mas isto pode ser extensão do ocre das crianças; também um adulto sem determinação de sexo (29) estava envolto em pigmento vermelho. Outros acompanhamentos registrados são raros: um jovem envolto em ocre vem acompanhado ainda de vértebras de peixe e seixos (21), uma criança com ocre também traz dente de tubarão furado (36); outra criança (19), além de ocre, traz dois dentes de cação; um adulto (29), com um pouco de ocre, vem acompanhado de três plaquetas líticas polidas perfuradas; um outro adulto, feminino (33) vem coberto por uma entrevértebra de baleia, que pode fazer parte do recheio de sepultura. Um adulto sem determinação de sexo tem o esqueleto acompanhado de uma ponta óssea." (Schmitz & Bitencourt, 1996, p.57).

Os sepultamentos estão agrupados em espaços organizados, em que podem aparecer crianças enterradas juntas; crianças enterradas junto com um adulto; enterramentos sobrepostos, ou paralelos. *"Essa organização sugere que estes conjuntos podem ser pequenos cemitérios familiares independentes, resultantes de habitações também independentes, justapostos ou sobrepostos através do tempo e não um cemitério estruturado de uma aldeia orgânica permanente, nem enterros distribuídos ao acaso pelo espaço."* (Schmitz & Bitencourt, 1996, p.57).

Segundo os autores (1996, p.75), se o número de mortos de cada um dos pequenos cemitérios corresponde a uma choupana, poderia se supor que esta é pequena e unifamiliar.

A partir dos dados e reflexões, os autores reconstituíram o assentamento apresentando o seguinte quadro:

"Na beira da praia, bem próximo da água, mas em nível onde nem a maré alta chegaria, temos um pequeno grupo de choupanas construídas com material vegetal (troncos, ramos e folhas); dentro ou junto das choupanas são depositados os mortos do grupo, reunidos por choupana; na frente dessas choupanas, e parcialmente talvez dentro delas, se levantam fogões com base de seixos, ou se fazem fogueiras simplesmente sobre o chão. Estas fogueiras devem ter servido para a preparação de alimentos e para iluminar e aquecer o ambiente noturno. Na área das fogueiras e nos arredores das choupanas, em direção ao mar, a céu aberto, se realizaria a maior parte das atividades de produção e transformação de artefatos. O espaço atrás das choupanas, em direção ao mato, é pouco usado para estas finalidades (moer, polir, alisar, quebrar), mas para outras (cortar, igualar) e devia ter uma certa privacidade ligada às necessidades fisiológicas." (Schmitz & Bitencourt, 1996, p.61).

O ambiente marinho fornecia a maior parte das proteínas, e o córrego permanente, a água potável, bem como material lítico para a confecção de seus artefatos. A caça e a coleta podiam ser praticadas ao redor do sítio, onde se localizava a floresta de restinga ou nos morros em torno da pequena enseada, onde se encontrava a mata atlântica.

Através da descrição dos enterramentos encontrados neste sítio, percebe-se que seu padrão funerário é uniforme, não havendo tratamento diferenciado, significativo, entre seus membros.

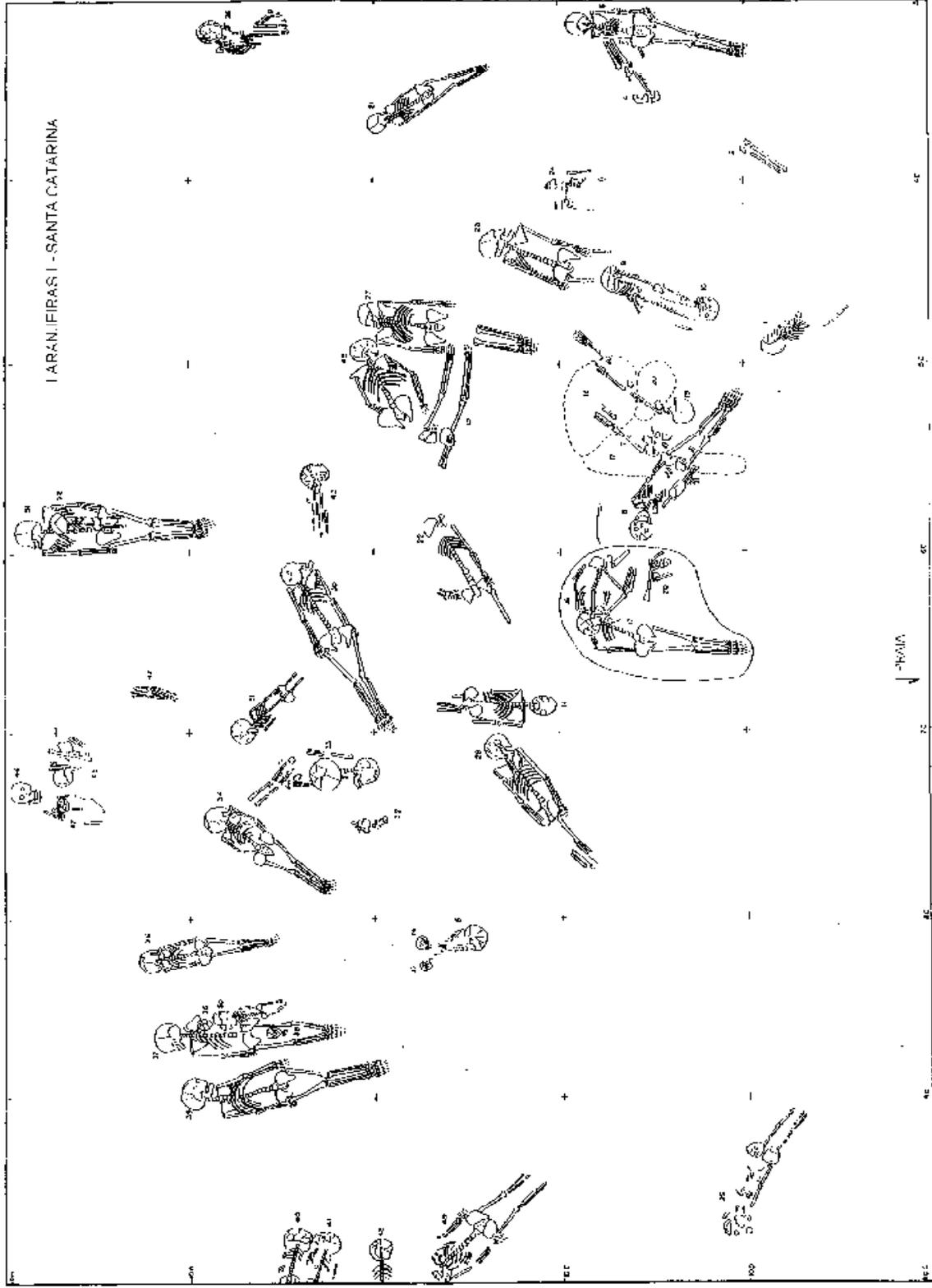


Figura 40: Sepultamentos do Sítio Arqueológico de Larajjeiras I. Fonte: Schmitz & Bitencourt, 1996, p. 58.

## ***2.7 Sítio Arqueológico de Laranjeiras II***

O sítio arqueológico de Laranjeiras II localizava-se na extremidade leste de uma pequena baía da Praia das Laranjeiras, município de Camboriú, SC., a cerca de 250 m de distância do sítio de Laranjeiras I, descrito anteriormente. Trata-se de um sítio cerâmico, de tradição Itararé, para o qual não se tem datas precisas. *"Como existem vários outros sítios parecidos no litoral central e setentrional de Santa Catarina, dos quais alguns têm datas, podemos colocar o sítio ceramista da praia das Laranjeiras, provisoriamente, na faixa que estas ocupam, isto é, entre 800 e 1.350 de nossa era."* (Schmitz et al., 1993, p.169).

As escavações, feitas pelo Pe. João Alfredo Rohr, S.J., entre os anos de 1977 e 1978, atingiram 500 m<sup>2</sup> da área original do sítio, estimada em 1.000 m<sup>2</sup>. Nesta, foram encontrados 114 sepultamentos humanos. A outra parte foi destruída pela proprietário do terreno.

O material e as informações levantadas, foram retomados e concluídos pela equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas, e resultaram na publicação de Schmitz et al. (1993), que utilizamos no presente estudo.

O ambiente em que se encontra o sítio, já descrito em outro momento, é rico e variado, tanto em recursos alimentares, quanto em matéria prima. A alimentação podia ser facilmente encontrada no mar: moluscos, crustáceos, equinodermas, répteis, peixes, aves e mamíferos; e complementada com os recursos da floresta atlântica, dos morros circundantes, e da mata de restinga, das superfícies arenosas (Schmitz & Bitencourt, 1996, p.15). Além da alimentação, estes dois ambientes também oferecem material de construção, combustível e matéria prima

variada.

A composição das camadas arqueológicas, reflete a adequação dos habitantes do sítio com o meio em que viviam. Segundo os autores (Schmitz et al., 1993, p.30):

“A camada arqueológica propriamente dita é formada por húmus escuro de mistura com areia, conchas esparsas, ossos de peixes, aves, mamíferos terrestres e marinhos, cascos de tartaruga, cascos e espinhos de ouriços do mar, pinças de crustáceos, cerâmica de tradição Itararé, artefatos líticos, ósseos e conchíferos, esqueletos humanos e estruturas sob a forma de fogões armados com pedras, fornos subterrâneos com paredes de argila queimada, e aprofundamentos cheios de lixo.”

O material lítico era abundante em todo o sítio, tanto que os autores afirmam: “(...) o chão da aldeia estava literalmente juncado de seixos e lascas de basaltóides.” (Schmitz et al., 1993, p.43). Nas áreas de lixo, existiam milhares de pequenas lascas, refugo da produção de artefatos. Os materiais com marcas visíveis de transformação e formatação, foram recolhidos, totalizando 2.308 peças, dentre elas: percutores, bigornas, polidores, facas, raspadores, machados e pesos-de-rede (Schmitz et al., 1993).

A cerâmica encontrada no sítio é tipicamente Itararé: pequenos vasilhames utilitários, negros, pardos, avermelhados, formando pratos, tigelas e pequenas panelas, que segundo os autores (1993, p.65) muitas vezes continham crostas de restos de alimentos no interior.

Segundo Schmitz et al. (1993, p.65), o material que foi recuperado na escavação, 5.551 cacos, é muito abundante para sítios desta tradição, além disso era formado por fragmentos grandes e bem conservados, facilitando a análise. Apenas quatro vasilhames foram recuperados inteiros.

A indústria sobre osso, dente e concha é relativamente abundante e diversificada. “*Em osso, os artefatos são pontas de projétil, ossos apontados, agulhas, anzóis, espátulas, dentes furados e modificados. Há muito poucas conchas perfuradas, nenhuma com outras modificações.*” (Schmitz et al., 1993, p.97).

A partir dos dados obtidos através da escavação do sítio e do estudo de seus remanescentes, os autores recompuseram a organização do assentamento, destacando as áreas de construção, as estruturas de combustão, os locais destinados à eliminação do lixo e à deposição dos mortos (Ver figura 41).

As estruturas de combustão foram divididas em fogões e fornos subterrâneos. Os fogões, com média de 30 a 40 cm de diâmetro, não tinham vestígio de lixo sobre, ou ao redor da estrutura, o que “*(...) sugere que eles eram limpos, com certa regularidade, removendo o lixo maior.*” (Schmitz et al., 1993, p.103). Segundo os autores:

“Estes fogões eram numerosos e estavam agrupados em áreas fora dos espaços construídos e áreas de sepultamentos e deveriam constituir espaços de cocção, de calefação e iluminação. Curiosamente, há pouca cerâmica e poucos restos faunísticos neste espaço, quando comparado com o espaço da deposição do lixo ofensivo na proximidade da praia e dos acúmulos de restos em certos pontos da área construída.” (Schmitz et al., 1993, p.103).

Os fornos subterrâneos ocupam espaços bem definidos junto com os fogões, separados das estruturas habitacionais. Foram descritos por Rohr como: “*(...) núcleos de 20 a 40 cm de diâmetro (profundidade não descrita), compostos de barro vermelho ou amarelo, com cinzas, carvão, conchas trituradas, ossos moídos de peixes e de animais de caça, mas sem refugos artesanais.*” (Schmitz et al., 1993, p.103). Segundo Rohr, estes fornos seriam utilizados para preparação de alimentos.

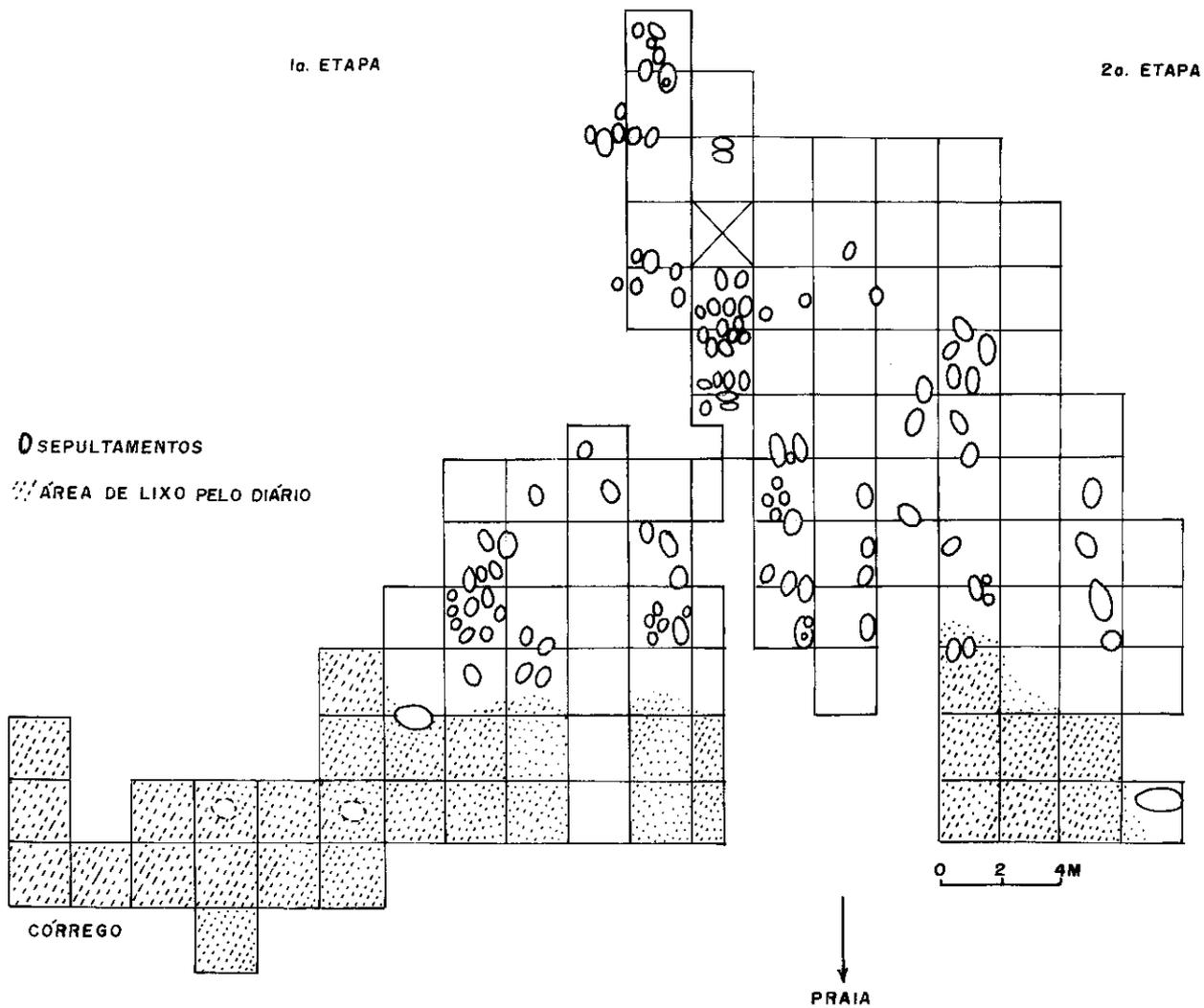


Figura 41: Planta do sítio arqueológico de Laranjeiras II com a disposição dos sepultamentos e do lugar do lixo ofensivo. Fonte: Schmitz et al., 1993, p.36.

“Seriam, neste caso, estruturas menos duradouras que os fogões com armações de pedra. O processo de cozimento também seria diferente: nos fogões se prepararia o alimento sobre o fogo, a céu aberto, ou em vasilhames cerâmicos, ao passo que nos fornos subterrâneos se prepararia o alimento enterrado e coberto, entre camadas de brasas.” (Schmitz et al., 1993, p.104).

A eliminação do lixo, em Laranjeiras II, se configurou de duas formas: o enterramento em aprofundamentos na areia e o descarte fora da aldeia, nas proximidades do mar. Nos dois casos, assim como no das estruturas de combustão, a área de depósito do lixo encontra-se fora dos espaços construídos.

Os aprofundamentos cheios de lixo, são descritos como: “ (...) *depressões irregulares dentro da areia subjacente, preenchidas por sedimentos muito escuros, contendo carvão vegetal, ossos de peixes, de aves e de mamíferos, bem como cascas e espinhos de ouriços do mar, mais lascas e seixos, isto é, todo tipo de refugo, inclusive artesanal.*” (Schmitz et al., 1993, p.103).

Já o lixo mais agressivo, como: ostras, restos de ouriços do mar, pinças de crustáceos, ossos de baleia e pequenos refugos da fabricação de artefatos líticos, eram depositados na proximidade do mar, na borda da aldeia.

“(...) neste lixo existem também restos artesanais (lítico e cerâmica) e outros restos faunísticos menos ofensivos, como ossos de peixes e mamíferos. Ossos de baleia encontram-se também em outros espaços externos à aldeia, especialmente perto da área dos fogões, (...) eles são quase inexistentes na área construída e no espaço da combustão. A maior parte dos restos artesanais e os restos faunísticos menos ofensivos (como ossos de peixes, de mamíferos aves e moluscos menores) acham-se concentrados em certas partes das áreas construídas, ou dispersas em pequenas quantidades no espaço dos fogões e das áreas construídas, aqui muitas vezes nos buracos de lixo.” (Schmitz et al., 1993, p.104-105).

De todas as estruturas da antiga aldeia, as mais evidentes são os sepultamentos e os

conjuntos que eles formam, definindo espaços, que os autores atribuem às habitações.

Na parte escavada, cerca de 500 m<sup>2</sup>, foram recuperados 114 sepultamentos primários, predominantemente fletidos, o que, segundo os autores (1993, p.165), faz supor que na aldeia inteira teriam morrido ao menos 200 indivíduos, de ambos os sexos, distribuídos entre crianças, jovens, adultos, maduros e senis (Ver tabela 5 em anexo 5).

Os espaços onde se encontravam os sepultamentos, contrapõe-se ao das estruturas de combustão e de descarte de lixo. Segundo Schmitz et al. (1993, p.149), percebe-se uma clara alternância do conjunto fogões, fornos subterrâneos e buracos de lixo, com o conjunto dos sepultamentos, não apenas no espaço amplo, mas também no detalhe. Já os restos de alimentos e o refugo artesanal, coincidem com as áreas de maior adensamento dos esqueletos, confirmando a hipótese de que seriam sepultados junto às habitações.

Observando a distribuição dos sepultamentos na área escavada, percebem-se ao menos oito conjuntos bem definidos, que costumam conter crianças, indivíduos jovens e adultos, fletidos ou semi-fletidos, predominantemente em decúbito lateral (direito ou esquerdo).

O conjunto 1, composto por 30 sepultamentos, é o que melhor exemplifica o padrão de sepultamentos desta aldeia. Ele forma um retângulo grosseiro, no qual os sepultamentos se encontram ao longo das bordas, deixando livre o espaço interno e externo (Schmitz et al., 1993, p.136). Em direção à praia existe uma interrupção de uns 3 m, que seria uma entrada, e os mortos enterrados nos cantos desta.

“Os sepultamentos se fizeram alinhados e nestes alinhamentos eles se sobrepõem e os posteriores podem ter perturbado os sepultamentos anteriores. Os alinhamentos,

aproximadamente retilíneos, foram lateralmente limitados pelo que supomos sejam as paredes das casas. Os alinhamentos medem de 6 a 8 metros e devem indicar o tamanho das paredes que os limitam.” (Schmitz et al., 1993, p.139).

Existem ainda alguns sepultamentos isolados, dentre os quais um chama atenção. Trata-se de um indivíduo masculino maduro (107), fletido; enterrado mais próximo da praia, perto do lixo, e que tinha o corpo defendido do mar por um grande pedaço de mandíbula de baleia (Schmitz et al., 1993, p.138).

Analisando a faixa etária dos indivíduos encontrados no sítio, constatou-se que 32, 5% morreram imaturos (crianças e jovens) e 67, 5% eram adultos (Schmitz et al., 1993, p.140). Destes, cujo sexo foi determinado, 57, 8% são do sexo masculino e 42, 2% do sexo feminino.

O acompanhamento funerário é pouco expressivo. Das 36 crianças e jovens, apenas 7 possuíam objetos associados, que com exceção de um caso, eram adornos. Estes adornos compreendem: dentes de mamíferos, de felídeo e de seláquio perfurados; e pequenos gastródopos também perfurados. A exceção foi uma pequena tigela inteira emborcada em cima do crânio (Schmitz et al., 1993, p.140).

Dos 78 adultos, 16 vem acompanhados. Nestes, os acompanhamentos são muito mais diversificados do que entre as crianças. “(...) *em geral podem trazer enfeites, instrumentos de trabalho, recipientes cerâmicos, ossos e seixos. Nada específico que nos ajude a fazer diferenciações.*” (Schmitz et al., 1993, p.141).

Não existe vestígio de forração de cova antes da deposição dos corpos, nem mesmo de um preenchimento ou cobertura especial desta. Segundo os autores (1993, p.141) este tipo de

tratamento seria desnecessário tendo em vista que a deposição era feita dentro de casa.

As covas, onde os corpos eram depositados, eram de pequena profundidade, "(...) *não ultrapassando, geralmente, a camada de lixo já acumulado, ou no limite entre este e a areia estéril subjacente. Raramente na areia estéril, quando são cobertos com o lixo acumulado. Não se percebe clara diferença cronológica entre os que se encontram em covas no lixo e os que estão imediatamente por baixo.*" (Schmitz et al., 1993, p.141).

Os autores afirmam que a posição fletida dos corpos, bem como certos detalhes na posição e altura dos membros, sugerem que os mortos eram sepultados envolvidos por esteiras, redes ou algum outro tipo de envoltório, evitando o contato direto com a terra (Schmitz et al., 1993, p.141).

Baseando-nos no panorama do assentamento feito pelos autores (1993, p.165-171), através dos dados obtidos, e levando em consideração nosso interesse no padrão de assentamento, montamos o seguinte quadro: a aldeia ocupava uma área estratégica, que proporcionava a seus habitantes todos os recursos necessários a sua manutenção e desenvolvimento. Estes recursos eram estáveis e abundantes; provinham, basicamente, do córrego, do mar, da praia, do mangue, da mata atlântica e da mata de restinga. Eram obtidos a pouca distância do sítio, e não exigiam um instrumental muito especializado para sua captação.

O espaço ocupado pela aldeia, originalmente de 1.000 m<sup>2</sup>, era dividido em áreas de construção, de combustão e de descarte de lixo. Os sepultamentos se encontravam junto às áreas de construção, mais precisamente, depositados ao longo das paredes internas das choupanas. "*Se os mortos estão depositos, internamente, ao longo das paredes das casas,*

*temos condições de recompor o espaço habitado. Várias moradias aparecem, então, no terreno mais próximo do córrego." (Schmitz et al., 1993, p.167).*

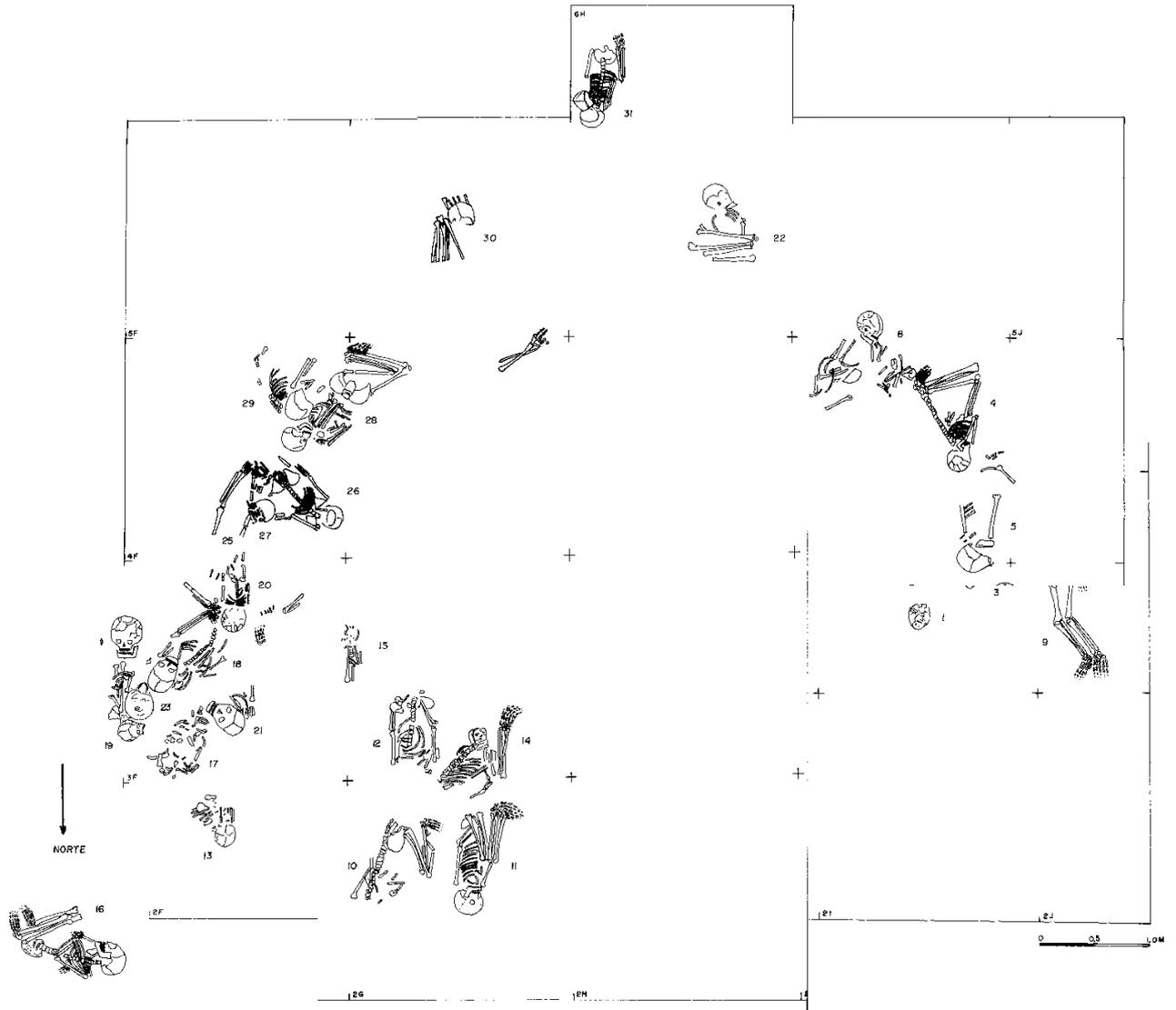
Como o material de construção era perecível, provavelmente troncos e palha, não sobraram vestígios das choupanas, além dos sepultamentos, do lixo e dos locais de fogo, que indicam sua forma, tamanho e, até certo ponto, sua organização.

A deposição dos mortos ao longo das paredes da casa, evitando a porta de entrada, deixaria o centro das habitações livre para o trânsito e ocupação de seus habitantes, sem que os falecidos deixassem de fazer parte do cotidiano da casa.

O grande número de mortos dentro das habitações, depositados uns sobre os outros, e a permanência das estruturas de fogo, demonstram que a aldeia era estável, formada por vários conjuntos familiares, de várias gerações.

Apenas um indivíduo maduro, enterrado mais próximo da praia, recebeu tratamento diferenciado dos demais. Foi depositado fletido, defendido do mar por um grande pedaço de mandíbula de baleia.

O sítio de Laranjeiras II, da tradição ceramista Itararé, é uma aldeia estável, periférica a seu núcleo central hierarquizado, localizado na região do Planalto. O indivíduo sepultado de forma diferente dos demais, poderia indicar algum resquício desta hierarquização incipiente, mesmo em área periférica.



LARANJEIRASII-SC  
Conjunto1

Figura42:Sepultamentos do SítioArqueológicodeLaranjeirasII. Fonte: Schmitzetal.,1993, p.143.

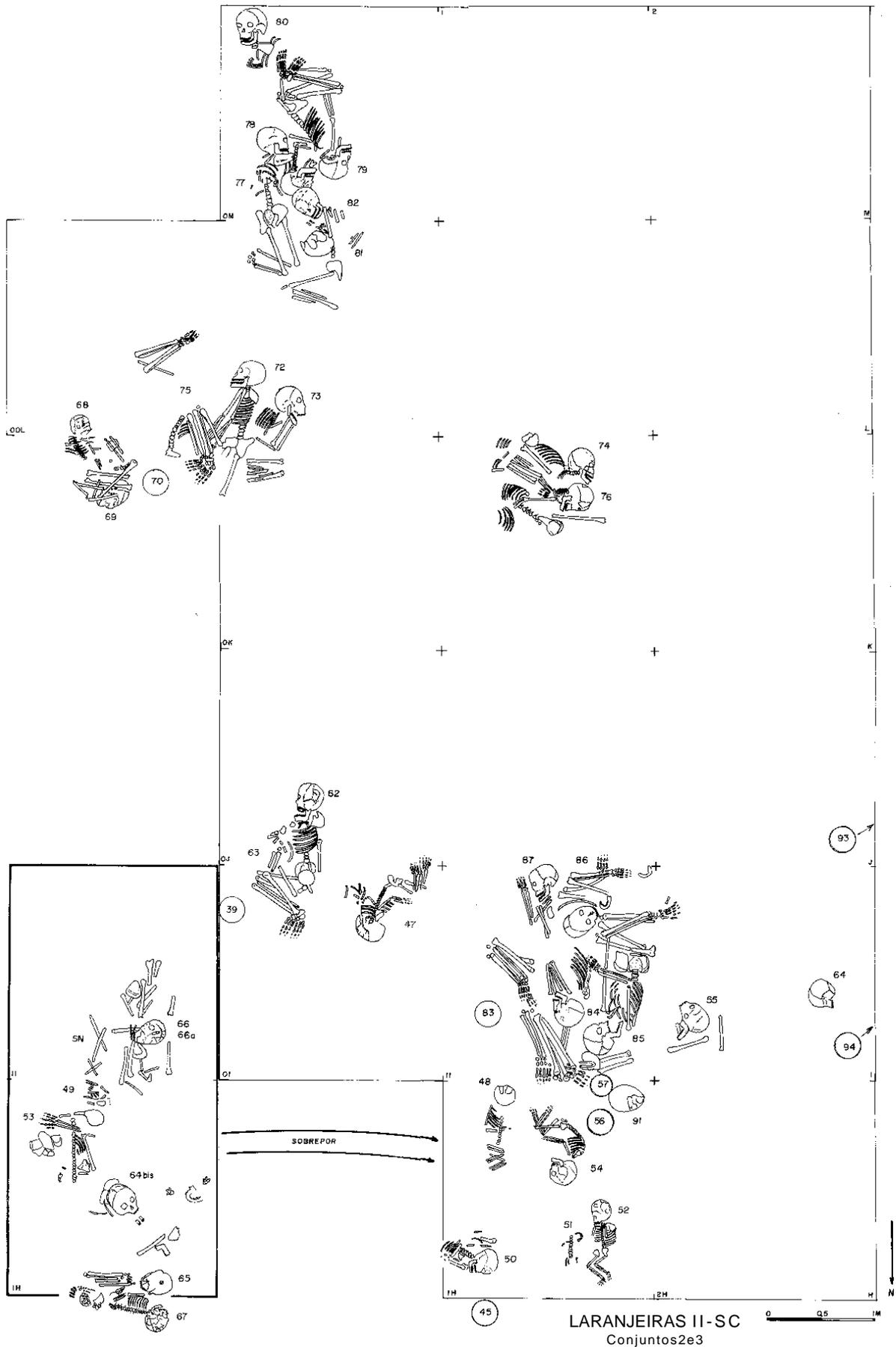
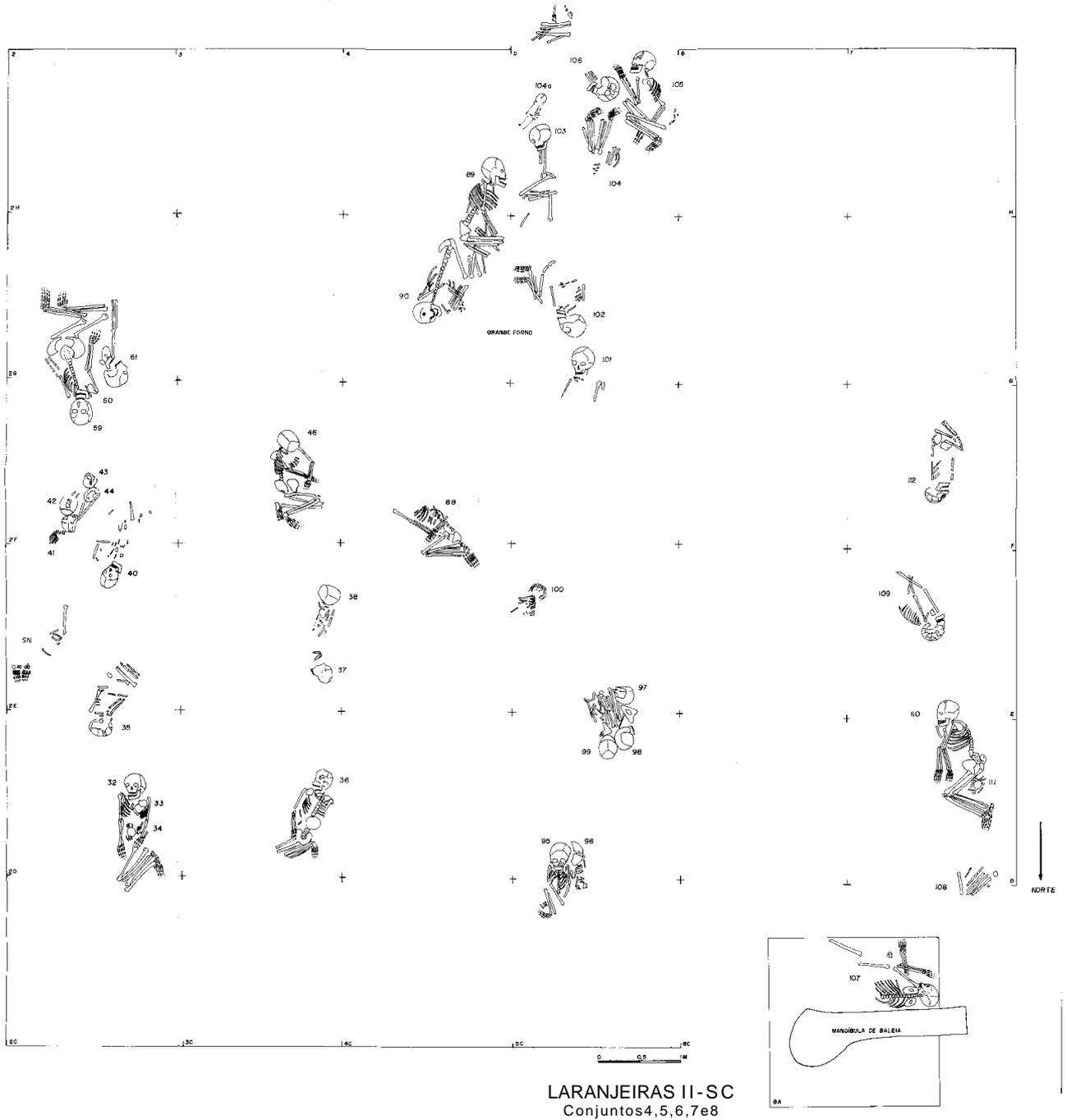


Figura 43: Sepultamentos do Sítio Arqueológico de Laranjeiras II. Fonte: Schmitz et al., 1993, p. 145.



LARANJEIRAS II-SC  
Conjuntos 4, 5, 6, 7 e 8

Figura 44: Sepultamentos do Sítio Arqueológico de Laranjeiras II. Fonte: Schmitz et al., 1993, p. 147.

## ***2.8 Sítio Arqueológico da Praia da Tapera***

O sítio arqueológico da Praia da Tapera, localizava-se em enseada de águas calmas, no balneário de Tapera, na Baía Sul da Ilha de Santa Catarina, SC. Foi escavado pelo Pe. João Alfredo Rohr, S.J. entre os anos de 1962 e 1966. O material arqueológico recuperado está depositado no Museu do Homem do Sambaqui, Florianópolis, e a documentação levantada pelo pesquisador encontra-se no Instituto Anchietano de Pesquisas, onde foi retomada e concluída, sendo publicada por Silva et al., 1990.

É um sítio cerâmico de tradição Itararé, superficialmente Tupiguarani. As datas de C<sup>14</sup> são de  $1.140 \pm 180$  (SI -245), 1.030 (SI - 246) e 785 A.P., para os estratos Itararé e 550 anos A.P. (SI - 144) para o Tupiguarani.

O assentamento encontrava-se a poucos metros da orla do mar, em área quase plana e bem drenada. A noroeste, faz divisa com um pequeno arroio (Rio da Êra), que poderia ter sido fonte de abastecimento de água potável para as populações que ali se estabeleceram. Atrás do sítio, a apenas 1 km, localiza-se um grande manguezal, que se estende por cerca de 4 km Ilha adentro, "(...) *atingindo as desembocaduras dos rios Tavares e dos Defuntos, ambos aproximadamente a seis quilômetros do Sítio.*" (Silva et al., 1990, p.18).

A proximidade com o mar facilitaria a obtenção de seus abundantes recursos, como: peixes, moluscos, crustáceos, quelônios e mamíferos, que segundo os autores (1990, p.18) ainda hoje abastecem a população local. Cerca de 2 km ao sul do sítio, ocorre um extensa região de baixios, com grande oferta de moluscos.

"Para a caça, seriam importantes especialmente a densa Mata atlântica, que ocorria nos terrenos elevados que cercam o local por três lados e os campos de planícies próximas, cobertas por vegetação mais baixa. Essas áreas também se prestariam para a realização de cultivos." (Silva et al., 1990, p.19).

A matéria prima para a confecção de artefatos líticos, bem como da cerâmica, era facilmente obtida nas regiões circunvizinhas a Tapera. Ao analisarem a disponibilidade dos recursos, os autores afirmam:

"(...) eram excelentes as condições para o assentamento de grupos ceramistas, uma vez que à existência de áreas cultiváveis aliava-se uma série de outros elementos que poderiam contribuir para o abastecimento da aldeia, como a presença de mangues, baixios, matas e campos de planície e as águas tranqüilas da Baía Sul. Ademais, na perspectiva da disponibilidade de matéria-prima para a indústria lítica, o Sítio também apresentava boas condições. Todos eles estavam disponíveis sem necessidade de ficar ausente da aldeia por mais de algumas horas." (Silva et al., 1990, p.19).

A variedade e abundância dos recursos, tanto em relação à alimentação quanto a disponibilidade de matéria prima, aliadas a favorável localização da enseada, voltada para o continente e não para o mar bravio, que a deixava protegida dos ventos frios, contribuíram para a escolha da área pelas populações das duas tradições culturais que ali se estabeleceram (Silva et al., 1990). Segundo os autores:

"As populações que ocuparam o sítio não nasceram aí. Estão ligadas a tradições culturais, que, saídas do interior, invadiram o litoral e chegaram até a Ilha. Na Ilha, encontraram, outras pessoas e um ambiente muito diferente daquele ao qual estavam acostumadas. Das populações que ocuparam o sítio, alguma pode ser descendente de velhos troncos locais, mas outras vieram de fora." (Silva et al., 1990, p.19-20).

Trataremos agora, da escavação do sítio e de seus resultados. No período em que foi estudado, o sítio já estava parcialmente ocupado por um campo de futebol, uma casa e barracos para barcos de pesca. Cerca de 40 m<sup>2</sup> do sítio já haviam sido destruídos pela retirada

de areia subjacente para construção. Atualmente se encontra totalmente coberto por casas de veraneio.

Em área intacta, foram escavados mais de 2000 m<sup>2</sup>, utilizando-se níveis artificiais de 20 cm, onde dificilmente se ultrapassou 1 m de profundidade. Foram recuperados 172 sepultamentos primários, muitas evidências de estacas nos níveis de areias claras da base do sítio, imensa quantidade de restos de alimentos, inúmeros artefatos líticos, variada indústria óssea e milhares de fragmentos cerâmicos das tradições Itararé e Tupiguarani, além de restos de ocupações brancas mais recentes (Silva et al., 1990, p.50).

A estratigrafia nas áreas com nível de conchas era composta por três segmentos sobrepostos:

- "a) o estrato superior, de areia grossa e húmus recobrindo as conchas, com uma espessura de 5 a 25 cm. Contém poucos artefatos, em parte indígenas, em parte atuais; nela aparece predominantemente a cerâmica Tupiguarani.
- b) o estrato intermédio, de conchas, principalmente de ostras, mas também gastrópodos terrestres, misturados com ossos inteiros e moídos de peixes, mamíferos e aves, numa matriz de sedimentos escuros mais finos com elevado teor de carvão granulado ou reduzido a pó. Contém a maior parte da cerâmica, especialmente a Itararé e dos artefatos líticos do Sítio; mede 5 a 25 cm de espessura;
- c) o estrato inferior, por baixo das conchas, medindo de 10 a 100 cm, de sedimentos escuros, com muita areia, conchas trituradas e algumas inteiras isoladas, é muito mais pobre em cerâmica e artefatos líticos, mas os ossos trabalhados são ainda abundantes. Nele está a maior parte dos sepultamentos. Nele também estão os fogões constituídos por seixos e as fossas repletas de conchas, ossadas de peixes, aves, pequenos mamíferos e não raro de seixos submetidos ao fogo, além de carvão. Em sua base, sobre a areia clara da antiga praia, percebem-se incontáveis marcas de estacas das sucessivas habitações." (Silva et al., 1990, p.49-50).

O material cerâmico encontrado em Tapera, corresponde a duas tradições distintas; dos 24.122 fragmentos recolhidos, 4.631 eram da tradição Itararé e 19.491 da subtradição

Corrugada da tradição Tupiguarani (Silva et al., 1990). Além destes, foi constatada a presença de cerâmica neo-brasileira entre o material recolhido.

A cerâmica Itararé estava extremamente fragmentada, o que, segundo os autores, poderia estar indicando uma ocupação intensa do sítio da Praia da Tapera. O estudo desta, demonstrou que era uma cerâmica tipicamente utilitária, ou seja, para preparar e servir alimentos (Silva et al., 1990, p.57).

A cerâmica de tradição Tupiguarani também encontrava-se muito fragmentada. A determinação exata de seu uso é mais difícil, "(...) *sendo provável que, além dos utilitários, aspectos cerimoniais estejam presentes, especialmente nas vasilhas pintadas.*" (Silva et al., 1990, p.68).

O material lítico, da mesma forma que nos sítios de Laranjeiras I e II, não foi totalmente recolhido. A amostra analisada, 4.271 peças, corresponde a que foi levada ao museu pelo Pe. João Alfredo Rohr, S.J.. A indústria lítica da Praia da Tapera é abundante e diversificada, está representada pelos seguintes artefatos:

"(...) lâminas de machado parcialmente lascadas, parcialmente polidas e com dispositivo de encabamento; artefatos fusiformes; prismas naturais de basalto, parcialmente lascados ou polidos; alisadores em canaleta; alisadores; seixos com dispositivo de encabamento; seixos retalhados uni e bipolarmente; quartzos retalhados bipolarmente; seixos; percutores/bigorna." (Silva et al., 1990, p.87).

Assim como os artefatos líticos, a indústria sobre osso, dente e concha do sítio da Tapera é diversificada e abundante. "*Segundo Rohr (...) teriam sido coletadas 3.502 peças entre inteiras, quebradas e fragmentadas, que sofreram alguma alteração intencional pelo*

*homem para a sua confecção.*" (Silva et al., 1990, p.112).

Os artefatos mais característicos e abundantes, feitos em osso, são as pontas de projétil. Os materiais mais utilizados para sua confecção foram: ossos longos de aves ou mamíferos, ou acúleos e esporões de peixes (Silva et al., 1990, p.112). Ocorrem ainda, ossos serrados, batidos, perfurados, polidos, etc., com variedade de formas e de possível utilização.

Já, os artefatos confeccionados em dentes de mamíferos e peixes, correspondem principalmente a adornos, sendo que alguns destes também poderiam ter sido engastados em cabos e formar instrumentos compostos (Silva et al., 1990, p.115).

As peças confeccionadas a partir de conchas, foram usadas para fins de ornamentação, e a maior parte delas acompanhava os sepultamentos.

No sítio da Praia da Tapera, foram recuperados 172 esqueletos humanos, concentrados num espaço de aproximadamente 608m<sup>2</sup>, no ângulo formado pela praia e o Rio da Êra. (Silva et al., 1990, p.142).

"A deposição do corpo, via de regra, foi realizada em covas, que em apenas 13% dos casos chegam a uma profundidade superior a 60 cm, sempre medida a partir da superfície (23 casos em 172). Devido à pequena espessura da camada arqueológica, muitos sepultamentos atingiram a base arenosa na qual o Sítio está assentado ou ficaram na divisa da terra preta com a areia pura da praia. Nos 148 casos onde há registro sobre a estratigrafia referente ao sepultamento, 100 deles estão localizados em cova feita na areia subjacente e 15 no limite com a camada arqueológica propriamente dita, seja no nível das conchas seja no nível da terra preta." (Silva et al., 1990, p.142).

O tamanho das covas geralmente, era correspondente ao do corpo depositado. Segundo os autores (1990, p.143), a maioria dos sepultamentos, em que foi possível observar

o tipo de disposição do esqueleto (135 dos 172), estava em deposição primária, estendidos. Dos demais, 17 estavam semi-fletidos (11, 85%), a maior parte crianças; e 6 (5 adultos e 1 criança) estavam totalmente fletidos (4, 44%) (Ver tabela 6 em anexo 6).

"O fato de a maior parte dos chamados semifletidos serem crianças indica o pouco valor classificatório desta categoria: as crianças não teriam sido acomodadas para o sepultamento como os adultos, mas depositadas numa disposição livre, talvez aquela em que tivessem morrido. Um caso é atípico. Trata-se do sepultamento n.º 28, que é caso de doença rara de deformação óssea pajetiforme (PEREIRA et alii, 1984). Estava deitado de costas, com a cabeça atirada para trás e o mento verticalmente para cima. Tinha um braço levantado e um joelho dobrado, com o pé sob a tíbia da outra perna. Nos demais sepultamentos, não foi possível observar o tipo de disposição do corpo, pois estavam muito perturbados, com os ossos em desalinho, às vezes faltando partes do esqueleto." (Silva et al., 1990, p.143).

Dos seis sepultamentos fletidos, cinco estão em área onde não existe a camada de conchas. Os autores (1990, p.143) chamam a atenção, para três destes sepultamentos (n.ºs 117, 119 e 160), que têm pedras como material associado, seja assinalando a sepultura, ou segurando o corpo na posição. Eles estão concentrados em uma porção bem particular do sítio, próxima ao mar<sup>15</sup>.

Ainda com relação à posição dos esqueletos, na cova, constatou-se que 56 (42, 42% dos 132 casos em que foi possível observar) estavam em decúbito ventral; 49 em decúbito lateral direito ou esquerdo (37, 12%) e 26 esqueletos (19, 69%) em decúbito dorsal (Silva et al., 1990, p.144).

Segundo os autores (1990, p.144):

"Os sepultamentos realizados em segmentos de círculo, muitas vezes em decúbito lateral e a face voltada na direção do que poderia ser o centro do círculo, dão a forte impressão de que a referência era a parede interna da moradia. Para muitos outros sepultamentos a referência parece ter sido um espaço igualmente delimitado, provavelmente fora das habitações, como se fossem cemitérios domiciliares."

A estimativa de idade dos indivíduos sepultados no sítio da Praia da Tapera, foi feita por três pesquisadores: Pe. João Alfredo Rohr, Walter Neves e Pereira. As informações foram agrupadas pelos autores da seguinte forma: dos 172 sepultamentos 6 correspondiam a crianças sem referência precisa da idade; 27 a crianças com menos de 1 ano; 11 a crianças entre 1 e 2 anos; 15 a crianças entre 3 e 5 anos; 10 a crianças entre 6 e 10 anos; 5 a jovens entre 10 e 16 anos; 79 eram adultos e 19 adultos maduros (Silva et al., 1990, p.145).

As referências em relação ao sexo dos sepultamentos são poucas e imprecisas, portanto não nos deteremos nelas.

Dos 172 sepultamentos encontrados 52 tinham algum tipo de acompanhamento funerário, representados por: artefatos líticos (lâminas de machados, quebra-coquinhos, artefatos fusiformes, lascas e seixos ou blocos de rocha); material ósseo (pontas de vários tipos, ossos animais ou humanos, crânios e outros ossos humanos<sup>16</sup>, e por vértebras de peixe); conchíferos (rodela ou quadrados perfurados de conchas); e dentes perfurados que eram utilizados para confecção de colares, cintos ou pingentes (Silva et al., 1990, p.145).

Comparando os acompanhamentos funerários com as informações referentes às

---

<sup>15</sup> Com exceção do sepultamento 160, que: "(...) é particular ainda por outra razão: ao contrário dos outros indivíduos que apresentam pouquíssimas cáries, este tem os dentes muito cariados." (Silva et al., 1990, p.143).

diferentes classes de idade, os autores apresentam o seguinte panorama<sup>17</sup>:

"Colar e cinto são muito comuns em crianças, menos freqüentes em mulheres; aparecem em um sepultamento apontado como masculino.

Tapetes de conchas são exclusivos das crianças; pedras exclusivas dos adultos. Elas serviriam para manter a posição do corpo e, nas crianças, seriam desnecessárias.

Pontas de osso, dentes de cação perfurados e vértebras de peixe são comuns.

Lâminas de machado aparecem só com adultos; quando o sexo é conhecido, é o masculino.

Concreções de cinza ao redor do sepultamento só com adulto masculino.

Artefatos fusiformes, geralmente pensados como tembetás, aparecem em duas crianças, em dois adultos masculinos e em um adulto maduro, onde as informações sobre sexo são divergentes." (Silva et al., 1990, p.148).

Dentre os sepultamentos que apresentaram acompanhamentos funerários, dois tiveram um tratamento diferente dos demais. Um deles (S. 158), de indivíduo adulto masculino, teve seu corpo cercado por concreções de cinza, e outro, de adulto sem determinação de sexo (S.31) foi cercado por pedras e crânios.

Através da análise do material recolhido e das informações registradas em campo, os autores chegaram a determinação de dois padrões funerários diferentes para os sepultamentos da Praia da Tapera:

O primeiro deles, mais antigo, que consistia em depositar os mortos contra a parede interna das habitações, "*(...) formando cada conjunto de sepultamentos deste padrão um segmento de círculo, que acompanhava a estrutura circular das choupanas, cujo diâmetro ficaria em torno de 4 a 6 m.*" (Silva et al., 1990, p.150). Foram encontrados quatro conjuntos

---

<sup>16</sup> Segundo os autores (1990, p.145) ladeando ou formando coroas ao redor dos esqueletos.

<sup>17</sup> Optamos apenas pelos dados referentes às classes de idade devido a poucas informações em relação ao sexo, mas mencionaremos quando tiverem sido descritas.

que exemplificam este padrão. Segundo os autores (1990, p.150) as choupanas correspondentes não teriam sido todas contemporâneas (Ver figura 45). Como já descrevemos em outro momento, os mortos enterrados desta forma foram depositados estendidos em decúbito lateral (direito ou esquerdo) de modo que a face ficasse voltada para o centro do círculo (habitações). Apenas 1 sepultamento, enterrado neste padrão, possuía acompanhamento funerário.

O segundo padrão funerário, consiste na deposição dos mortos em espaços claramente delimitados, que poderiam corresponder a cemitérios domiciliares. As áreas delimitadas tem forma de quadriláteros, e podem ou não coincidir com o espaço ocupado pelas choupanas do primeiro padrão. Segundo Silva et al., 1990, p.151:

“Estes espaços delimitados podem ser pequenos, abrigando dois ou três enterramentos, ou bastante grandes, ocupando áreas maiores e com maior concentração de esqueletos. Nestes cemitérios, ocorrem tanto adultos e maduros de ambos os sexos, como crianças, provavelmente todos os falecidos de uma casa. Os decúbitos são diversos, mas há uma tendência para os sepultamentos em decúbito ventral ou dorsal, não lateral. A orientação dos corpos parece não seguir qualquer orientação magnética pré-estabelecida, mas a disposição geralmente é paralela ou subparalela.”

Muitos sepultamentos deste padrão, que coincidem com a área das choupanas, perturbaram os enterramentos feitos nestas, indicando sua menor antiguidade em relação àqueles. *“Dentro do mesmo padrão há sobreposição de conjuntos, demonstrando que esta forma de sepultar durou muito tempo e que sobre as choupanas derruídas se construíram outras novas, com seus respectivos cemitérios domiciliares.”* (Silva et al., 1990, p.151).

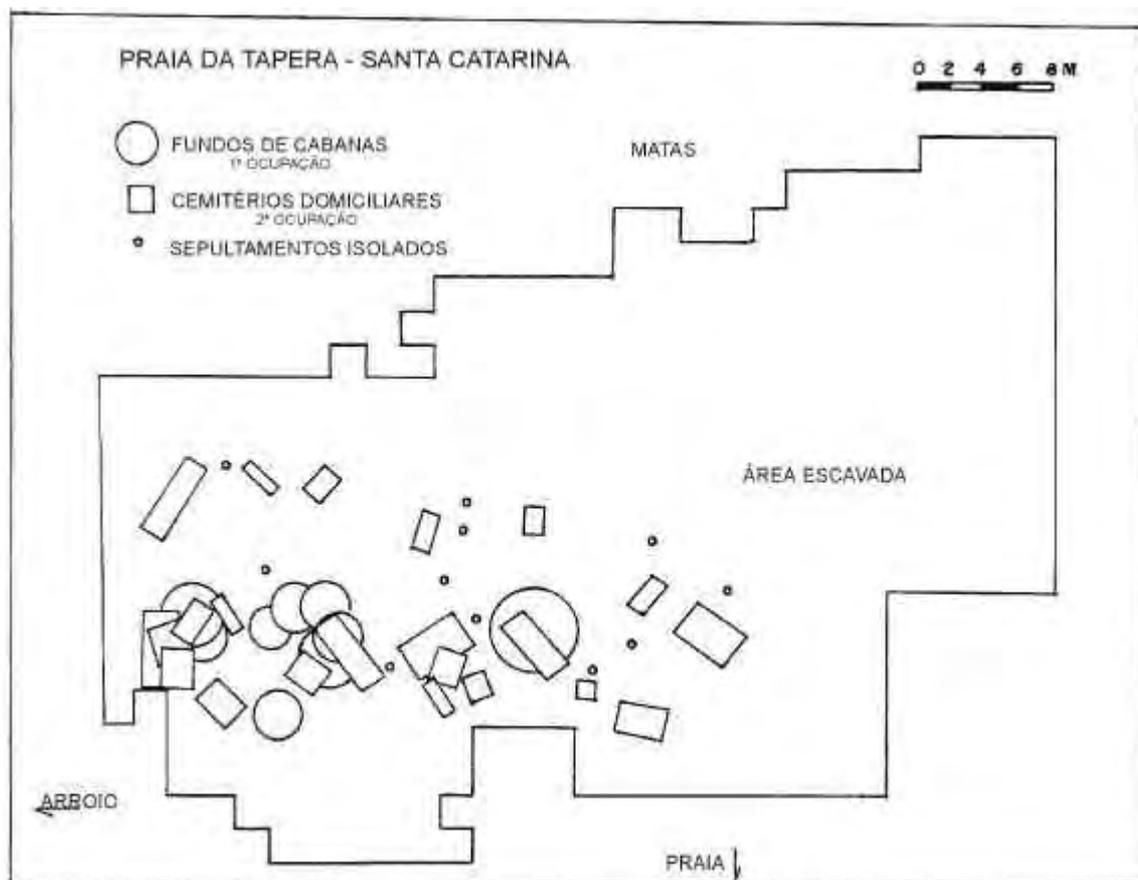


Figura 45 - Fundos de cabana e cemitérios domiciliares. Fonte: Schmitz, 1998, p.211.

Na mesma área onde se encontram os cemitérios domiciliares, foi constatada a presença de alguns sepultamentos com deposição atípica frente aos padrões já descritos. Trata-se de adultos fletidos, em alguns dos quais foram utilizadas pedras para manter a posição dada ao corpo. Alguns destes perturbaram sepultamentos dos cemitérios domiciliares, indicando que seriam posteriores àqueles.

A ocupação do sítio por populações Tupiguarani não deixou vestígios de sepultamentos.

Através da distribuição do material no espaço escavado, ficam evidentes duas ocupações sucessivas de Tradição Itararé, e uma ocupação Tupiguarani posterior a estas.

Relacionando as informações obtidas através da análise dos sepultamentos, com a distribuição dos demais vestígios arqueológicos encontrados no sítio da Praia da Tapera, os autores montaram o seguinte panorama para as duas ocupações sucessivas de Tradição Itararé:

“O primeiro grupo Itararé que chegou à Tapera seria pequeno. Construiu duas ou três choupanas de palha ao longo de um eixo paralelo à praia, numa disposição linear de pequenas moradias circulares, intercaladas por minúsculos espaços não ocupados por habitações. Estas choupanas provavelmente abrigariam famílias nucleares. Seus mortos foram sepultados dentro da moradia, aparentemente ao longo da parte interna da parede oposta à sua entrada, que desta forma continuaria desimpedida, os vivos não correndo o risco de pisar sobre a sepultura do parente morto. Os corpos eram dispostos de lado, estendidos, e de maneira que o rosto do falecido ficasse voltado para o centro da pequena choupana de aproximadamente 4 a 6 metros de diâmetro. Não era costume plenamente configurado dedicar oferendas funerárias aos poucos falecidos desta época.” (Silva et al., 1990, p.194).

O número de mortos nos indica que esta ocupação não teria sido muito longa, talvez algumas poucas dezenas de anos.

O outro assentamento Itararé, ocupou o mesmo espaço que o primeiro. A área habitada foi duplicada, o que poderia ser indicativo de uma população maior ou deslocamento do espaço ocupado. O número de choupanas deste segundo momento, deveria ser um pouco maior, em torno de três ou quatro. O grande número de enterramentos, demonstra que a área foi ocupada por muitos anos.

“Esta aldeia durou muito tempo, talvez mais de meio século, como indica o grande número de pessoas nela falecidas. Os mortos não eram mais sepultados dentro das casas. Eram enterrados em espaços delimitados, geralmente retangulares, aparentemente cercados, à maneira de cemitérios domiciliares.” (Silva et al., 1990, p.194).

Nestes espaços, encontram-se adultos e crianças de ambos os sexos, geralmente

dispostos lado a lado, estendidos de bruços ou de costas. Alguns dos falecidos apresentaram acompanhamentos funerários.

No período da segunda ocupação do assentamento, dois adultos, um masculino e um de sexo indeterminado, receberam um tratamento diferente dos demais. Um deles (n.º 158) teve sua sepultura assinalada por concreções de cinza; e outro (n.º 31) por pedras e crânios humanos.

Assim como Laranjeiras II, o sítio arqueológico da Praia da Tapera, está deslocado de seu núcleo central hierarquizado, e esta distinção, que não aparece entre os demais, poderia estar ligada a uma incipiente hierarquização pessoal ou familiar deste sítio litorâneo.

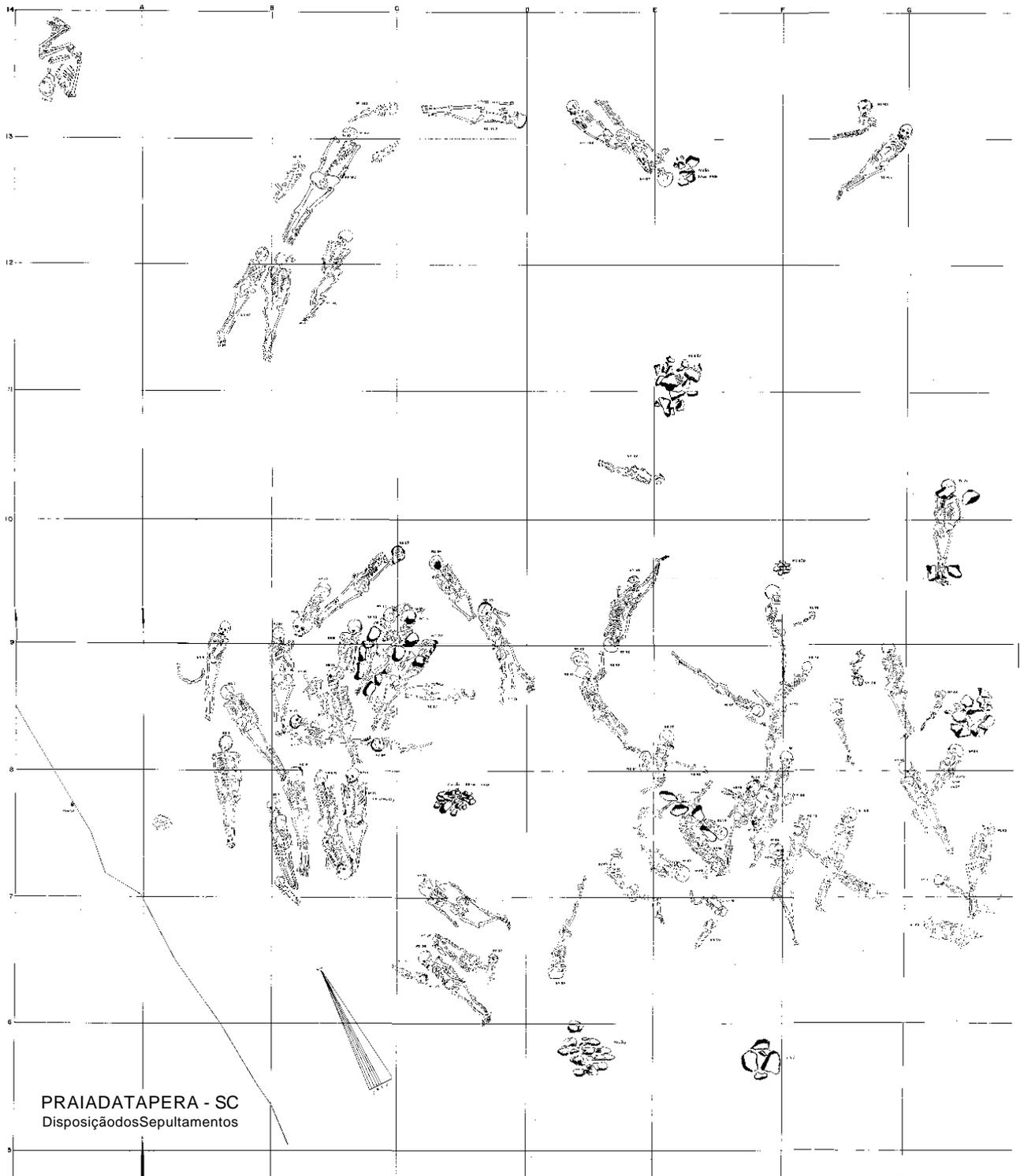


Figura 46: Sepultamento do Sítio Arqueológico da Tapera. Fonte: Silva et al., 1990, anexos.

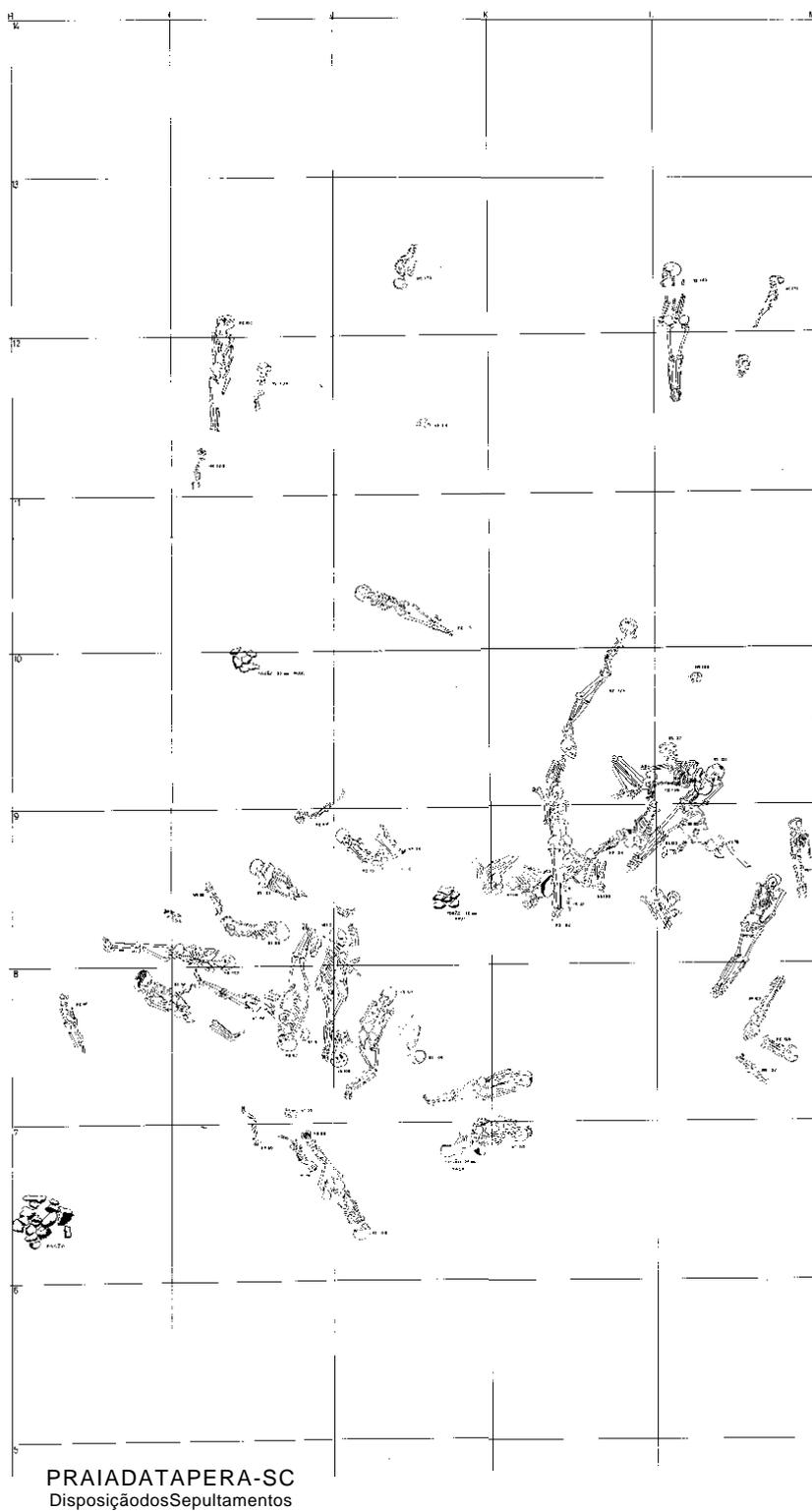


Figura 47: Sepultamentos do Sítio Arqueológico da Tapera. Fonte: Silva et al., 1990, anexos.

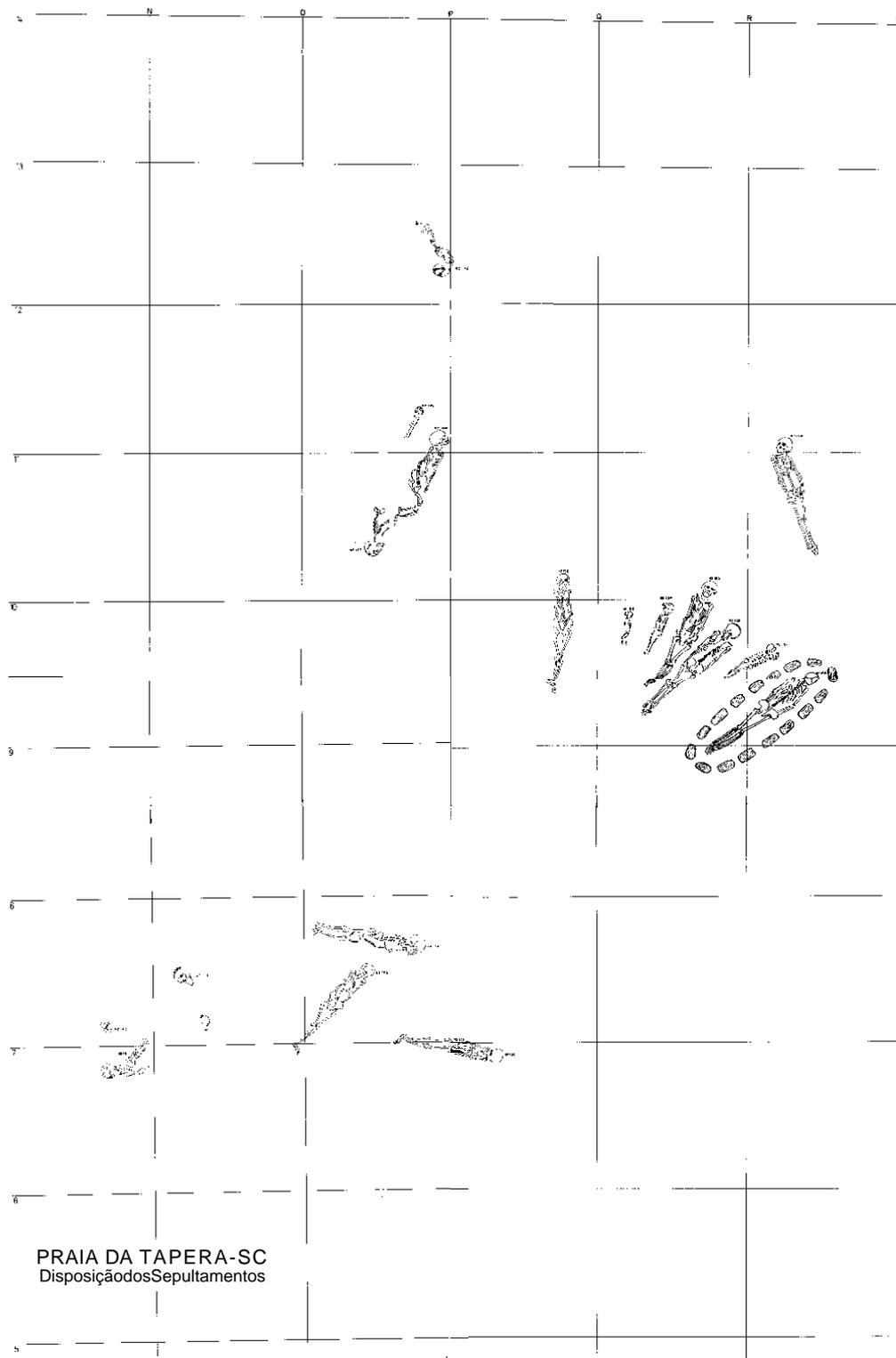


Figura 48: Sepultamentos do Sítio Arqueológico da Tapera. Fonte: Silva et al., 1990, anexos.

## COMPARAÇÃO E CONCLUSÃO

Neste texto comparamos o sítio de Içara, considerado um jazigo funerário ocupado estacionalmente por populações nômades, com assentamentos de populações mais estáveis. Estes sítios mais estáveis podem ser enquadrados da seguinte maneira: 1º Sambaquis de grandes dimensões pensados como representantes de áreas hierarquicamente organizadas, como são encontrados na Baía de Babitonga e na Região de Laguna; representantes da Baía de Babitonga são o Sambaqui do Morro do Ouro e o Sambaqui do Cubatãozinho; representantes da região de Laguna são o Sambaqui de Congonhas I e o Sambaqui de Carniça I; 2º Concheiros rasos em áreas periféricas e não hierarquizadas; representantes desses sítios são Armação do Sul e Laranjeiras I; 3º Concheiros litorâneos de populações ceramistas da tradição Itararé, periféricos também ao centro dessa cultura no Planalto Sul-brasileiro; representantes desses sítios são Laranjeiras II e Tapera.

O Sambaqui do Morro do Ouro é um sítio pré-cerâmico que originalmente apresentava grandes dimensões. Em sua escavação foram recuperados 102 sepultamentos primários, sendo que a maioria estava em posição fletida, em decúbito lateral. Alguns sepultamentos apresentavam acompanhamento funerário. O tratamento dispensado a um dos indivíduos diferencia-se dos demais; trata-se de um sepultamento no qual o esqueleto achava-se depositado em cova preparada, cercado por diversos objetos, entre os quais três zoólitos.

Na mesma região do Sambaqui do Morro do Ouro localiza-se o Sambaqui do Cubatãozinho, um grande sítio pré-cerâmico com vestígios de ocupação ceramista na superfície. Apenas um sepultamento, correspondente à primeira camada, foi descrito por ter recebido um tratamento muito diferente dos demais. A cova em que estava depositado foi cuidadosamente preparada. Nesta, o indivíduo foi depositado fletido sobre um osso de baleia, ligeiramente abaulado, com vestígio de corante nas extremidades. Esta peça tapava uma cova retangular, na qual estavam os acompanhamentos funerários: um zoólito, 124 seixos, um amontoado de conchas perfuradas e 236 grandes escamas de peixe.

O Sambaqui de Congonhas I é um sítio pré-cerâmico de grandes dimensões, cujo início foi datado em  $3.270 \pm 200$  anos A.P.. Os 22 indivíduos encontrados neste sítio estão em deposição primária, a maioria estendida em decúbito dorsal ou ventral, com vestígios de corante vermelho. Alguns sepultamentos apresentavam acompanhamento funerário. Contrapondo-se à maioria dos sepultamentos, um deles chama a atenção por sua elaboração e complexidade; trata-se de um enterramento triplo, de dois adultos e de uma criança, depositados em uma cova preparada, com paredes compostas por três camadas de argila, e recheada com grande número de artefatos de pedra, osso e concha, bem como corante vermelho.

Carniça I assemelha-se muito a Congonhas I. Também é um Sambaqui pré-cerâmico de grandes dimensões, com uma ocupação de no mínimo seis séculos. As datas obtidas variam entre  $3.370 \pm 100$  A.P. (A - 919) e  $2.400 \pm 110$  A.P. (A - 884). Não temos o número preciso dos sepultamentos encontrados no sítio, nem sua forma de deposição. A única estrutura diferente chamou atenção e foi descrita; trata-se de um enterramento múltiplo cuja cova foi preparada em forma de um sarcófago confeccionado em argila, e decorado com

linhas paralelas em ocre vermelho.

Armação do Sul é um sítio pré-cerâmico raso, considerado estável, cujo início é colocado entre 2.760 e 2.580 anos A.P.. Os 86 sepultamentos encontrados neste sítio apresentam um padrão funerário bem definido. Os corpos eram depositados em covas rasas, estendidos em decúbito dorsal ou ventral, sendo que a maioria destes apresentava acompanhamento funerário. Na cova não havia destaque aparente para nenhum destes indivíduos. Entre os sepultamentos que receberam algum tipo de acompanhamento, encontra-se o de um indivíduo com mais de 50 pontas de projétil sobre o peito. Não consideramos este fato como indício de destaque ou privilégio, e sim algo funcional ocasional.

O sítio arqueológico de Laranjeiras I, assim com o de Armação do Sul, é um sítio pré-cerâmico raso, considerado estável, datado em  $3.815 \pm 145$  anos A.P. (I – 10.893). Nele, foram recuperados 52 sepultamentos primários, predominantemente estendidos em decúbito ventral. A maior parte destes não apresentava acompanhamento funerário, não havendo destaque aparente para nenhum deles.

O sítio arqueológico de Laranjeiras II corresponde a uma aldeia estável, ocupada por populações de tradição Itararé, para o qual não temos datas precisas. Os 114 sepultamentos encontrados no sítio são primários, predominantemente fletidos. A maioria deles, com exceção de alguns casos isolados, encontrava-se depositada dentro do espaço das habitações, mais precisamente, ao longo das paredes. O acompanhamento funerário é pouco expressivo. Apenas um sepultamento, de todo este conjunto, recebeu tratamento diferenciado dos demais; trata-se de um indivíduo maduro, fletido, enterrado mais próximo da praia, perto da área de descarte do lixo ofensivo, e que tinha o corpo defendido do mar por um grande pedaço de

mandíbula de baleia.

O sítio arqueológico da Tapera, assim como Laranjeiras II, corresponde a uma aldeia estável de populações ceramistas da tradição Itararé, superficialmente Tupiguarani. As datas de  $C^{14}$  para a ocupação Itararé são de  $1.140 \pm 180$  (SI-245) e 1.030 (SI-246) A.P., e 550 A.P. (SI-144) para a Tupiguarani. Neste sítio foram encontrados 172 sepultamentos primários, predominantemente estendidos. Eles encontravam-se depositados dentro das choupanas, ou em cemitérios domiciliares delimitados. Alguns sepultamentos possuíam acompanhamento funerário, dentre os quais, dois tiveram um tratamento diferente: um deles teve o corpo cercado por concreções de cinza, e o outro foi cercado por pedras e crânios humanos.

Içara ao contrário de todos os sítios apresentados, corresponde a um sítio pré-cerâmico raso, considerado local de acampamentos estacionais e temporários por população nômade. Os sepultamentos apresentam diferenças na forma da disposição sendo: 20 primários, predominantemente simples, em posição estendida, fletida ou fortemente fletida, em decúbito ventral; 25 secundários não-cremados, 2 parcialmente cremados, a maioria com sepultamentos individuais; e 35 cremados, predominantemente múltiplos. Os sepultamentos encontravam-se em conjuntos organizados, nos quais primários e secundários, de diferentes sexos e idades, dividiam o mesmo espaço, não se percebendo tratamento especial para nenhum deles.

Comparando-se as diferentes formas de sepultamento destes assentamentos percebe-se que os grandes concheiros, Sambaqui de Congonhas I, Sambaqui da Carniça I, Sambaqui do Morro do Ouro e Sambaqui do Cubatãozinho apresentam características semelhantes na estruturação do assentamento (são grandes construções) e na forma de enterrar seus mortos,

na qual a maioria dos indivíduos recebe um tratamento uniforme e um sepultamento é fortemente destacado, indicando distinção aparente entre os membros do grupo.

Da mesma forma, os dois concheiros rasos Armação do Sul e Laranjeiras I, assemelham-se, pois não apresentam distinções entre os indivíduos enterrados dentro do espaço ocupado, e este não é claramente estruturado. Em ambos os casos não se percebem indícios de hierarquia.

Nas aldeias ceramistas, Laranjeiras II e Tapera, percebe-se organização mais definida das estruturas, que se reflete na forma de deposição dos mortos. Entre estes existem um ou dois sepultamentos mais estruturados, que poderiam ser interpretados como indícios de hierarquia no grupo.

Já Içara é completamente diferente dos apresentados até aqui. O sítio não apresenta estruturas coetâneas, mas sucessivas, e os sepultamentos, apesar das diferentes formas de deposição, não apresentam diferenças entre si, ou seja, não há nenhum indício de distinção social ou hierárquica entre os membros do grupo.

Analisando as diferenças apresentadas entre os sítios estudados, observamos que os grandes sambaquis estudados, estão nas áreas hierarquizadas, sendo representantes típicos desta hierarquia, tanto pelo tamanho das construções, como pela presença dos zoólitos. Já os sítios de Armação do Sul e Laranjeiras I são periféricos às áreas onde se encontram os grandes sambaquis, e podem estar representando uma forma de povoamento menos estruturada e menos dependente.

Os sítios Laranjeiras II e Tapera, da tradição ceramista Itararé, são aldeias deslocadas de seu núcleo central hierarquizado. No Planalto, centro básico desta cultura, os inícios de hierarquização são representados por grandes montículos artificiais isolados, ou dentro de recintos entaipados (terrenos aplanados circundados por taipas de terra (Schmitz, 2000)). Neste sentido, a diferença de tratamento dispensado a poucos indivíduos nos sítios ceramistas trabalhados, poderia indicar algum indício de hierarquização, mesmo em aldeias periféricas.

Içara não tem um centro cultural como os grandes sambaquis e as aldeias ceramistas, nem mesmo pode ser considerada como periférica a estes. Trata-se de um acampamento estacional utilizado como jazigo funerário por populações nômades, sendo, até agora, uma completa exceção no litoral catarinense.

O trabalho feito nos leva a algumas considerações, que apresentamos a maneira de conclusão:

1. A forma de deposição dos mortos, seu tratamento e acompanhamento, e o espaço que a sociedade usa ou cria para deixá-los, pode oferecer sugestões a respeito de sua organização social.

2. O estudo dos sítios escolhidos mostra que vale a pena não uniformizar e nivelar todas as sociedades litorâneas, baseando-nos no fato de que pescam, recolhem moluscos e caçam.

3. É preciso tomar em consideração que, além daquelas populações que se estruturaram originariamente no litoral e a ele se restringiam, havia no sul do Brasil outras

populações cujo território de domínio era mais amplo e que, em algum momento, podem ter-se expandido ao litoral, nele fixando algumas unidades, ou que fizeram de alguns espaços do litoral pontos de abastecimento ou atuação, regular ou ocasional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEBER, Marcus Vinícius & SCHMITZ, Pedro I. A distribuição espacial do material lítico do sítio SC-IC-01, Içara, SC. In SOUZA, Sheila M. F. Mendonça (Org.). *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira/22 a 26 set.1997*. Rio de Janeiro, ago. 2000. 7p.[Arqueologia e Suas Interfaces Disciplinares]. Disponível em CD-ROM.
- BECK, Anamaria. O Sambaqui de Congonhas I. Relatório Preliminar. *Separata dos Anais do Instituto de Antropologia*, n.1, Florianópolis: Imprensa Universitária, 1968. 56p.
- \_\_\_\_\_. Os Sambaquis da Região do Litoral de Laguna - Santa Catarina. In *O Homem Antigo na América*. São Paulo: Instituto de Pré-História/USP, 1971. [p.69-77].
- \_\_\_\_\_. *A Variação do Conteúdo Cultural dos Sambaquis. Litoral de Santa Catarina*. Florianópolis, 1972. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 286p.
- BECK, Anamaria, DUARTE, Gerusa M. & REIS, Maria J. Sambaqui do Morro do Ouro. Nota Prévia. In *Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n.20, p.31-56, 1969.
- BECK, Anamaria, ARAÚJO, Edson M. & DUARTE, Gerusa M. Síntese da Arqueologia do Litoral Norte de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia*, n.3, p.23-48, 1970.
- BIGARELA, João J., TIBURTIUS, Guilherme & SOBANSKI, Arnoldo. Contribuição ao Estudo dos Sambaquis do Litoral Norte de Santa Catarina: Situação geográfica e descrição sumária. *Separata dos Arquivos de Biologia e Tecnologia*, v.IX, n.1, art.8, p.99-140. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1954.

- CHAPMAN, Robert & KINNES, Ian & RANDSBORG, Klavs (Eds.). *The Archeology of Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981, 81p.
- DIAS, Ondemar & CARVALHO, Eliana. A Pré-História da Serra Fluminense e a Utilização das Grutas do Estado do Rio de Janeiro. In SCHMITZ, Pedro I. (Editor) Estudos de Arqueologia e Pré-História Brasileira. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n.31, p.43-86, 1980.
- FAGUNDES, Lúcia Elaine. *Bororo, Como Consideras teu Espaço?* São Leopoldo, 1994. Dissertação de Mestrado em História Ibero-Americana, UNISINOS. 156p.
- FARIA, L. Castro. O Problema da Proteção dos Sambaquis. *Separata dos Arquivos do Museu Nacional*, v. XLIX, p.95-138. Rio de Janeiro, 1959.
- GASPAR, Maria Dulce. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. 89p. [Descobrimdo o Brasil].
- GOMES, Juliane Maria Puhl. *Os Sepultamentos do Sítio Arqueológico de Içara, SC (SC-IÇ-01)*. São Leopoldo, 1998. Trabalho de Conclusão do curso de História da UNISINOS. 96p.
- GOMES, Juliane M.P., HAUBERT, F. & KREVER, Maria Luisa B. Os Sepultamentos de Içara I: as formas de sepultamento. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, UNISC, v.23, n.29, p.31, 1999.
- GOULART, Marilandi (Coord.). *Relatório à Universidade Federal de Santa Catarina e à Prefeitura Municipal de Joinville*. Projeto tecnologia e padrões de subsistência de grupos pescadores-coletores pré-históricos, habitantes do Sambaqui do Morro do Ouro, Joinville, Santa Catarina. Florinópolis: UFSC/Prefeitura Municipal de Joinville, 1980. 105p.
- GRAY, H. *Tratado de Anatomia Humana*. v.1, 24 ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1946. 764p.
- HAUBERT, F., KREVER, Maria Luisa B. & GOMES, Juliane M.P. Os Sepultamentos de Içara II: material e métodos. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, UNISC, v.23, n.29, p.32, 1999.
- HODDER, Ian. *The Domestication of Europe: structure and contingency in Neolithic societies*. Oxford: Basil Blackwell Ltd, 1990. 331p.

- HURT, Wesley R. The Interrelationships Between the Natural Environment and Four Sambaquís, Coast of Santa Catarina, Brazil. *Occasional Papers and Monographs*, Indiana University, n.1, 1974. 24p.
- KREVER, Maria Luisa B., GOMES, Juliane M.P. & HAUBERT, F. Os Sepultamentos de Içara III: resultados. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, UNISC, v.23, n.29, p.33, 1999.
- KREVER, Maria Luisa B., HAUBERT, F., GOMES, Juliane M.P. & SCHMITZ, Pedro I. *Os Sepultamentos de Içara*. Comunicação à X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Recife, 1999.
- LAVINA, Rodrigo. *Os Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, 1994. 165p.
- LIMA, Tânia Andrade. Os Construtores de Sambaquis: Complexidade Emergente no Litoral Sul/Sudeste Brasileiro. In SOUZA, Sheila M. F. Mendonça (Org.). *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira/22 a 26 set.1997*. Rio de Janeiro, ago. 2000. 5p.[Arqueologia e Suas Interfaces Disciplinares]. Disponível em CD-ROM.
- LUFT, Vlademir J. *Da História à Pré-História: as ocupações das sociedades Puri e Coroado na bacia do Alto rio Pomba (o caso da Serra da Piedade)*. Rio de Janeiro, 2000. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 174p.
- MACHADO, Lilia Cheuiche. Análise dos Remanescentes Ósseos Humanos do Sítio de Corondó, RJ. Aspectos biológicos e culturais. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, n.1, Rio de Janeiro, 1984. [Série Monografias].425p.
- MONTOYA, Antonio R. de. Carta Anua do Padre Antonio Ruiz de Montoya, superior da missão do Guairá, dirigida em 1628 ao Padre Nicolau Duran, Provincial da Companhia de Jesus. In CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951. [p.259-298].
- PROUS, A. & PIAZZA, W. Documents pour la préhistoire du Brésil méridional. L'État de Santa Catarina. Paris, *Cahiers D'Archeologie D'Amérique du Sud*, v.2, n.4, 1977. 178p.
- RENFREW, Colin & BAHN, Paul. *Arqueología: Teorías, Métodos y Práctica*. Madrid: Akal Ed., 1993. 571p.

ROSA, André O. Análise dos restos faunísticos do sítio arqueológico SC-IÇ-01, município de Içara, SC. *Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Paulo v.1, p.333-334, 1996.

\_\_\_\_\_. Remanescentes de Fauna e Flora. In SCHMITZ, Pedro I. et al. Içara: Um Jazigo Mortuário no Litoral de Santa Catarina. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n.55, p.31-64, 1999.

\_\_\_\_\_. Remanescentes faunísticos da jazida arqueológica SC-IÇ-01. In SOUZA, Sheila M. F. Mendonça (Org.). *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira/22 a 26 set.1997*. Rio de Janeiro, ago. 2000. 8p.[Arqueologia e Suas Interfaces Disciplinares]. Disponível em CD-ROM.

SCHMITZ, Pedro I. Acampamentos litorâneos em Içara, SC. Um exercício em padrão de assentamento. *Clio*, Recife, n.11, v.1, p.97-118. [Série Arqueológica].

\_\_\_\_\_. *Em Busca de uma História Continua: O Kaingang e seus antepassados*, 2000. No prelo. 15p.

\_\_\_\_\_. Peopling of the Seashore of Southern Brazil. In PLEW, Mark G. (Ed.). *Explorations in American Archaeology*. Essays in Honor of Wesley R. Hurt. Lanham: University Press of America, 1998. [p.193-220].

SCHMITZ, Pedro Ignácio & BITENCOURT, Ana Luiza V. O Sítio Arqueológico de Laranjeiras I, SC. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n.53, 1996. [p.13-76].

SCHMITZ, Pedro I. & GOMES, Juliane M.P. *Os Sepultamentos do Sítio de Içara, SC*. Comunicação apresentada no IX Congresso de Arqueologia. Colonia, Uruguai, 1997.

SCHMITZ, Pedro Ignácio et al.. O Sítio Arqueológico da Armação do Sul. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n.38, 1992. 220p.

SCHMITZ, Pedro Ignácio et al.. O Sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma Aldeia da Tradição Ceramista Itararé. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n.49, 1993.181p.

SCHMITZ, Pedro Ignácio et al. Içara: Um Jazigo Mortuário no Litoral de Santa Catarina. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n.55, 1999. 164p.

SILVA, Sérgio B. da. *O Sítio Arqueológico da Praia da Tapera: Um assentamento*

*Itararé e Tupiguarani*. Porto Alegre, 1988. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, Sérgio B. da Silva et al.. O Sítio da Praia da Tapera: Um Assentamento Itararé e Tupiguarani. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n.45, 1990. 210p.

TIBURTIUS, Guilherme & BIGARELA, Iris Koehler. Objetos Zoomorfos do Litoral de Santa Catarina e Paraná. *Pesquisas, Antropologia*, 1960, n.7. 51p.

TIBURTIUS, Guilherme. Wildschweinhauer als Werkgeräte: aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n.11, 1961. 28p.

UBELAKER, Douglas H. *Human Skeletal Remains*. Excavation, analysis, interpretation. Chicago: Aldine Publishing Company, 1878.172p.

### ***Bibliografia Auxiliar***

BECKER, F., FARINA, S. & SCHEID, U. *Apresentação de Trabalhos Escolares*. Orientação para datilografia e digitação. 19 ed. Porto Alegre: Multilivro, 2000. 69p.

MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. *Práticas Funerárias das Populações Pré-Coloniais e Suas Evidências Arqueológicas* (Reflexões Iniciais). Porto Alegre, 1995. Dissertação de Mestrado/PUCRS.113p.

NEVES, Walter A. Paleogenética dos Grupos Pré-Históricos do Litoral Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina). *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n.43, 1988.178p.

SANTOS, G. & PASSOS, R.. *Manual de Organização de Referências e Citações Bibliográficas para Documentos Impressos e Eletrônicos*. Campinas: Ed. Da UNICAMP/Ed. Autores Associados, 2000. 92p.

## **ANEXOS**

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)